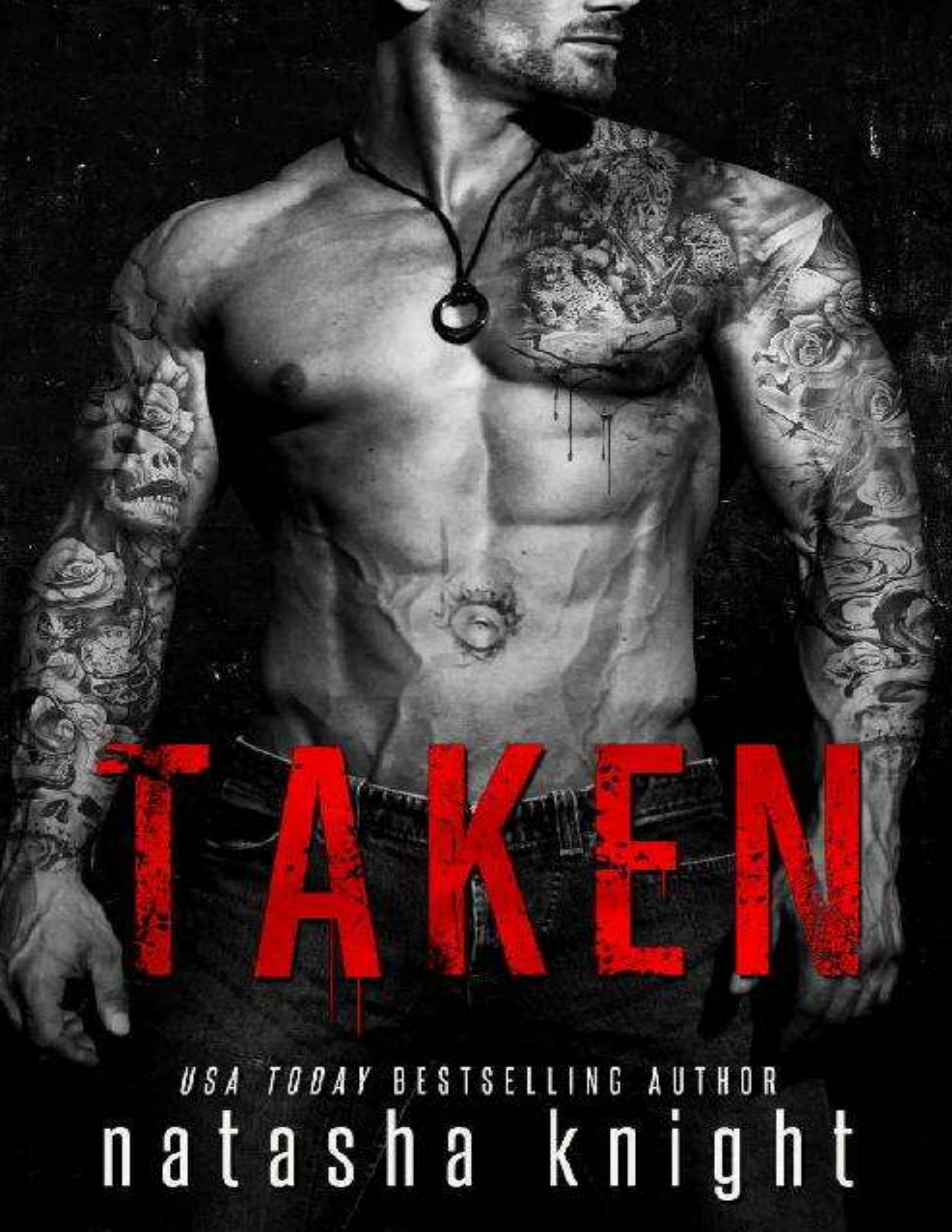

TAKEN
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
natasha knight


PEGASUS
LANÇAMENTOS
Queens of Shadows
Apresentam
TAKEN
Natasha Knight

Staff
Pegasus Lançamentos
&
Queens Of Shadows

Tradução: Juuh Alves

Revisão Inicial: Luiza Nerd

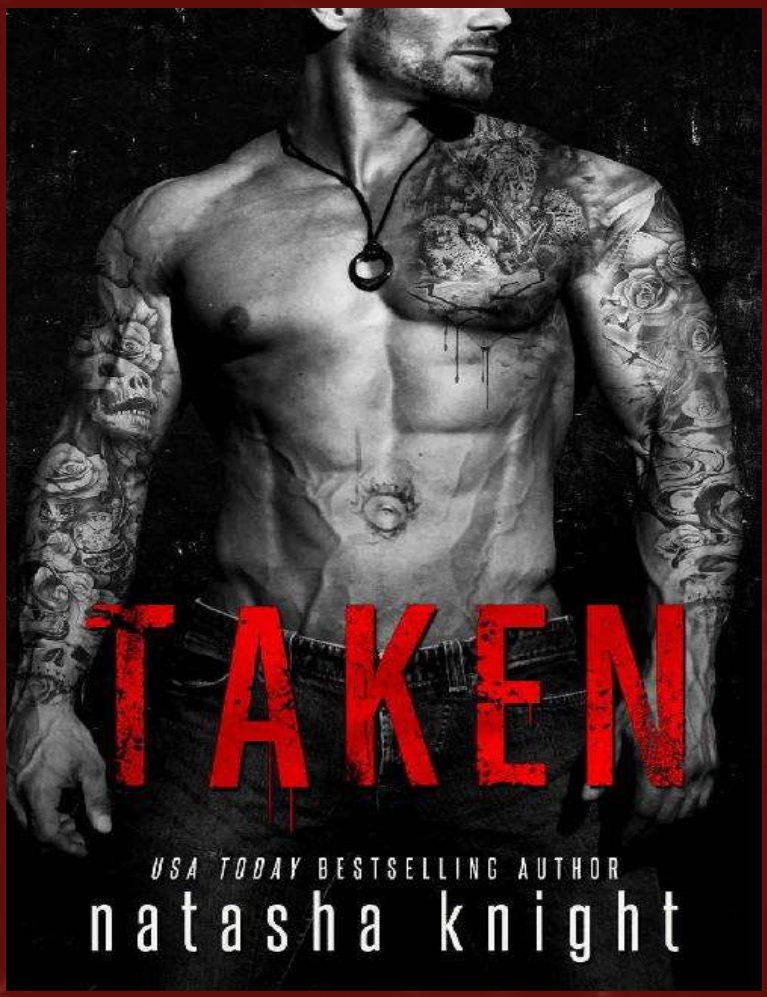
Revisão Final: Kali Nerd

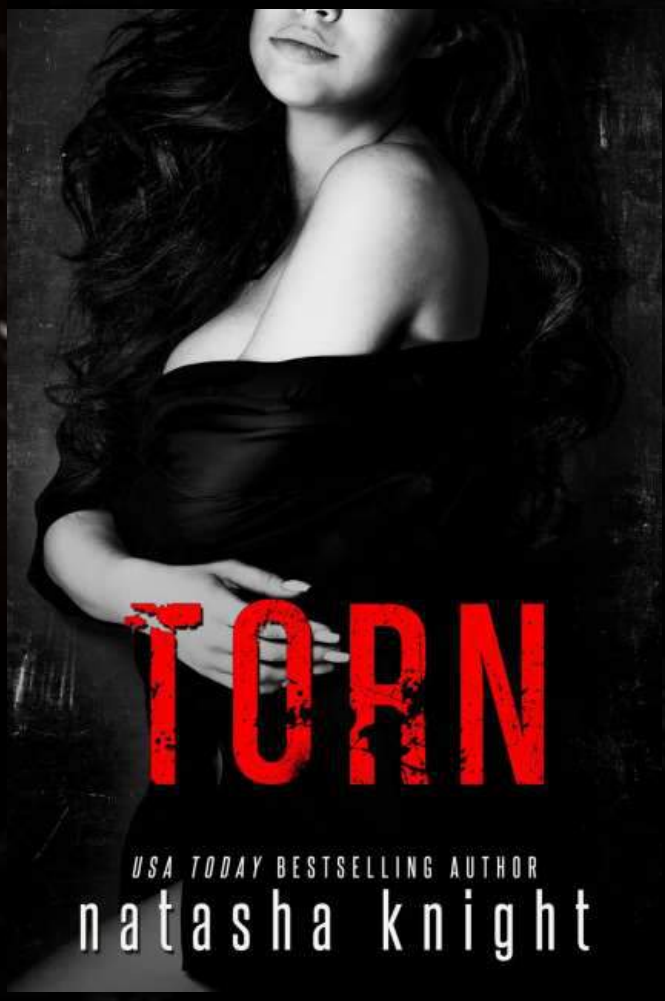
Leitura Final: Lilly Draconi

Verificação: Silvia Helena

Verificação Final e Formatação: Shya

Dark Legacy Duet





Eu sou uma das quatro filhas da Família Willow.

Ele é o primogênito da Família Scafoni.

E nós temos uma história.

Por gerações, a família Scafoni exigiu um sacrifício de nós.

Uma filha virgem, para pagar pecados tão antigos, que nem sequer lembramos mais quais eram.

Mas quando você tem tanto dinheiro quanto eles, não joga de acordo com as regras. Você as faz.

E Sebastian Scafoni faz todas as regras.

No momento em que o vi, soube que ele me escolheria. Mesmo que a marca na barra do meu manto me declarasse impura, mesmo que minhas lindas irmãs estivessem ao meu lado, sendo oferecidas, ele ainda me escolheu.

Ele me fez dele.

E então, me torturou até me quebrar.

natashaknight

Prólogo

Helena

Eu sou a mais velha das quadrigêmeas Willow. Quatro meninas. Sempre meninas. Cada nascimento de quádruplos, geração após geração, são sempre meninas.

A safra desta geração rendeu o usual, mas em vez de quatro bonecas perfeitas e bonitas, havia três.

E eu.

E hoje, no nosso vigésimo primeiro aniversário, é o dia da colheita.

Essa palavra é a escolha da família Scafoni, não a nossa. Pelo menos não minha. No entanto, meus pais parecem muito mais confortáveis com isso do que minhas irmãs e eu.

A colheita é sempre no vigésimo primeiro aniversário das quads[1]. Eu não sei se está talhado em pedra ou o quê, mas é o que é e é o que está no fundo da minha mente desde que conheci nossa história, há cinco anos.

Há uma expressão: *aqueles que não conseguem lembrar o passado, estão condenados a repeti-lo.* Bem, isso é besteira, porque nós Willow conhecemos bem nosso passado e o contemplamos agora.

Os mesmos blocos que foram usados por séculos, de pé na antiga biblioteca, suas superfícies suavizadas pelos pés de todas as outras mulheres Willow que estiveram nos mesmos troncos de madeira e tudo em que posso pensar quando os vejo, os quatro alinhados como estão, é em como isto é arcaico e irreal. Em que não deveriam fazer isso conosco.

No entanto, aqui estamos nós.

E eles estão fazendo isso para nós.

Mas não *somos nós*, realmente.

Meu manto está marcado.

Eu sou *impura.*

Então há minhas irmãs.

[1] como comumente conhecido pelo número quatro , como em quatro pessoas ou um grupo de quatro . Sabe-se também que um quad é e tem sido um grupo muito impressionante de pessoas.

Às vezes, não tenho certeza de quem odeio mais, minha própria família por permitir essa insanidade geração após geração ou os monstros Scafoni por exigirem o sacrifício.

— Está na hora. — Diz meu pai. Sua voz é grave.

Ele envelheceu nos últimos meses. Eu me pergunto se isso é remorso, porque certamente não é coragem.

Ouvi ele e minha mãe discutirem uma vez, exatamente uma vez, depois nunca mais.

Ele simplesmente aceitou.

Aceitou que nesta noite suas filhas seriam expostas naqueles blocos horríveis, enquanto um bastardo Scafoni olha para nós, cutuca e talvez verifique nossos dentes como se fôssemos cavalos, antes de fazer sua escolha. Antes de tomar uma das minhas irmãs pelos próximos três anos de sua vida.

Eu não sou ingênua o suficiente para não saber do que isso se trata exatamente. Talvez minhas irmãs sejam, mas não eu.

— No bloco. Agora, Helena.

Olho para minhas irmãs, que já estão sendo suavemente direcionadas em seus blocos. Elas estão mais pálidas do que o normal esta noite e juro que posso ouvir seus corações batendo com medo do que está por vir.

Quando não me movo imediatamente, meu pai dolorosamente pega meu braço e me levanta, tudo em que posso pensar, a única coisa que me dá a menor esperança, é que se Sebastian Scafoni me escolher, encontrarei uma forma de acabar com isso. Não condenarei minhas filhas e netas a este destino.

Mas ele não irá me escolher e acho que é por isso que meus pais estão mais furiosos do que o normal comigo.

Veja, sou o patinho feio. Pelo menos seria considerada feia ao lado das minhas irmãs.

E o fato de ser impura, uma *não virgem*, significa que não serei tomada.

O bastardo Scafoni escolherá uma das preciosas filhas douradas.

Douradas, em contraste com minha escuridão. Douradas literalmente. Minhas irmãs são quase brilhantes.

Olho para elas enquanto meu pai prende a algema de ferro ao meu tornozelo. Ele não fez isso com nenhuma delas. Elas farão o que ele mandar, mesmo que seus olhos saltem das portas de três metros fechadas, depois para mim e voltem de novo, de novo e de novo.

Mas não tenho proteção para oferecer. Não essa noite e não para isso.

Os fundos dos meus olhos queimam com lágrimas que me recuso a derramar.

— Como você pode fazer isso? Como pode permitir isso? — Pergunto pela centésima vez. Estou falando com minha mãe, enquanto meu pai aperta as algemas em meus pulsos, certificando-se de que eu não ataque os monstros.

— Melhor amordaçá-la também.

É a resposta da minha mãe à minha pergunta e um momento depois, meu pai faz o que ela manda e garante meu silêncio.

Odeio mais a minha mãe, eu acho. Ela é uma quadrigêmea Willow e testemunhou uma colheita por si mesma. Testemunhou o resultado dessa tradição cruel.

Tradição.

Uma tradição de sequestro.

Uma tradição de quebrar.

Uma tradição de destruir.

Olho para minhas irmãs novamente. Três cópias carbono uma da outra, com longos cabelos loiros enrolados ao redor dos ombros, descendo pelas costas, os olhos azuis arregalados de medo.

Bem, exceto Julia.

Ela é diferente das outras. Ela é mais... ansiosa. Mas não acho que tem ideia do que farão com ela.

Já eu, ninguém diria que vim do mesmo lote.

Em contrapartida aos seus cabelos loiros, meu cabelo é tão preto que parece quase azul, com uma única faixa larga de cor prata para aliviar a sombra gritante, uma falha com a qual nasci. E contrastando seus olhos azul-centáurea[2], os meus são cor do céu da meia-noite, ali também, o único alívio são as partículas prateadas que os pontuam.

Elas se parecem com minha mãe. Como bonecas perfeitas.

Eu pareço com minha tia-avó, que também se chamava Helena, até a faixa prata que me recuso tingir. Ela está em seus noventa agora. Pergunto-me se tiveram que trancá-la em seu quarto e roubar sua cadeira de rodas, para que ela não interferisse na cerimônia.

Tia Helena foi a menina escolhida de sua geração. Ela sabe o que está guardado para nós melhor que ninguém.

— Eles estão chegando. — Minha mãe diz.

Ela tem super audição, juro, mas um momento depois também os ouço. Uma porta bate além da biblioteca e o instante apaga uma dúzia das mil velas que iluminam a enorme sala.

Uma empregada corre para acendê-las. Sem eletricidade. Tradição, eu acho.

[2] Centaurea é um género de plantas herbáceas, cardos ou semelhantes a cardos, com cerca de 350 a 500 espécies pertencente à família Asteraceae. São nativas essencialmente do Velho mundo.

E se fosse Sebastian Scafoni, gostaria de dar uma boa olhada no prêmio que teria para o próximo ano. E não tenho dúvidas de que o fará porra, porque o que mais pode quebrar uma garota tão completamente, do ser despojada disso, de todas as formas?

E não é apenas um ano. Não. Somos dadas por três anos. Um ano para cada irmão, do mais velho para o mais novo. Costumava ser quatro, mas agora são três.

Eu beliscaria meu braço para ter certeza de que estou realmente de pé aqui, que não estou sonhando, mas minhas mãos estão amarradas nas minhas costas e não posso.

Isso não pode ser real. Não pode ser legal.

No entanto, aqui estamos nós, as quatro, nuas sob nossos mantos translúcidos e apodrecidos, juro que sinto o cheiro da decomposição deles, de pé nos blocos designados, oscilando sobre eles. Acho que as Willow do passado tinham pés menores. E admito, quando ouço seus passos pesados e confiantes se aproximando das antigas portas de madeira da biblioteca, sinto medo.

Sinto muito medo.

1

Sebastian

Ethan e Gregory me seguem, enquanto caminhamos através desta casa esquecida entre uma plantação de milho no meio do nada nos Estados Unidos. Por que porra alguém escolhe viver aqui está além de mim. Apenas espero que a garota não seja uma idiota. Um ano é muito tempo.

Ethan está sussurrando algo no ouvido de Gregory, Gregory está ainda mais silencioso que o normal.

Olho de volta para eles, sei que o silêncio de Greg leva as pessoas a pensarem que ele é o mais seguro, mas não é. Ele é o mais sádico, se você me perguntar. Quer dizer, se houver níveis. O sadismo pode ser medido em níveis?

— Nós decidimos juntos. — Ethan diz para mim. Ele repetiu esse mantra pelas últimas quarenta e oito horas.

— Eu decido, irmãozinho. — Ele tem vinte e cinco anos, três anos mais novo que eu. Gregory tem vinte e quatro.

— Ela é toda nossa. — Diz ele, soando como uma criança fodida que não consegue o que quer.

— Não. — Eu esclareço, estou tentando ser paciente porque, na verdade, não posso culpar Ethan por ser do jeito que ele é. — Ela é minha.

— Ela apenas é sua primeiro.

— Dê um tempo, Ethan. — Eu digo.

— Sebastian. — Os saltos da minha madrasta estalam sobre a madeira. — Não brigue com seu irmão. Você sabe que não gosto de ver isso. — Ela vai até Ethan e toca sua bochecha. — Vocês todos terão sua vez com a prostituta Willow. Elas são resistentes.

Sua aversão às mulheres Willow é tão óbvia, que uma parte de mim deseja sorte à mulher escolhida, porque ela precisará dela para sair da casa dos Scafoni quando seus três anos acabarem. Precisa ser alguém com uma espinha de aço para sobreviver a minha madrasta, não importa meus irmãos e eu.

— Por que você as odeia, Lucinda? —Pergunto, aproveitando o meu poder sobre ela.

Verdade seja dita, ela provavelmente me odeia tanto quanto as Willow, mas isso não importa. Eu posso não ser seu filho biológico, mas sou o Mestre da Família Scafoni. Meu pai está morto, sou o mais velho e

não tenho intenção de deixar ninguém me governar ou usurpar meu lugar, especialmente Lucinda.

— Elas são prostitutas, Sebastian. Estão lá para servir a um propósito. Lembre-se disso, em vez de limitar seus irmãos. Primeiro a família. Nunca esqueça.

— Você não precisa me lembrar disso, Lucinda. Apenas quero entender seu ódio por elas. Quer dizer, o que elas são para você? Não é uma Scafoni por sangue, afinal.

Isso a irrita e esse fato me faz sorrir.

As portas da biblioteca se abrem, salvando-a de ter que responder.

Mil velas queimam dentro, lançando um brilho quente na grande sala. Não tenho certeza de qual cheiro é mais forte, de livros antigos, de cera derretida ou medo.

Eu vejo o primeiro manto branco e por mais que goste de dizer a mim mesmo que isso não é mais do que uma obrigação familiar, uma emoção passa por mim.

Estou animado para reivindicar minha garota Willow.

Lucinda recua, assim como é o lugar dela.

Eu dou um passo à frente e viro para minha direita, onde o Sr. e a Sra. Willow, os pais orgulhosos da safra desta geração, estão com rostos fantasmagóricos. Aceno minha saudação. Eu sou civilizado, pelo menos.

Olho a sala ainda evitando as mulheres em seus blocos, guardando-as para o final, apreciando a antiga biblioteca, a única coisa velha nessa casa, o restante foi reconstruído há dez ano, e isso também foi feito a baixo custo. Odeio o barato. Mas acho que até então, o dinheiro da colheita anterior acabou.

Com base em esboços antigos, esta casa já foi uma grande propriedade, antes do incêndio que a devastou anos atrás. Mas a biblioteca é a sala mais importante, a que se manteve em pé de igualdade, conforme o contrato. E é o único local com que me importo.

Velhas e antigas vigas de madeira suspensas, impedem que o teto desmorone sobre nossas cabeças, as janelas em arco refletem a cena lá dentro. Eu me pergunto o quão brilhante é durante o dia. E se podemos ver partículas de poeira de mil anos perturbadas, quando os fantasmas vasculham os velhos volumes, procurando uma maneira de sair deste pesadelo para ajudar suas mulheres.

Fico rígido com o pensamento e por um momento entendo o ódio de Lucinda. Os Willow não são os únicos amaldiçoados a repetir essa tradição antiga e insana.

Uma vela pisca.

Eu me pergunto se as mulheres Willow de gerações passadas testemunham a colheita desta noite.

É com esse pensamento em mente que deixo meu olhar pousar no espetáculo diante de mim.

Quatro mulheres.

Quatro belezas, porque as belezas da raça Willow são únicas.

Três bonecas perfeitas, com seus cabelos dourados e enormes olhos azuis. Uma... bem... eu levanto a cabeça para o lado ao vê-la. Esta está amarrada, os braços esticados atrás dela. Uma mordaça cobre sua boca.

E na barra de seu manto, há uma faixa de vermelha.

Sangue de porco.

Eu decido deixá-la por último.

Eu me movo para a primeira, deixo meu olhar percorrê-la. Ela deixa cair o dela para o chão, onde deveria estar o tempo todo. Eu a olho da cabeça aos pés e para trás. O manto não oferece muita cobertura, mas esse é o ponto. Eles são usados para minha apreciação, para eu escolher.

Porque tenho a sorte de nascer um Scafoni e elas têm a infelicidade de nascer uma Willow.

Esta é muito bonita. Perfeita, na verdade. Mas vou para a irmã dela.

Outra garota boneca.

Ela não deixa cair o olhar para os pés, mas o mantém além de mim. Já é hora de as Willow serem lembradas de seu lugar.

Esta tem algo diferente em seus olhos. Ela é quase maliciosa. E está com os olhos fixos no meu irmão. Pelo jeito dela, estou surpresa que não seja a que tem o sangue marcado em sua barra.

Com ela ficarei entediado. E ela não sobreviverá um único mês, muito menos três anos.

Infelizmente, não há trocas. Uma vez que a escolha é feita, é selada e se a garota morrer antes que o tempo termine, bem, nossa perda, acho.

É injusto, na verdade.

Passo para a esquerda, para o próximo bloco, a próxima garota.

Assim como as irmãs dela.

Estou muito ansioso para chegar a última e passar um tempo com ela, porque uma perfeição como esta, não me interessa. Preciso de mais do que beleza física.

Onde está a diversão em romper uma garota, quando ela não tem uma espinha para quebrar? Onde está o jogo em levar um cordeirinho manso até o abate?

Eu preferiria uma gata selvagem e feroz, com dentes afiados e uma língua mais afiada ainda.

Com esse pensamento em mente, passo para última mulher Willow.

Ela não é uma boneca, não como as irmãs dela, pelo menos. Ainda que linda, há algo nela, uma escuridão. Rebelião queimando dentro.

Talvez seja apenas arrogância.

Faz um canto da minha boca se curvar.

Esta não é um cordeiro. Eu vejo isso nos olhos gelados de meia-noite que me cumprimentam e percebo porque ela está amarrada e amordaçada. Ela iria me atacar se pudesse e o pensamento deixa meu pau duro.

Caminho em um círculo ao redor dela e confirmo que seus pulsos estão amarrados em restrições de couro em sua parte inferior das costas. Não apenas isso, ela está algemada ao bloco. Acho que eles não queriam se arriscar.

Quando a enfrento novamente, ela não foge, essa garota segura meu olhar. E agora, não quero nada mais do que a punir por isso.

Ela é diferente das outras. Decido chamá-las de bonecas. Esta, seu cabelo escuro é tão preto que é quase azul. Ele cai reto e pesado nas costas, tamanho suficiente para enrolar ao redor da minha mão, grosso o suficiente para suportar o meu punho.

Caminho até ela e mesmo de pé no bloco, ela precisa virar a cabeça para manter meu olhar, mas ela o faz.

— Acenda as luzes. — Ordeno.

Quero ver a recompensa. Foda-se a tradição.

A sala se enche com a luz forte ao meu pedido e Ethan é rápido em dar um passo em minha direção.

— Não ela. Pegue qualquer outra, menos ela. — É irritante o som da voz dele. Como uma mosca que fica zumbindo no meu ouvido.

Eu não o reconheço ou seu comentário. Ele precisa aprender seu lugar algum dia.

Meus olhos estão fixos na garota. Ela me olha, desafiadora.

Quase pequena. Talvez um metro e sessenta e três fora do bloco. Uns bons trinta centímetros mais baixa que eu. Ela está nua sob o manto, conforme as instruções. Olho para os pontos escuros rosados de seus mamilos, duros sob minha inspeção, pressionando contra o tecido secular.

Eu a observo, mantenho seu olhar quando pego o manto na minha mão e o estico, segurando o ponto marcado.

— Sinto muito. — Diz a mãe.

Eu me volto para mulher. Ela abaixa o olhar e o marido dá um passo à frente, depois abaixa a cabeça pedindo desculpas.

Porque o que esse traço de sangue significa é que ela falhou no exame. Esta não é virgem.

Eu puxo o manto e levanto por seus pés, joelhos, coxas e boceta. É quando olho para baixo, quando sinto os pelos escuros nos meus dedos.

Ela endurece, expira audivelmente e se estiver certo, acho que posso ouvi-la gritar por dentro.

— Abaixe o seu olhar. — Eu digo a ela, tocando os pelos entre as pernas, fazendo-a estremecer.

Ela levanta o queixo mais alto e vejo o funcionamento de sua garganta enquanto ela engole.

— Faça como ele diz!

É o pai dela e quero matá-lo por sua intrusão. Ela é minha. Serei o único a ensiná-la, serei o único a puni-la.

— Abaixe. Seu. Olhar.

Eu curvo meus dedos para segurar sua boceta.

Ela hesita e pela primeira vez, vejo terror em seus olhos. Ele supera o ódio. Ela pisca, sua coluna se dobra e finalmente, ela deixa cair o olhar a seus pés nus.

Eu a solto, dou um passo para trás e vejo o manto cair para cobri-la. Eu a sinto em meus dedos e não limpo a umidade.

— O nome dela?

— Helena, senhor.

Deve queimar ter que chamar um homem com metade da sua idade de senhor.

— Helena. — Eu experimento. Acho que a manterei. — O que é isso? — Toco a mecha cabelo prateada.

— Cresce dessa maneira. Ela tem desde que era uma criança. Está na família da minha esposa.

Sim. Eu me lembro agora.

E sei que ela é a única que preciso tomar. Perfeitamente imperfeita em relação a suas irmãs.

Falha.

Seu cabelo parece seda na minha mão. Seda pesada e suave.

Aceno e viro as costas.

— Ela. — Eu digo e saio do quarto.

2

Helena

Eu tenho uma hora para dizer adeus.

Não tenho roupa, não levo nada pessoal pois não tenho permissão, nem mesmo uma única fotografia, nem meus livros, nada.

Isso é mais difícil do que pensava. Talvez não seja tão forte quanto pensava.

Sebastian Scafoni me escolheu.

Eu serei a próxima *Mulher Willow*.

Não havia como ser escolhida, não com minhas irmãs na colheita, não com o sangue marcando minha barra e estou despreparada.

Estou usando um vestido preto. É meu vestido fúnebre. Sim, aos vinte e um anos, possuo um vestido fúnebre designado. É um vestido que me cobre um pouco abaixo dos joelhos até o pescoço. Laços criam um

padrão complicado ao longo da minha clavícula e sobre meus braços, que apenas é aliviado em um plissado na minha garganta e pulsos.

É bonito, mas não escolhi para ficar bonita. Escolhi-o porque, nesta ocasião, é como um funeral e quero que todos eles, tanto Willow quanto Scafoni, saibam que estou de luto.

Junto com o vestido, coloquei meus sapatos favoritos Dr. Martens. Eu os tenho desde sempre e estão velhos, mas como disse, não quero ficar bonita.

Dentro do Dr. Martens coloquei meu canivete e para terminar meu visual, meu cabelo está preso em um rabo de cavalo apertado e não estou usando maquiagem.

E por mais desafiadora que possa parecer, estou sentada na beirada da minha cama, abraçando meu travesseiro tentando não chorar.

Merda.

Que idiota eu sou, me sentindo mais forte que minhas irmãs, me sentindo mais capaz de sobreviver a isso.

O que ele fez na biblioteca, como ele... lidou comigo, por falta de uma palavra melhor, isso me fez queimar com humilhação. Mas também algo mais. Algo que não faz sentido. E se ele pode me fazer sentir tão confusa em questão de momentos, o que fará em anos?

O que será deixado de mim, quando isso acabar?

Eu empurro o pensamento da minha mente.

Eu não posso ir lá. Não vou.

Por mais que tente não pensar, minha mente vagueia até a última *Mulher Willow*. Ela era a irmã mais velha da minha mãe. Eu tinha cinco anos quando ela chegou em casa e lembro como ela se parecia quando o fez. Eu me lembro de como tinha medo dela, porque achava que era um fantasma.

E ela se tornou um em pouco tempo. Ainda me lembro de como ela cheirava quando subi ao sótão naquela tarde de verão.

A porta do meu quarto se abre e rapidamente limpo as lágrimas do meu rosto e fico de pé, jogando o travesseiro de volta na cama e me virando para ver minha mãe entrando com minha tia-avó Helena em meu quarto.

É preciso tudo que tenho, para não quebrar quando a vejo. Porque se tiver que partir por três anos, sei que nunca mais a verei.

— Feche a porta. — Tia Helena instrui minha mãe bruscamente.

— Tia... — Minha mãe começa.

Minha tia não tira os olhos de mim. Mesmo na idade dela, eles são ferozes. E nunca consegui descobrir por que ela não gosta da minha mãe.

— Deixe-nos em paz. — Diz ela.

Sem outra palavra, minha mãe fecha a porta.

Eu vou até ela, levo-a para frente. Ela tem uma cadeira antiquada e é desajeitada, mas recusa uma nova, mais confortável.

Uma vez que a tenho mais perto da beirada da cama, sento-me e a encaro. Ela estende as mãos e coloco as minhas nas dela. O contraste da juventude e a idade é impressionante, a dela como pergaminho, o osso delicado. A minha jovem. Cheia de vida.

— Eu sabia que ele escolheria você. — Diz ela.

E desta vez eu choro. Passo o dorso de uma mão no meu rosto.

Ela me observa e é muito forte. Ela não derramou uma única lágrima. Nunca a vi chorar, na verdade. Nem uma vez.

— Há uma razão para ser você, criança.

Ela aperta minhas mãos e me faz olhar para ela. O cabelo dela, embora esteja mais fino, ainda é tão preto quanto o meu, com a faixa prateada tão brilhante. O dela é mais curto, no entanto. Acho que preciso me lembrar que tenho sorte de tê-la por tanto tempo. Ela tem quase um século de idade.

— Estou com medo. — Digo abaixando o olhar e quando o faço, é com vergonha do meu medo quando ela é tão forte.

Ela aperta minhas mãos e olho para cima novamente.

— Eu estava com medo quando foi a minha vez.

— Você é a mulher mais forte que conheço.

— Não antes. Não no princípio. Estava com medo, assim como você está. Mas nossas ancestrais cuidaram de mim e estão cuidando de você agora. Elas a escolheram, Helena. As ancestrais Willow escolheram você.

Ela solta minhas mãos e vejo como as dela tremem quando alcança o pescoço alto de seu vestido para puxar uma corrente que não vi antes. Ela sempre usa blusas ou vestidos de gola alta, sempre com o pescoço coberto, mesmo no verão. Ela segura a coisa na palma da mão e a observa. Eu gostaria de poder ver seus olhos, saber o que está pensando.

Mas quando ela agarra a corrente com uma força rápida que eu não sabia que ainda tinha, suspiro de surpresa. Ela deixa deslizar por entre os dedos, no chão e olha para mim, abrindo a palma da mão.

Eu olho para o anel lá, o anel mais estranho que já vi.

O anel em si era branco e amarelo e há três pedras nele. Três ametistas recortadas, que são tão escuras que são negras. Ela vira o anel e me inclino para mais perto porque há uma pequena caveira esculpida em um lado dele.

— É feito de ossos. — Diz ela, com os olhos arregalados quando olho para ela.

— Ossos? — Estou um pouco assustada, honestamente.

— Saiba que nem todas as *Mulheres Willow* são quebradas por eles. Eu não fui. Eu tirei deles como eles tiraram de mim e sobrevivi.

Ela pega o anel e desliza no meu dedo do meio. Tem um ajuste perfeito. Ela então fecha a mão sobre ele, aperta e aproxima seu rosto do meu.

— É com você, Helena. Destrua sua linhagem e termine isso. É por isso que você foi escolhida. É hora de acabar com essa insanidade.

Minha boca se abre.

Antes que possa processar completamente o que ela disse, a porta se abre. É meu pai e atrás dele, minhas irmãs, todas de jeans e camiseta, com cabelo preso em tranças, parecendo ser um dia normal. O que acabou de acontecer na biblioteca, não aconteceu de jeito nenhum. Como se eu não estivesse usando meu vestido fúnebre e esperasse para ser levada.

— O carro está aqui.

Eu recuo e olho para minha tia novamente. Pergunto-me qual a fé que ela está colocando em mim, porque está errada. Eu não sou tão forte assim.

Ela acena com a cabeça uma vez e a abraço, ela me segura com tanta força que enche meus olhos de lágrimas.

— Você deve odiá-los para sobreviver a eles, criança. Para destruí-los. — Ela sussurra antes de se afastar. — Lembre-se de odiá-los.

Eu me levanto e dou uma última olhada para ela, endireito a coluna e saio pela porta, para fora da minha casa e para a guarda do meu inimigo.



Sou levada em um SUV de luxo, por um motorista com um rosto tão duro quanto aqueles esculpidos no Monte. Mais duas horas para um pequeno aeródromo privado que eu não sabia que existia.

Está escuro quando chegamos, embora não tão escuro quanto a propriedade Willow. Não tem nenhuma poluição luminosa lá. Aqui, as luzes do aeroporto, mesmo sendo pequenas, estragam o céu noturno.

É mais fácil agora que estou fora de casa. Mais fácil não ter que olhar para os rostos das minhas irmãs e dos meus pais.

Mas quando o carro desacelera para passar pelos portões de abertura, vejo os outros SUV's ali, a aglomeração de pessoas nos faróis, o jato que está à espera, minha apreensão aumenta.

Estou sozinha.

Com o polegar, toco o anel da minha tia e penso no que ela disse. Tento imaginá-la mais jovem, da minha idade e na mesma posição. Exceto que ela é uma versão muito mais forte de mim. Uma mais feroz.

O motorista desacelera e as cabeças de dois homens e uma mulher se viram para olhar.

São os irmãos Ethan e Gregory. Eu sei seus nomes.

Eles usam os mesmos trajes que usaram para cerimônia. Sebastian está conversando com o piloto, ele não se incomodou em olhar em minha direção. Acho que ele tem todo o tempo do mundo.

Ethan já está sorrindo como uma hiena. *Sorriso de hiena*? Eu acho que o imagino como esse tipo de animal. Um carniceiro.

Há uma razão para ser você, criança.

Talvez minha tia esteja certa, talvez seja melhor eu ser a *Mulher Willow.*

Mas não posso evitar a sensação de que sou de alguma forma dispensável. E se não sobrevivesse, minha família iria. Eles continuarão sem mim e quando a próxima geração atingir a maioridade, a biblioteca será novamente iluminada com mil velas, enquanto uma das minhas irmãs colocará suas filhas em seus blocos designados, agradecendo suas estrelas da sorte por não terem sido a *Mulher Willow.*

Ainda estarei lá para testemunhar isso?

Eu sei que sou diferente das minhas irmãs, praticamente em todos os sentidos. O exterior é apenas um reflexo de tudo dentro. Eu sou aquela que elas olham, a que costumava cuidá-las quando tinham um pesadelo, aquela que sempre as protegeu.

Mas agora, não me sinto muito forte.

Lucinda Scafoni está usando uma calça preta de pernas larga e cintura alta, com uma blusa creme. Seu cabelo escuro está preso em um

coque e é tão apertado que distorce um pouco seu rosto. Seus olhos são fendas estreitas e calculadas enquanto ela me observa, sem piscar.

Eu me pergunto se ela pode ver através das janelas escuras, porque está olhando diretamente para mim.

Gregory, o mais novo Scafoni, é tão bonito quanto Sebastian. Eu sei que eles eram irmãos apenas pela semelhança.

Não Ethan, no entanto. Ethan parece muito diferente.

Gregory simplesmente fica olhando, quase entediado, não dando nada do que está pensando e algo me diz para ter cuidado com ele. Ele não é tão desinteressado quanto parece.

O motorista abre a porta e não encontra meus olhos. Ele também é italiano, posso dizer. Todos têm aquela pele morena e cabelos escuros que pertencem ao Mediterrâneo. Eu me pergunto se ele fala inglês, porque não parece um americano-italiano.

Mas o que sei sobre os americanos-italianos? Eu nasci e cresci no meio-oeste. Viajei um pouco com minha família, mas essas ocasiões eram raras. Meus pais geralmente iam a lugares sozinhos e nos deixavam em segurança, escondidas na propriedade.

Eu acho que entendo o porquê agora.

É quando saio do SUV e o motorista fecha a porta, que Sebastian termina com o piloto e finalmente se digna a olhar em minha direção. Seu

olhar percorre meu vestido, paira na minha escolha de calçados e depois encontra meus olhos.

Um lado de sua boca se curva.

Eu já vi esse olhar e o odeio. É seu sorriso de vitória. Um de: *se a assusto, sei que triunfo.*

Enrijeço minha coluna e me endireito. Naquele instante, decido que posso fazer isso, que devo fazer. É ele ou eu. Sobrevivência do mais forte.

E preciso ser a mais apta.

Pela minha visão periférica, vejo que sua mãe, entediada, eu acho, se virar e subir a escada do jato, dando a ordem para *trazê-la*, enquanto ela desaparece no avião.

O motorista segura meu braço quando não me movo.

Os três irmãos ficam me observando e é preciso tudo o que tenho para manter meus olhos fixos nos de Sebastian, enquanto sou forçada a diminuir a distância entre nós.

Eu sou uma idiota, porque sinto aquela pontada de atração, como quando o vi pela primeira vez, mesmo com o ódio.

— Para onde você está me levando? — Eu pergunto, quando estou diante dele.

Eu não pensei sobre essa parte, não achei que seria uma viagem de avião longe da minha família.

— Você não fala a menos que falem com você, *Mulher Willow*. — Diz Ethan, inclinando a cabeça para o lado, como se desafiando-me a desafiá-lo.

Eu levanto minha cabeça e estreito meus olhos, minhas mãos se fecham ao meu lado. Ele dá um passo em minha direção.

— Eu não estava falando com você. — Digo.

Gregory ri, mas meu coração dispara quando o rosto de Ethan fica vermelho.

Eu sou grata que antes que tenha que recuar, a mão de Sebastian se fecha sobre o ombro dele. Tudo o que posso fazer é olhar e pensar em quão grande é.

— Entre no avião, Ethan.

— Ela precisa aprender...

— Eu cuidarei disso. Continue.

Os olhos negros de Ethan não deixaram os meus durante esta troca. Eu forço meus lábios em um sorriso. Ele empurra a mão de Sebastian e inclina o rosto no meu.

— Sorria agora, prostituta. Você não sorrirá quando for minha vez de ter você.

Ser chamada de puta por ele não me incomoda, mas sua ameaça, sei que ele cumprirá. E esperará por sua vez.

Ele gira no calcanhar e não me olha mais, quando também desaparece dentro do avião.

Quando ele sai, engulo e olho para Gregory, que está me observando com um interesse silencioso e tudo em que consigo pensar é que serei dele também.

Em que estado estarei quando chegar a sua vez de me receber?

Gregory se vira e embarca no avião, então é apenas eu e Sebastian.

— Meu irmão está certo. Você apenas fala quando falarem com você. Entre no avião.

— O que há de errado com ele?

— Você deveria ter mais respeito.

— Para onde você está me levando?

Ele exala alto, como se esperasse isso, esperasse que eu fosse desobediente.

Quando estende a mão para mim, dou um passo para trás, mas essa grande mão se fecha em volta do meu braço e fico presa.

Ele sorri.

— Eu sabia que você seria assim. — Diz ele, virando-me, empurrando para a escada e me forçando subir, é como se eu estivesse subindo no cadafalso para minha execução.

Poucos minutos depois, estamos sentados dentro do jato de luxo e decolando no céu noturno para um destino que ainda não conheço, para o começo de uma vida, que estou cada vez menos segura de que sobreviverei.

3

Sebastian

Estou observando-a do meu lugar na mesa, onde Lucinda insistiu que jogássemos um jogo de cartas para passar o tempo. O voo para Veneza levará a noite toda e parte da manhã.

A garota finalmente adormeceu. Nas primeiras duas horas, ela manteve os olhos fixos na janela como se pudesse mapear o céu noturno, adivinhar seu destino.

Não é que seja um segredo para onde estamos indo. Apenas gosto de foder com ela, mais do que pensei que gostaria.

Eu não queria isso no começo, não gostei da ideia da tradição de sequestrar uma garota. Mas é nossa tradição e como o mais velho, o dever recai sobre mim.

E agora, bem, estou ansioso para ter essa linda e voluntariosa mulher Willow para fazer o que eu quiser. Porque independente de tudo que eu diga ou faça, sou um homem.

E qualquer homem que diga que não quer uma mulher de joelhos a seus pés, é um mentiroso.

— Sua vez, Sebastian. — Diz Lucinda.

Ela também olha de lado para garota, mas está mais interessada em *minhas* reações a Helena. Ela aproveitará suas oportunidades com a garota. Eu me pergunto qual de nós Helena odiará mais.

— Difícil de focar com um pau duro, hein, irmão? — Ethan pergunta. — Por que não a acordar? Iniciá-la no quarto? Eu gostaria. Quer dizer, ela será usada de qualquer maneira. Deveria ter escolhido uma das outras.

Eu não reajo à sua provocação. Eu vivi com seu ciúme por mais de vinte anos, desde o momento em que ele nasceu. Em vez disso, abaixo minhas cartas, ganhando essa mão de Pinochle, o jogo favorito de Lucinda.

— Então. Como será isso?

Eu me levanto e engulo o ultimo gole do meu uísque, antes de entregá-lo a um dos dois comissários para uma recarga.

Quando me sento ao lado de Helena, ela se agita, pisca os olhos e olha em volta, assustada.

Eu sei o momento em que ela se lembra de onde está. Eu vejo sua garganta funcionar, quando ela engole e se senta. A comissária me entrega minha bebida e tomo um gole.

— Eu preciso usar o banheiro. — Diz ela, não olhando para mim.

Eu me levanto. Leva um minuto para soltar o cinto de segurança, mas ela faz o mesmo.

Gesticulo para ela andar na minha frente até a porta na parte de trás, com os olhos gananciosos da minha família nos seguindo.

Quando chegamos à porta, eu me inclino ao redor dela para abri-la e ela para por um minuto, acho que não estava esperando um quarto. Seu rosto fica branco como o de um fantasma, apenas há pânico nos olhos dela quando se vira para mim.

— O banheiro está lá.

Ela não confia em mim e não deveria, mas entra. Eu fecho a porta atrás de nós.

— Ali. — Aponto para porta do banheiro.

Ela desaparece por trás e me sento na poltrona para esperar. Cruzo uma perna sobre a outra e verifico a hora. Ainda temos quatro horas até chegar ao nosso destino e estou entediado.

Coloco minha bebida para baixo e dobro as mangas da minha camisa, ouço a descarga, a água na pia, em seguida, para. Ela não volta

imediatamente e a imagino lá, dando a si mesma uma conversa estimulante.

Dez minutos se passam, antes que a porta se abra e ela entre no quarto. Ela olha ao redor, absorve literalmente todos os detalhes do quarto para evitar ter que olhar para mim.

Eu sou um homem paciente. Espero até que ela não tenha escolha a não ser encontrar o meu olhar.

— Por que você me trouxe aqui?

— Pensei que ficaria mais confortável na cama. Você estava dormindo...

— Eu não estava dormindo. — Ela olha para cama. Não acredita em minha preocupação com o conforto dela e está certa em não fazer isso.

Qualquer pessoa normal sentiria pena dela, mas não eu. Gosto do seu medo. Isso faz meu coração bombear, com sangue fluindo e deixa meu pau duro.

— Já está começando? — Ela pergunta, sua voz quebrando um pouco.

— O que já está começando? — Eu pergunto, como se não entendesse.

Ela balança a cabeça, abre a boca, depois fecha novamente e aponta para a cama.

— Quero dizer, o que você quer de mim, nós dois sabemos o que é.

— O que eu quero de você?

Ela olha para mim, estreita os olhos.

— Não vou jogar seus jogos estúpidos.

Eu descruzo minhas pernas sorrindo, enquanto me levanto e vou até ela. Ela fica firme, mesmo quando entro em seu espaço, mas recua quando levanto a mão para o rosto, quase tocando sua bochecha, mas não toco. Em vez disso, coloco o cabelo atrás dos ombros e sinto por um momento a textura dele, sinto a diferença dos fios negros em oposição à linha prateada.

Eu me inclino perto dela, inalo seu cheiro. Ela está tremendo um pouco.

— Isso é muito ruim, porque eu gosto de jogos. — Digo.

Eu dou um passo para trás, olho para ela, então volto ao meu lugar onde pego minha bebida e tomo um gole. Eu cruzo minha perna sobre o joelho novamente.

— Seus sapatos são horrorosos.

Ela olha para eles e me dá um pequeno sorriso quando olha para mim.

— Eu gosto deles.

— Bebida? — Eu pergunto a ela, enquanto bebo a minha.

Ela balança a cabeça negativamente.

— Sente-se.

— Estou bem.

— Você ficará de pé durante quatro horas?

Ela olha além de mim, pela janela, mas ainda é noite.

— Onde estamos indo?

— Veneza.

— Veneza? Como na Itália?

— Sim.

— Mas... você não pode... — Ela se senta na beirada da cama, quase cai e puxa as mangas do vestido preto para as palmas das mãos.

Eu noto o estranho anel em seu dedo. Ela se vira para mim, com algo como esperança em seus olhos.

— Eu não tenho passaporte.

Eu quase rio.

— Vou parar o comandante imediatamente, então. Dizer a ele para virar o avião. Chame a coisa toda. — Eu extingo essa esperança como uma vela e sei que é cruel fazê-lo, mas é fácil demais e não resisto. E realmente, como um passaporte importaria se fosse mesmo verdade. — Eu tenho seu

passaporte, sua mãe sabia as regras. Tudo foi organizado, como deveria ser.

— Você é um idiota.

Encolho os ombros.

Ela coloca os punhos na testa e aperta os olhos fechados.

— Eu não entendo.

— Vamos para a propriedade Scafoni em Veneza. Não há muito para entender. Você ficará confortável...

— Confortável? — Ela olha para mim. — Eu sentirei qualquer coisa, menos conforto. Seus irmãos olham para mim, como se fosse um pedaço de carne. Sua mãe, parece que ela quer me esfaquear. E você... você...

Fico de pé e ela também.

— Ninguém irá esfaqueá-la, Helena. Não seja dramática.

Ela para, olha para mim.

— Não seja dramática?

Eu não comento. Eu sei que demorará algum tempo para aceitar a situação dela.

— Isso é engraçado para você? Colocar eu e minhas irmãs em cima de blocos, como se nós fôssemos escravas para serem leiloadas, nos vestindo em pergaminho velho em decomposição...

— Nem era pergaminho.

— Olhando-nos, uma por uma, nos julgando enquanto seus irmãos olham, um dos quais mal podia manter seu pau em sua calça enquanto você... você...

— Acalme-se. — Eu aviso e quando caminho em sua direção, ela recua.

— Enquanto você me tocava como fez. Você é doente, todos vocês são, mas especialmente você! Acha isso engraçado? O sequestro é engraçado? Tornar alguém um escravo para você, para sua família é engraçado?

— Não apenas alguém. — Eu digo, diminuindo o espaço entre nós para que ela fique de costas para parede. — Você.

Ela levanta o braço para me bater, mas seguro seu pulso.

— Nunca faça isso.

Ela tenta com o outro braço e seguro este também. Levanto os dois sobre a cabeça e me inclino para ela, pressionando-a de volta contra parede.

— Você tem um problema de audição, *Mulher Willow*?

— Meu nome é Helena.

— Seu nome é *Mulher Willow*, quando eu quiser que seja, *Mulher Willow.*

Ela tenta soltar os braços, mas está presa. Quando tenta se ajoelhar, seguro sua perna entre minhas coxas. E então, ela faz algo totalmente inesperado.

Ela cospe.

Bem na minha cara.

Instintivamente, transfiro seus dois pulsos para uma das minhas mãos e levanto meu braço, com a palma da mão pronto para atacar, mas ela solta um meio grito e paro, que porra estou fazendo?

Seus olhos estão enormes e me pergunto se ela está tão chocada com o que acabou de fazer, quanto eu.

Abaixo minha mão, a que estava pronta para dar um tapa nela. Limpo o cuspe com a raiva crescendo dentro de mim, como lava subindo em um vulcão à beira da erupção.

Aperto sua mandíbula e forço seu rosto para cima, olho para suas feições, bonitas e delicadas. Ela é muito menor que eu. Minha mão ao lado do rosto dela é enorme.

— Tenha cuidado, *Mulher Willow*. Eu posso esmagá-la.

Quando ela pisca, lágrimas escorrem por suas bochechas.

Eu a observo, cavalos selvagens não conseguiriam tirar minha atenção dela agora. Estou perdido em seus tristes e assustados olhos meia-noite. O azul é mais claro quando ela chora e agora, é tão suave, vulnerável e com medo no rosto molhado, os lábios inchados e os olhos arregalados.

Algumas mulheres são mais bonitas quando choram. Ela é uma delas e quero suas lágrimas. Estou doente, eu sei. Uma doença. Estou doente. Mas as quero.

— Você não me esmagará de qualquer maneira? — Ela pergunta, sua voz quase um sussurro. — Mas isso não é tudo que você fará? Tudo que os seus irmãos farão?

Eu a solto e dou um passo para trás. Entendo sua pergunta. Nós não aceitamos a *Mulher Willow* por suas habilidades de conversa, ela será nosso brinquedo, em todos os sentidos. E nessa parte, não posso chutar o fato de que isso me incomoda.

— Você fica aqui e tenta entender sua situação.

— Ficar aqui? Para onde eu iria? Estamos na porra de um avião.

— Aproveite este tempo para chegar aos termos, porra, com o fato de que eu possuo você.

— Foda-se você.

Eu bufo.

— Quer um conselho, Helena? — Pergunto, pegando-a pelos braços. Apertando. — Tente descobrir como não me irritar. Pode ajudá-la a lembrar que *você pertence a mim*. Que sou seu mestre e que serei obedecido. Estamos entendidos?

Quando ela não responde imediatamente, dou-lhe uma sacudida.

— Estamos? — Eu pergunto.

— Sim!

— Bom. — Vou para porta

— Eu vi Libby. — Ela sussurra. — Ela era minha tia.

Eu paro, minha mão na maçaneta.

— A última *Mulher Willow*. — Diz ela, como se precisasse esclarecer isso.

Eu me endireito. Eu sei. Eu me lembro de Libby.

Eu me volto para ela.

— Tome uma porra de bebida ou tente umas dez. Recomponha-se.

Seu peito se ergue com um soluço e ela passa a mão pelo rosto. Abro a porta e saio para sala principal, onde minha família, minha maldita família, está aproveitando o entretenimento.

— Ela está causando alguns problemas, irmão? — Ethan pergunta, pegando a azeitona de sua bebida e jogando-a em sua boca. — Disse a você que deveria ter pegado uma das outras. Elas eram mais bonitas de qualquer maneira. Mamãe, você não acha que elas eram mais bonitas?

Lucinda o ignora.

— Você deveria chicoteá-la, Sebastian, no instante em que chegamos. É a única coisa que funciona nas prostitutas Willow.

Ela toma seu Martini.

Vou até o carrinho de bebidas, arranco o copo da mão do comissário e me faço um duplo. Eu tomo um longo gole, antes de me virar para eles.

— Estou feliz que você tenha gostado do show, mas onde se trata da *minha Mulher Willow*, cuide de seus próprios assuntos.

4

Helena

Eu faço o que ele diz, mas apenas depois de sentar na cama por um tempo e sentir pena de mim mesma.

Estou desperdiçando lágrimas por causa deles, meus inimigos. Eu sou fraca. Deus, vinte e quatro horas atrás estava olhando para baixo, pronta para ele, querendo que me escolhesse apenas porque achava que ele não iria.

Mas sou patética e fraca.

Levanto-me da cama, pego o copo que ele deixou inacabado e bebo. Eu não gosto especialmente de uísque, mas o forço e derramo mais. Sirvo outro copo generoso do líquido. É deselegante, eu sei, mas não me importo.

Sento-me na beirada da cama e bebo como se fosse água, quando termino, rastejo na cama com meus sapatos hediondos ainda nos pés, deito de lado e choro um pouco mais.

Ele tem razão, preciso me recompor. Mas primeiro, preciso tirar isso do meu sistema. Acabar com meu medo.

Eu olho para o anel da minha tia, ela acha que sou forte, mas está errada. Eu sou fraca. Tão fraca. Tão o oposto dela.

Quando minha mãe nos sentou no nosso décimo sexto aniversário e nos contou essa parte da história dos Willow, jurei que não seria a *Mulher Willow*, porque me assustava. E assim que pude, assegurei-me de que não passasse pela exigência de virgindade, achando que isso me salvaria.

Então sim, sou fraca.

Uma covarde.

Há uma razão para ser você, criança.

Sento-me, pego a bota e tiro o canivete. Eu o tive desde sempre, mas nunca dissequei um verme com isso. Abro, toco a ponta afiada, pressiono na ponta do dedo até tirar uma gota de sangue.

Elas escolheram você, Helena. As ancestrais Willow escolheram você.

Eu gostaria de saber mais sobre a nossa história, gostaria de ter estudado os livros na biblioteca, em vez de fingir que não era real, que era uma tradição arcaica e que estava segura.

Eu não sei o que liga os Willow e os Scafoni. O que nos ligou por gerações. Quando era pequena e minha tia Libby voltou para casa, nos disseram que ela estava viajando e eu era muito jovem para fazer

perguntas. Naquele mesmo verão, ela cortou os pulsos na velha cama no sótão da casa da família Willow.

Acho que a única razão pela qual meus pais não inventaram alguma história, foi porque fui eu quem a encontrou.

Eu lembro que sentia medo do sótão, sempre achei que havia fantasmas lá. Meu quarto era logo abaixo e a única razão pela qual fui até lá, foi porque o sangue pingou através de uma rachadura do teto direto no meu pé.

Pingando, pingando e pingando.

A janela estava aberta, era o verão mais quente que me lembro. O ar-condicionado não funcionava tão bem no terceiro andar e era difícil dormir no calor.

Quando acordei, vi as gotas vermelhas no meu pé. Lembro-me de pensar o quão estranho parecia e me perguntar o que era, quando outra gota caiu. Olhei para cima e vi a mancha no teto.

Toda vez que me lembro daquela noite, não posso descobrir, por que fui até lá. Porque não acordei meus pais. Peguei minha lanterna e meu ursinho de pelúcia, subi a velha e rangente escada até o sótão.

Lembro-me de quando vi minha tia pela primeira vez naquela cama, fui até ela para perguntar por que não estava dormindo em seu quarto, onde não estava tão quente. Foi quando vi a poça de sangue em que estava deitada e quão antinatural a cor cinza dela era.

Ela era bonita, sempre que olhava fotos da minha mãe e suas irmãs. Tia Libby era a mais bonita de todas, na verdade.

Mas não depois que ela voltou para casa, de seus anos com a família Scafoni. Eles roubaram sua beleza, sua juventude e finalmente sua vida.

Eu viro o anel no meu dedo e olho para o crânio, para os olhos vazios e coloco ali a gota de sangue sobre o osso. É feito de ossos. Como alguém faz isso? Viro novamente e sinto as três pontas afiadas das ametistas.

Elas escolheram você, Helena.

Eu deito e fecho meus olhos, estou cansada. Não acho que ele voltará e também acho, que ele não permitirá que seus irmãos, mãe ou qualquer um venha. Eu sei, sem dúvida, que Sebastian Scafoni está no comando de sua família. Até da própria mãe.

Apenas não sei o que isso significa para mim.



Quando acordo, estou novamente desorientada.

Nós não estamos mais voando. Posso dizer antes mesmo de piscar os olhos, porque não ouço mais o barulho constante e abafado do avião no ar. Minha boca parece algodão, estou com sede. Nós pousamos?

Abro os olhos e fico assustada ao me encontrar em uma cama grande em um enorme quarto. As paredes são de um branco cremoso e há duas janelas contra uma delas. As cortinas pesadas da cor de papel velho estão fechadas, mas o sol está tentando sair da divisão entre os painéis.

Há uma cômoda grande, que parece uma antiguidade contra a parede oposta e uma área de estar com uma chaise lilás. Uma pequena mesa redonda com três pernas delicadas fica ao lado e outra maior do outro lado.

Eu sento, o cobertor de cetim cai e percebo que estou nua.

Um olhar e diz que estou completamente nua.

Alguém deve ter me despido. O uísque era muito forte, não me lembro de pousar, de ser despida das minhas roupas e depois ser levada para este quarto?

Um inventário sensorial momentâneo me diz que não fui estuprada, além de tirarem minhas roupas.

Eu puxo o cobertor de volta para meu queixo e balanço minhas pernas para o lado da cama. Acendo a lâmpada na mesa de cabeceira porque, além daquela faixa de luz do sol nas janelas, está escuro por dentro. A lâmpada é bonita, uma daquelas venezianas de Tiffany com uma

variedade de cores de vidro. O único outro item na mesa de cabeceira, é meu canivete.

Quem me despiu deixou-me ficar com isso?

Levanto-me, pego o cobertor da cama e o enrolo ao meu redor.

Há outra porta que posso ver que leva a um banheiro, então vou para ela devagar, embora não possa imaginar alguém se escondendo lá. E definitivamente estava dormindo sozinha.

Quando estou no banheiro, fecho a porta e acendo a luz. É grande, grande o suficiente para uma banheira para dois em uma extremidade, um chuveiro separado, também para dois, um banheiro murado e duas pias de pedestal.

Há uma grande janela acima da banheira. É vitral e o sol lança uma luz azul-arroxeada no quarto. Descubro que está trancada, então, não posso olhar para fora para tentar descobrir onde estou. Tentar descobrir o quão difícil será fugir e desaparecer.

Embora não possa fazer isso.

A cor ao longo dos pisos e tetos é um branco cremoso e os acessórios são de níquel escovado. Um rack ao longo de uma parede contém uma dúzia de toalhas felpudas, bem como uma variedade de xampus, condicionadores, sabonetes líquidos, óleos e qualquer outra coisa que uma mulher possa precisar.

E é para uma mulher. Preparado com antecedência para a *Mulher Willow*. Eu posso dizer pelo cheiro de alguns dos produtos de luxo.

Desejando que houvesse uma tranca na porta, rapidamente uso o banheiro, em seguida, vou para uma das pias para lavar as mãos e o rosto.

Há uma escova de dentes nova e um tubo de pasta de dente ao lado. Eu abro a escova, coloco pasta de dentes e escovo os dentes enquanto observo meu reflexo, meu cabelo está bagunçado e há sombras sob meus olhos. As impressões digitais que ele deixou na forma de hematomas ao longo do meu queixo.

Quando termino de escovar os dentes, localizo a escova de cabelo de madeira que vi e passo pelo cabelo, alisando a aparência dos fios emaranhados da cama. Abro a porta do quarto e paro de repente, porque as cortinas foram puxadas para trás para deixar entrar a luz do sol e Sebastian está na cama, no espaço que acabei de desocupar, vestindo jeans e uma camiseta preta, parecendo muito mais casual do que na noite passada em seu terno.

Os dois braços dele são tatuados, o que me surpreende por algum motivo e ele está encostado na cabeceira da cama lendo alguma coisa em seu telefone, mas quando me vê, coloca o celular no bolso.

— Onde está meu vestido? — Eu pergunto.

Ele me olha com o cobertor enrolado desajeitadamente e sorri. Ele parece revigorado, como se tivesse dormido e tomado banho.

— Eu tirei quando a trouxe. Pensei que ficaria mais confortável nua.

— Você pensou errado. Eu não estou.

— Você me obedeceu literalmente quando eu disse para tomar dez drinques?

— Não. Apenas tomei, talvez dois. Estava drogado? É por isso que não acordei quando pousamos? Você vai me manter drogada também?

Ele ri, balança as pernas para fora da cama e se levanta.

— Relaxe, querida.

— Eu não sou sua querida. Onde estão minhas roupas?

Ele pega o canivete.

— Isto? Mesmo? Escondido na sua bota?

Caminho até ele e pego para tentar tirar da mão dele, mas ele o puxa para longe e agarra meu pulso com a outra mão.

— É meu. — Eu digo, torcendo para me soltar.

Ele é forte, no entanto. Eu não ficarei livre até que ele decida me deixar ir.

— E agora é meu.

Ele me solta. Eu tropeço para trás.

Ele vem em minha direção e dou um passo atrás, mas estou de costas para parede. Ele fecha as mãos em meus braços, esfrega-os uma vez.

— Eu não sou idiota, Helena. Você apenas irá se machucar tentando me ferir.

— Eu quero minhas roupas. — Digo, sabendo que ele está certo.

— Eu gosto de você assim. — Diz ele, deixando os olhos caírem no meu peito, onde o cetim está.

— Você também me tocou?

— Ainda não. — Diz ele. — Eu não fico na cama com mulheres bêbadas.

— Você é muito bom com sequestro embora?

— Eu acho.

Ele é tão arrogante, quero esmagar o lindo rosto dele.

— Você prefere uma briga? É isso? Quer dizer, o que você faz e sua família? Qual é a diferença se a mulher, a *Mulher Willow* estiver desmaiada ou não? Talvez seja mais fácil para ela se estiver. Quer dizer, vamos ser honestos aqui. Não imagino que seja seu senso moral de...

Mas nunca tive a chance de terminar o que porra comecei, porque ele dispara um de seus braços para fora e envolve sua mão em minha garganta e aperta.

— Tenha cuidado. — Ele avisa, inclinando-se perto do meu rosto, inalando meu cheiro como se pudesse sentir meu medo. Ele leva os lábios ao meu rosto e um momento depois, o sinto na nuca e ao longo da concha do meu ouvido. — Tenha muito cuidado, *Mulher Willow*.

Estremeço. Suas palavras são como coisas físicas tridimensionais e poderosas.

Ele está apertando com tanta força que está me levantando na ponta dos pés e percebo que soltei o cobertor, que deslizou para se juntar aos meus pés. Eu tenho as duas mãos em seu antebraço grosso, arranhando-o, deixando riscos em sua pele, tentando afastá-lo de mim.

— Teve o suficiente?

Um som distorcido vem da minha garganta e um dos meus braços cai ao meu lado. É apenas então que ele me solta. Deslizo para o chão, ofegante e com meu pescoço dolorido.

Ele recua.

— Talvez Lucinda esteja certa. — Ele diz e me pergunto por que ele chama a mãe pelo primeiro nome, mas não tenho tempo para pensar nisso. — Eu deveria levá-la para o poste. Chicoteá-la agora, acabar logo com isso. É assim que você quer?

Eu olho para ele. Ele está falando sério? Sim, ele está e o faria. Quer dizer, toda essa situação é arcaica, como se tivéssemos voltado no tempo cem mil anos.

— Então, *Mulher Willow*?

— Não me chame assim.

— Você não gosta de querida e não gosta de *Mulher Willow*, me diga, preciso chicoteá-la? — Ele pergunta, cutucando meu quadril com a ponta do sapato.

Balanço a cabeça, abraço meus joelhos e olho para frente em qualquer lugar, menos em seus olhos zombeteiros.

— Levante-se.

Balanço a cabeça novamente. Eu posso ver os arrepios subindo por meus braços, fazendo com que a leve penugem de pelos fique de pé.

— Levante-se, Helena. Não me faça obrigá-la.

Agarro o cobertor caído, mas ele pisa nele. Quando olho para ele, seus olhos escuros são estreitos e intensos.

— Sem cobertor. Eu quero vê-la.

Ele não viu o suficiente? Quero perguntar a ele, mas não faço, não posso empurrá-lo longe demais.

— Estou cansado de me repetir com você. — Diz ele.

Levanto-me devagar, cobrindo-me o melhor que posso com meus braços, mantendo minhas pernas juntas, deixando meu cabelo cair para me proteger como se eu fosse Lady Godiva[3] em seu cavalo.

Ele recua um pouco e o silêncio entre nós é pesado, como se pudesse ser colocado em escala e pesado. Esse peso, parece apertar meus pulmões, me sufocando.

— Olhe para mim.

Levei um longo minuto para fazê-lo, para encontrar seus olhos e quando o faço, é como se estivesse em outra dimensão, em outro mundo.

É apenas ele, eu e esse silêncio.

É muito. Muito alto. Ensurdecedor.

E enquanto o observo, há algo que não me deixa desviar o olhar.

E se o tivesse conhecido em circunstâncias diferentes, o acharia atraente não assustador, mas não foi assim e ele me pegou como um animal em uma armadilha.

Ele é o caçador e eu sou a presa.

[3] Godiva ou Godgifu foi uma aristocrata anglo-saxã, esposa de Leofrico, Duque da Mércia. Godiva se tornou célebre pois de acordo com uma lenda, a nobre cavalgou nua pelas ruas de Coventry, na Inglaterra.

Ele e eu, estamos conectados de alguma forma, talvez seja a nossa história compartilhada ou o nosso destino limitado, esse jogo insano que temos que jogar.

Eu não sei o que é, mas é. Está lá. O anel no meu dedo pesa.

Ossos.

E de repente, eu sei o que minha tia quis dizer. O anel é feito de ossos humanos. Eu sei disso.

Imagino minha tia neste quarto e me pergunto se parecia o mesmo, se estou dormindo na mesma cama que ela uma vez dormiu. Eu a imagino aqui, tanto quanto estou agora, enfrentando seu mestre Scafoni, porque é isso que eles são. O que Sebastian é. Meu mestre.

A palavra ferve dentro de mim e aperto as mãos.

Ele se aproxima de mim e percebo que está me observando todo esse tempo. Levanta meu cabelo e empurra para trás dos meus ombros. Então segura meus pulsos e quando ele envolve suas mãos sobre eles, vejo novamente o quanto ele é maior do que eu, porque meus punhos parecem com o de uma criança em suas mãos gigantes.

Ele não tenta abri-los, mas coloca meus braços ao meu lado. Quando toca minha mandíbula, mesmo que seja um leve toque, eu recuo.

Ele levanta meu rosto devagar, vira-o de um lado para o outro, roça os hematomas com os nós dos dedos, pressiona contra eles como se

estivesse ajustando os dedos às marcas que deixaram, certificando-se de que são dele. *Quem mais?*

Ele então move os dedos para baixo sobre a garganta, aperta novamente e entro em pânico. Fecho minha mão sobre o antebraço, preparada para afastá-lo, para lutar, mesmo que isso signifique chicotadas.

Mas ele me surpreende.

— Eu não vou machucá-la. — Diz ele, sua voz baixa, mas não dura. Não é ameaçador.

Ele poderia ameaçar, poderia fazer muito mais do que ameaçar. Poderia me jogar na cama, forçar minhas pernas e pegar o que quiser. Eu não tenho poder aqui. Fisicamente, não sou páreo. Estou sozinha na casa do meu inimigo.

— Eu não vou machucá-la. — Ele repete.

E me surpreendo, porque sinto meu lábio começar a tremer, sinto o rubor de alguma coisa, Deus sabe o quê, com as palavras dele, porque são gentis e talvez eu seja burra demais, mas talvez apenas acredite que ele esteja falando sério. Mesmo que seja uma mentira, preciso de algo para me segurar agora.

Eu deixo meus braços caírem ao meu lado e quando ele passa o dedo pelo meu rosto e limpa uma lágrima, fecho os olhos. Ele cobre meu rosto com as duas mãos e me puxa para mais perto.

— Olhe para mim.

Eu abro meus olhos e olho para ele. Ele está tão perto, posso ver cada pontinho de ouro em seus olhos e isso, agora, é como se estivesse mais nua do que se ele olhasse sobre o meu corpo, se fosse me deitar, me abrir e estudar cada detalhe meu.

Isso é pior.

Isso... não consigo segurar o olhar dele, porque agora está assim, é como se estivesse olhando dentro da minha alma.

E estou deixando.

Pisco, viro meu rosto querendo desviar o olhar, mas o coloco na palma da mão dele e por um único momento insano, acho que estou a salvo aqui. Segura em suas mãos, nas mãos do meu inimigo. Balanço minha cabeça e com meus braços, dou um tapa nele.

— Você não pode ter isso. — Digo com mais poder na minha voz do que pensava que poderia reunir.

Ele limpa o polegar no canto da boca, como se estivesse limpando alguma coisa. Então seus olhos se estreitam e estou de costas contra parede. Acho que ele sabe o que quero dizer com *isso*, embora eu mal possa entender minhas próprias palavras.

Você não pode ter isso.

Ele pode ser capaz de pegar meu corpo, mas não tem direito a minha alma.

Tenho a sensação de que está processando a mesma coisa porque encolhe os ombros e faz questão de me olhar lentamente, como se deixasse seu olhar memorizar cada centímetro de pele, a subida e descida dos meus seios, o côncavo da minha barriga, o monte do meu sexo, a curva das minhas coxas e a fragilidade dos meus pés nus.

— Vire-se.

Eu procuro seus olhos, eles estão mais escuros e as pupilas dilatadas.

— Por que eu tenho que falar tudo duas vezes? — Ele pergunta.

Eu me viro e percebo que as paredes não estão pintadas. Na verdade, estão impressas em um papel rico e muito sutil, com o padrão mais delicado de rosas repetindo, repetindo e repetindo.

É no que me concentro quando sinto os dedos dele em mim, quando ofego com o leve toque quando segura meu cabelo e coloca a massa sobre o meu ombro para expor minhas costas.

Eu me encontro descansando minha testa contra parede. Pergunto-me se os sulcos do papel imprimirão seu padrão na minha pele. Estou de repente cansada.

Ele está me inspecionando e sequer me tocou ainda. Ainda não começou a me usar. Seus dedos brincam como um piano ao longo da

minha coluna, traçando cada vértebra como se fosse uma pena, como se conhecesse cada centímetro de mim.

Coloco meus dedos na parede e traço o padrão das rosas, nenhuma das quais é maior do que a unha do meu menor dedo, elas estão entrelaçadas e repentinamente esmagadoras, enquanto torcem e giram seus galhos espinhosos e estrangulados novamente, de novo e de novo.

Eu estava errada.

Existe cor.

Ouvi uma vez que o branco contém todas as cores do arco-íris e pensei que fosse um absurdo, mas vejo agora, nas rosas que circundam esta prisão, neste meu quarto emprestado.

Olho para ele, descanso o lado da minha bochecha contra superfície fria e sei que não haverá alívio, nem quebra de padrão. As rosas estão condenadas a girar, girar e girar ao redor e sufocar a vida do próximo.

Não haverá sobreviventes. Não depois disso, não depois de mim. O anel da minha tia parece queimar no meu dedo.

Eu tirei deles.

Olho para ele, encontro as órbitas oculares vazias no crânio minúsculo e sei que não são quaisquer ossos, mas ossos Scafoni que compõe o anel.

Estremeço no frio gelado que corre pela minha espinha. Ossos de seus ancestrais é minha joia e quero rir.

Mas então ele me toca e sinto no estomago milhares de borboletas levantando voo, enquanto seus dedos tocam minha pele tão levemente que é quase como se não o fizesse. Como se minha mente estivesse pregando peças em mim.

Quero virar e olhar para ter certeza, mas então ele cobre meu traseiro com as duas mãos, como se estivesse pesando ou testando, talvez para seu chicote, então com uma mão segura meu cabelo e pela primeira vez na minha vida amaldiçoo o comprimento, acho que talvez deva cortá-lo, raspar como um monge, porque ele está girando em meu punho.

Sebastian me vira para encará-lo e os dedos de sua outra mão estão entre as minhas pernas e deslizando para baixo. Ele está duro, o sinto contra meu quadril.

Seus dedos estão nas minhas dobras agora e seus olhos ficaram negros. Ele inclina minha cabeça para trás e ouço minha própria respiração superficial porque me sinto bem com o que ele está fazendo, não quero me sentir bem, não estava esperando que me beijasse.

Por que não esperava que ele me beijasse?

Minha boca apenas abre porque ele está puxando minha cabeça para trás, me machucando. Molho os lábios e sinto o calor de seu toque. Ele não comete o erro de deslizar a língua dentro da minha boca. Eu iria mordê-lo. Engulo. Ele sabe isso.

Ele pega meu lábio inferior entre os dentes e está me beijando, é tão suave e erótico. Seus dedos entre as minhas pernas encontraram meu clitóris porque está inchado, sensível e anseia seu toque. Como se não fosse meu inimigo em tudo.

Quando me vejo involuntariamente arqueando as costas, inclinando-me em sua mão, abro os olhos e descubro que ele já está me observando. Ele tem me observado o tempo todo, o bastardo.

Mas é o que é preciso para me tirar dessa insanidade. Quando bato minhas mãos em seu peito para empurrá-lo, ele não se move, mas em vez disso, fecha uma mão ao redor da minha garganta e me mantém pressionada contra parede enquanto sua outra mão trabalha meu clitóris e foda-se, não posso gozar. Eu não posso.

Não irei.

Ele sorri um pouco, como se soubesse meu dilema. Como se soubesse que ganhará e sinto meus quadris se moverem sem minha permissão, sinto-me pressionada na palma da mão dele.

Mas então ele comete um erro quando me beija novamente. Eu fecho minhas mãos em seus ombros e estou tão perto, tão perto, mas não lhe darei a satisfação de gozar. Estalo meus dentes e mordo com força no lábio dele.

O sabor de sangue como ferro em minha boca é minha vitória e engulo e quero mais, mesmo sabendo que ele me fará pagar. Estou sorrindo quando ele puxa de volta, mas não por muito tempo. Usa o punho

no meu cabelo e puxa minha cabeça para trás com tanta força que sinto que irá arrancar alguns fios.

— Isso foi um erro.

Ele está irritado e estou feliz. Pelo menos ele não está mais sorrindo. Deveria saber que eu lutaria. E ele gosta disso. Por que qual é a graça de pegar uma mulher que não brigará? Quebrar uma mulher que não tem força de vontade?

Ele me leva assim, com o rosto a centímetros do meu e olhos ferozes, direto para a cama me jogando com força sobre ela. Sua respiração está forte, como se estivesse tentando se controlar, observo as mãos dele se abrir e fechar várias vezes.

Meu sorriso se foi agora também e não tenho a chance de fugir antes que ele esteja de joelhos na cama e segurando minha coxa com uma mão, também terei hematomas como impressões digitais, para combinar com os do meu queixo.

Ele prende minhas pernas com as dele, os joelhos pressionando contra as coxas. Ele sobe em mim, segurando minhas mãos quando luto contra ele, pegando meus pulsos em uma de suas mãos gigantes facilmente.

Estou furiosa, gritando com ele, amaldiçoando-o para o inferno, amaldiçoando sua família, usando cada grama de força em meu corpo para me afastar, para pelo menos fazê-lo trabalhar para isso, mas ele é muito forte e não sou páreo.

Finalmente paro porque estou exausta. Olho para ele pairando sobre mim enquanto passa o polegar no lábio e olha para a mancha de sangue ali.

— Isso foi um erro de merda.

— Você não tem o direito de me tocar ou de me beijar. Deixe-me ir!

— Depois que tenho sido tão paciente com você.

— Paciente?

— Você não entende.

Ele pega a mão com a mancha de sangue nela e puxa os pelos entre as minhas pernas e isso dói.

— Você pertence a mim. — Diz ele.

Ele deve estar fazendo um punho com a mão, porque está puxando com tanta força.

— Você está me machucando! — Estou impotente para me mover, para fazê-lo parar.

— Eu não comecei a machucá-la. — Diz ele, enquanto move os dedos dando-me um momento de alívio, antes de deslizá-los mais para baixo e apertar minha boceta com força, cravando seus dedos dentro de mim.

Eu faço um som, um gemido. Eu não sei, porra.

— Você pertence a mim, Helena. Eu sou seu mestre. Decido quando você come, se come. Decido quando ou se dorme e em qual cama. Eu decido se terá roupas. Decido se esfregará meu chão. Eu decido tudo. Eu sou seu maldito mestre.

— Pare. Por favor. — Sai como um apelo e me odeio por isso, pelas lágrimas saindo dos meus olhos. Por ter medo dele.

— Eu decido quando você é recompensada e decido quando será punida. E devo avisá-la, tenho um gosto pelo último e já deve ter percebido. Mais de uma vez.

Engulo e estou me contorcendo como um minúsculo animal indefeso. Como um maldito coelho preso em uma armadilha.

— Eu possuo você, corpo e alma.

— Não. Não a alma. Isso não.

Ele afasta a mão da minha boceta e posso respirar novamente. Ele levanta a mão até seu nariz e seu sorriso aumenta, tanto que quero matá-lo. Quebrar seus dentes perfeitos, seu rosto perfeito e sinto-me queimar com humilhação quando ele esfrega os dedos molhados rudemente no meu rosto, na minha boca.

Sinto meu cheiro, o da excitação acima de tudo. Ele sente o cheiro também e quer que eu saiba disso.

— Você tem dentes afiados e uma língua mais afiada ainda, mas acabarei com você. Farei um melhor uso da sua boca, como farei da sua

boceta e sua bunda, porque possuo cada buraco. E você saberá que não é nada. Nada além do meu brinquedo de foda. E sabe o que mais, Helena? Terei o maior prazer vendo-a gozar. Observá-la quando perceber que seu corpo vai traí-la. Sua boceta vai traí-la. Já traiu.

— Eu te odeio. Eu lutarei contra.

Ele traz seu rosto para o meu e esse sorriso ainda está lá.

— E aí está a razão de ser você e não suas mansas irmãs Barbies.

Ele se senta, aperta as coxas ao redor das minhas uma última vez, depois levanta da cama. Eu permaneço como estou, deitada ali, exausta, com todos os músculos em chamas, como se tivesse acabado de correr uma maldita maratona.

Mas então ele tira meu canivete do bolso e abre a lâmina.

— Então, lhe darei um ponto para esse pequeno golpe.

Ele me pega pelos cabelos, me arrasta de joelhos no chão e vira meu rosto na cama, empurrando-o no colchão e me segurando lá pelo meu cabelo. Sinto a ponta afiada da lâmina na parte de trás do meu pescoço, solto um grito e aperto o cobertor, puxando com força.

— Fique parada. Você não quer que eu escorregue.

Pica a cada centímetro do corte. Ele está esculpindo uma linha na parte de trás do meu pescoço.

O sangue quente corre pela minha espinha. Continuo quieta como ele diz.

— Pronto. — Diz ele, soltando-me.

— O que você fez? — Eu toco meu pescoço e meus dedos saem sangrando.

Ele olha para a lâmina, limpa com o dedo, fecha e guarda no bolso.

— Eu gosto quando você luta, Helena. Quero que lute. Fuja. Tente me machucar.

Ele olha para o antebraço, onde estão as marcas na pele de onde eu arranhei e de repente estou muito consciente da pele sob as minhas unhas.

Ele olha de volta para mim.

— Porque será muito mais divertido quando a tiver.

— Você quer dizer quando me estuprar.

Sua mandíbula flexiona, ele não estava esperando isso. Sei que está rangendo os dentes. Toquei um nervo.

— E depois me passar para seus irmãos me estuprarem também? — Eu continuo.

— Seja cuidadosa.

— Não é isso que você faz? Não é esse o ponto? Você pega uma *Mulher Willow*, a espanca e a estupra, a quebra, para que quando a devolver, ela já esteja morta, mesmo que você não a mate.

Eu deito contra a cama e não estou mais lutando. Não há mais luta na minha voz, porque essa última parte, não quis dizer em voz alta. Não por ele, mas por mim mesma. Porque com essas palavras, acabei de ler minha sentença de morte.

Ele fica quieto por um longo minuto, apenas fica lá e me observa limpar a porra das lágrimas dos meus olhos. Quando se aproxima da cama, eu me afasto, mas ele para, não me alcança, não me toca.

— Você quer manter sua alma? Não estou interessado nela. Mas não me empurre. Sou seu único aliado nesta casa. Lembre-se disso.

Eu bufo.

— Meu aliado?

— Agora, levante-se e se limpe. Tome um banho. O almoço será enviado em vinte minutos e o médico estará aqui às duas horas.

— O quê?

Ele caminha até a porta e apenas quando a abre.

— Que médico? — Eu pergunto.

Quantas humilhações ele pode me fazer passar? Já fomos checadas, minhas irmãs e eu, para se certificarem de que estávamos *intactas*, como o médico disse. Virgens. Ele sabe que não sou. Sabia disso quando me escolheu.

— Controle de natalidade. Não serei pai de uma *Mulher Willow*.

5

Helena

Não serei pai de uma *Mulher Willow*.

Minha mente está girando. O que é isso? O que está acontecendo?

Sebastian se foi e fechou a porta atrás de si, mas não ouvi uma fechadura virar. Não é muito reconfortante, porque, se ele não sente a necessidade de trancar a porta, não está preocupado que eu fuja. E não irei. A punição não seria minha se fizesse. Seria da minha família.

Levanto-me da cama, pego meu cobertor descartado e vou ao banheiro. Virando as costas para o espelho, levanto o cabelo e olho para ferida. Tem cerca de cinco centímetros de comprimento, mas é superficial.

Abro a água e lavo as mãos, lavo a pele sob as unhas antes de usar um pano para limpar o sangue, depois olho pelo armário de remédios onde, notavelmente, encontro um kit de primeiros socorros. Depois de limpar e cuidar da ferida, volto para o quarto e caminho até a janela.

Veneza. Ele disse que íamos a Veneza. Mas fico ali admirada, quando olho pela janela no segundo andar da casa e não vejo Veneza como imaginei. Vejo terra e água.

Empurro as janelas para fora e fico surpresa que possa abri-las. Eles não devem ter medo que eu pule, pelo menos não ainda. Inclino minha cabeça para fora, em todas as direções que posso ver daqui, há apenas terra e água.

Nenhuma cidade. Não há gôndolas. Nenhum som de mil turistas.

A grama é verde e está bem cuidada. Existem dois jardineiros à distância. À direita da casa tem o que parece ser uma horta. À esquerda, vejo a doca onde três barcos balançam na água. Eles são de madeira e parecem os elegantes táxis aquáticos que vi em fotos de Veneza. O estranho é que sempre quis ver Veneza. Sempre fui apaixonada por ela. Há um mistério, algo único e pertencente apenas a esta cidade.

Mas isso, isso não foi o que imaginei e não o que sei que Veneza deveria ser. Há uma batida na minha porta.

Eu me viro quando se abre. Não sei quem espero que seja, porque não vejo Sebastian ou nenhum deles batendo. Suspiro aliviada quando vejo que é uma garota com uma bandeja. Ela provavelmente tem mais ou menos a minha idade e me dá um pequeno aceno de cabeça antes de colocar a bandeja na mesa maior junto à espreguiçadeira. Então se vira para sair sem uma palavra.

— Espere. — Chamo apenas quando ela chega à porta. Sinto-me ridícula abraçando este cobertor sobre mim mesma e a perseguindo.

Ela se vira, mas está visivelmente desconfortável.

— Onde estamos? Aqui não é Veneza.

Ela olha para trás para o corredor, aperta os lábios e torce as mãos. Talvez não fale inglês e eu não falo italiano.

— Venezia? — Acho que é assim que é dito em italiano.

Ela olha para os pés, como se estivesse pensando em algo, depois olha para cima, acena com a cabeça e sai correndo do quarto. E tenho a sensação de que ela não estava nervosa por causa da linguagem.

Ela não tinha permissão para falar comigo. Então qualquer outro? Ficarei completamente isolada? Totalmente sozinha?

Empurro o pensamento de lado e vou até a bandeja tropeçando um pouco, quando o cobertor fica preso entre meus pés. Recolho e olho para o que é o almoço. Meu estômago ronca. Estou com fome e perdi o café da manhã.

Eu me pergunto se estava drogada, porque não sei como dormi através do pouso, enquanto fui carregada até ali e despida. Mas por quê me drogar? Qual é o ponto? Não há necessidade.

Há duas bandejas e levanto a tampa de cada um. Uma é o café e a outro chá. É porque eles não sabiam o que eu preferia? Não, não é uma gentileza. Deveria lembrar disso.

Sirvo-me uma xícara de café e acrescento uma generosa porção de creme. É bom, embora muito mais forte do que estou acostumada.

Tiro a parte superior da ciabatta[4] do sanduíche e encontro dentro vegetais assados, queijo de cabra com pinhões e o que acho ser um molho pesto. Parece bom e estou com fome, então coloco o café para baixo e pego o sanduíche com uma mão, enquanto seguro o cobertor com a outra e dou uma mordida.

Com a boca cheia, vou para uma das outras duas portas que ainda não investiguei. Uma está trancada, então me viro para a próxima. É um enorme closet, mas está vazio. Quanto tempo ele planeja me manter nua?

Não há relógio no quarto e me pergunto quanto tempo passou. Rapidamente como o restante do sanduíche e tomo meu café antes de ir ao banheiro para tomar um banho.

Tomo um banho mais rápido que já tomei. Sei que qualquer um deles pode entrar a qualquer momento e já estou vulnerável o suficiente sem ser pega nua no chuveiro.

[4] A ciabatta é um pão branco de origem italiana. O nome vem do italiano para chinelo, em alusão ao seu formato achatado. Normalmente a receita inclui a preparação da biga ou esponja, que é uma mistura de farinha, fermento e água algumas horas antes do preparo da massa.

Quando termino, pego duas toalhas, faço um turbante para meu cabelo com uma e enrolo a outra ao meu redor, é um pouco mais maleável do que o longo cobertor. Seco meu cabelo e deixo a toalha pendurada em uma prateleira.

Assim que volto ao quarto, a porta se abre e Lucinda Scafoni entra, seguida por um homem velho demais para andar, junto com a mesma empregada que trouxe minha bandeja. Ela empurra uma mesa vazia de metal sobre rodas, não ousa olhar para mim, mas faz uma reverência para Lucinda e sai. Quando ela chega para fechar a porta, Lucinda a impede.

— Deixe-a aberta. — Diz em inglês, o tempo todo me observando com desgosto.

Ela está vestindo um vestido preto com um colar que chega até o topo do pescoço. É severo e feio. Seu cabelo está novamente em um coque apertado e vejo agora como a maquiagem dela é muito pesada. O pó está coberto por uma espessa camada de base, as sobrancelhas se existiram uma vez, já se foram há muito tempo. Ela as desenhou e estão muito escuras, muito gritante, mesmo com o tom de pele verde-oliva dela.

Eu não acho que ela é linda.

— Tire a toalha. — Ela ordena e noto que está carregando um longo e fino pau na mão.

— Por quê?

Eu abraço a toalha com mais força enquanto tento manter o olhar, mas da minha periférica vejo o médico colocar suas coisas para fora, ouço o barulho suave de metal contra metal. Reconheço os instrumentos.

— Eu já fiz um exame. — Digo.

— Você fará outro. Tire a toalha.

— Onde está Sebastian? — Por que pergunto?

— Ele me pediu para cuidar dessa tarefa.

Eu paro ao ouvir isso. Ele pediu a ela para cuidar disso? Mas o que eu esperava? Que me salvasse? Deus, sou uma tola maior do que percebo se isso é realmente o que pensava.

— E se você não tirar a toalha, pedirei para Ethan vir e removê-la.

Engulo. Eu sei que ela o faria. Solto a toalha e a jogo no chão.

O médico ainda está trabalhando para pegar suas coisas ou pelo menos ele tem a cortesia de não olhar para cima, mas ela me olha da cabeça aos pés, uma e outra vez.

— Vire.

Eu faço.

— Não tem uma marca em você.

— Todas as *Mulheres Willow* têm uma pele perfeita e bonita. — Respondo, voltando-me para encará-la, porque acho que entendo pelo menos um pouco do seu ódio por mim. Por todas as *Mulheres Willow*.

Mas ela sorri.

— Isso torna muito mais gratificante marcar uma prostituta insalubre, arrogante. — Ela aponta para cama. — Deite-se e abra as pernas.

— Já fiz meu exame e Sebastian disse que isso era para controle de natalidade. — Mas novamente, ele já me traiu, não foi?

Mas é traição quando ele é meu inimigo? Não, não mesmo. Seu comportamento está de acordo com seu papel.

— Preciso ter certeza de que você não está doente. Ele deveria ter pego uma das suas irmãs. Não gosto da ideia dos meus filhos fodendo uma usada prostituta Willow.

— Não é necessário. Estou limpa.

Eu fiz sexo exatamente uma vez, com o único propósito de rasgar aquela membrana. E olha onde isso me levou.

— Ethan.

Ela nem olha para o lado e como se ele estivesse do lado de fora, Ethan aparece na porta. Não posso pegar a toalha rápido o suficiente.

— Ajude-a. — Ela diz a ele.

Sebastian está me punindo. Isso é o que ganho por lutar contra ele. Tudo isso faz parte dessa transgressão.

— Não. — Eu mantenho a toalha ao meu redor, mas sento na cama. — Ele pode ir. Farei isso. — Deitando de volta para provar meu ponto.

— Abra a toalha. — Ela instrui.

Eu a mantenho ao meu redor. Olhando para o teto, abro-a.

— Agora abra suas pernas.

— Ethan pode sair. Eu o farei.

— Você fará de qualquer forma.

Ethan caminha até o pé da cama. Acho que ele quer um lugar na primeira fila.

Olho uma vez para a mãe e sei que é inútil novamente e não vou implorar. Abro minhas pernas. O médico diz algo para a Sra. Scafoni em italiano e ela gentilmente traduz.

— Puxe seus joelhos para cima.

Eu faço. E estou totalmente exposta a eles e tudo que posso fazer é ficar lá deitada, olhar para o teto e apertar os lençóis enquanto o médico conduz seu exame, os instrumentos que ele empurra dentro de mim, seus velhos dedos me cutucando e quando acho que terminamos, ele dá outra instrução que não entendo, não até vê-lo espalhar lubrificante em seu

dedo mais grosso e cutucar meu outro buraco e quando aperto, é Ethan quem fala.

— É mais fácil aceitar algo na sua bunda quando você está relaxada. — Diz ele. — E o que eu vou colocar lá será muito mais grosso que o dedo do médico.

Isso é parte da punição de Sebastian? Essa humilhação total, sendo isso tirado de cem pontos?

Meu rosto queima quando o médico empurra seu dedo dentro de mim. Não entendo o ponto, mas não há um. É para me humilhar, isso é tudo. E ele o faz. Quando termina, me dão uma injeção. O controle de natalidade, eu acho.

Quando acaba, ele se levanta e tira as luvas. A Sra. Scafoni se aproxima e com os olhos em mim, tem uma discussão em italiano com o médico. Um momento depois, a mesma garota que rolou o carrinho retorna e lança-o para fora. Alcanço a toalha.

— Role para o seu estômago.

Eu olho para ela e para Ethan, que está sorrindo, sua mão na ereção evidente através de seu jeans. Juro que ele não é estável.

— Por quê?

— Ethan.

Ela ignora minha pergunta e eu rolo de barriga para baixo antes que ele possa colocar as mãos em mim. Um segundo depois, antes que possa processar o som sibilante, uma linha de fogo queima em minha bunda, me deixa ofegante, pulando da cama.

Mas Ethan se agita e estou me cobrindo desesperadamente enquanto ele agarra-me grosseiramente, me arrastando de volta para baixo.

— Você deve mais três pela sua recusa em fazer o que lhe dizem. — Lucinda me informa. — Ele pode te segurar e eu vou dobrar ou você pode se apresentar sozinha e pegar as três. Decida.

— Que recusa? Eu fiz o que você disse!

— Esse é outro golpe. Ethan.

Balanço a cabeça, mas sei que Lucinda não me dará outra chance. Ela gosta muito disso e Ethan também, assisto impotente, enquanto duas algemas presas à cabeceira da cama, são expostas.

— Não!

Mas ele, como seu irmão, é muito forte e meus braços estão presos, estou de barriga para baixo, ele segura meus tornozelos e me deixa esticada.

— Oito mais, já que eu estou dobrando. E da próxima vez, saberá ceder imediatamente.

E com isso, recebo o primeiro golpe da minha vida, porque é isso que o pau que ela está segurando é. Uma merda de bengala.

Apenas uma vez meus pais colocaram as mãos em mim, mas essa dor é diferente. Oito golpes, um atrás do outro e estou chorando a cada segundo, soluçando e implorando para ela parar, odiando-a, me odiando, me perguntando como algo pode doer tanto, me perguntando se ela está rasgando a pele. Imaginando se Sebastian ordenou isso também.

Quando ela termina, está sem fôlego. Ethan solta minhas pernas. Não me viro para olhar para eles. Enterro meu rosto no meu braço.

— Eu deveria cuidar disso. — Ouço Ethan dizer a ela.

Não sei do que ele está falando, mas depois a mãe responde e acho que sim, estou enjoada.

— Em breve. Pegue uma das empregadas da cozinha por enquanto. — Diz Lucinda.

Eu o ouço sair. A cama se afunda e as unhas afiadas arranham minha nádega, tocando cada linha que ela acabou de bater em mim, antes de segurar meu cabelo, afastando-o do meu rosto.

Eu não quero olhar para ela. Posso ver seu sorriso vitorioso através da minha visão embaçada. Mas ela pega meu cabelo em uma mão e puxa minha cabeça para trás, virando-a dolorosamente, então preciso olhar para ela.

— Você é bonita, mas a sua antecessora também era quando ela veio para cá.

Eu sei que ela está se referindo a minha tia Libby, mas não sabia que Lucinda esteve ali em sua vez como a *Mulher Willow*.

A *Mulher Willow* das chicotadas.

— Ela era bonita também, no começo. Diga-me, você a viu quando voltou para vocês? As costas dela?

Ela sorri.

— Meu marido me deu a tarefa de punir aquela prostituta.

Marido dela? O pai de Sebastian? Ele era casado com Lucinda quando levou minha tia?

— Estou ansiosa para fazer o mesmo com você.

Com isso, ela se levanta. Eu a vejo saindo pela porta, me deixando amarrada, deitada na cama.

Eu achava que ela seria diferente dos filhos? Por que ela é mulher? Vi sua crueldade desde a primeira vez e seu ódio por mim, pela minha família é quase palpável.

Mais uma vez, gostaria de conhecer mais da nossa história. Queria que minha mãe tivesse nos contado mais. Queria ter lido mais.

Rolo de costas, mas rapidamente volto para meu estômago. Pelo menos a dor me tira os pensamentos da cabeça. A batida frenética do meu coração finalmente está diminuindo, mas a dor da minha punição apenas parece se intensificar fazendo minha pele latejar e tudo em que consigo pensar é no que Sebastian disse para mim. Que ele é meu mestre, é quem decide minhas recompensas e minhas punições.

E então a outra coisa que disse.

Eu sou seu único aliado nesta casa. Lembre-se disso.

Meu aliado. Meu aliado ordenou isso? Então eu apaguei.

6

Sebastian

Volto para casa sob um brilho quase rosa. O pôr do sol nesta época do ano é espetacular. Precisava estar em Veneza para uma reunião e o momento era bom. Tive que me afastar dela antes de fazer algo imprudente.

Mas estar longe não impediu que aquela palavra, sua acusação, repetisse em minha cabeça de novo, de novo e de novo.

Estupro.

Embora seja tão extraordinário para ela usar essa palavra? Eu sei do que a família Scafoni é capaz. São culpados.

O que você pretende fazer? Pergunta a voz dentro da minha cabeça mais uma vez.

Eu não respondo a isso. Em vez disso, desvio para o que meu irmão já teria feito se estivesse no meu lugar. Eu sei que é uma desculpa, uma distração. Apenas estou me enganando.

Ele ainda terá sua chance. Ambos terão.

Empurro esse pensamento para longe. Há tempo antes disso. Antes de entregá-la para eles.

Eu me sinto mais velho que meus vinte e oito anos. Fui chefe dessa família por dez anos. Cheguei na idade adulta depois da morte do meu pai e conheço minhas obrigações. Sei o custo se não continuar a tradição, por mais arcaico que seja, há verdade na maldição. A sombra do mausoléu da família na distância da propriedade é um lembrete constante.

Remy, o zelador da casa é um homem em quem confio, me encontra no cais quando saio do barco. Ele é mais velho, tem mais de sessenta anos e trabalha para minha família há mais tempo do que vivo. Ele pega as cordas e um momento depois, o barco está preso.

— Como estão as coisas aqui?

Eu posso ver no rosto dele que algo está errado.

— O médico veio e foi embora.

Remy sabe dos negócios da *Mulher Willow*. Helena é a segunda.

— O que além disso? — Eu empurro.

— A garota ainda está no quarto dela. Nenhum alimento foi enviado e nem água. Não desde a hora do almoço.

— E ela não desceu?

— A Sra. Scafoni proibiu que alguém entrasse e suponho, sair.

Estreito meus olhos e respiro devagar.

— Obrigado, Remy.

Ele acena, sempre elegante e vou para casa.

As luzes estão acesas na maioria dos cômodos do andar de baixo, mas não vejo ninguém da minha família enquanto subo diretamente a escada até o quarto de Helena.

Eu não bato, mas abro para encontrá-la deitada na cama em seu estômago, nua. Eu sei que seus braços estão amarrados porque ela não pode estar confortável em tê-los sobre sua cabeça assim.

Ela não se move e suponho que esteja dormindo. Seu cabelo é selvagem, cobrindo os braços e a maior parte das costas, mas quando me aproximo, vejo as marcas na bunda dela e aperto as mãos.

Eu vou até ela, observo cada uma das nove linhas da bengala. Nove golpes. Nove fodidos golpes.

Eu não pedi isso. Assim não.

Mas sabia que Lucinda não mostraria misericórdia, não sabia? Seu ódio pelas *Mulheres Willow* supera todos os nossos. Eu sei porquê, pelo menos em parte, testemunhei tudo quando a última estava aqui.

Ainda assim, isso?

Eu não desculpo isso. Lucinda precisará ser tratada.

Eu me sento na beirada da cama. Helena se agita quando chego para desamarrá-la. Ela solta um gemido e abaixa os braços, vira-se para o lado e se encolhe. Deita de barriga para baixo.

Ela afasta o cabelo do rosto. Está inchado de chorar e quando encontro seu olhar escuro, o que vejo dentro faz minha mandíbula flexionar, faz minhas mãos se apertarem novamente.

— Você é meu único aliado nesta casa? — Ela pergunta, enxugando o rosto, forçando-se a rolar para o lado, engolindo a dor. — Então o que farei quando meus inimigos atacarem?

Eu me levanto, vou ao banheiro. Abro a água fria e molho uma toalha nela, depois volto para o quarto.

— Vire para seu estômago.

— Por quê? Para mais? Então poderá ficar olhando?

— Isso esfriará?

Ela bufa.

— Vire para seu estômago, Helena.

— O quê, sem *Mulher Willow*? Sem querida?

Encontro seus olhos, percebo que não a chamei também.

— Eu não pedi isso.

— Não? Não foi o que sua mãe disse.

— Eu não pedi o castigo. Assim não.

— Assim não? — Ela pergunta. Vira o rosto, como se estivesse envergonhada.

Eu vejo a pele da testa enrugando enquanto ela passa as costas da mão pelo rosto. Ela se vira de barriga para baixo e coloco a toalha fria sobre a carne listrada de vermelho do seu traseiro.

— Como o quê, então? O que você pediu exatamente?

— Um golpe, dois no máximo. Não nove.

— Um golpe, dois no máximo. Tão casual sobre espancar uma mulher.

Sinto meus lábios apertados em uma linha, mas ela está certa, não é? Isso, nove golpes, como eu chamaria? Vejo a bandeja de comida de antes e vou até ela, despejo um copo de água e levo de volta para cama.

— Aqui.

Ela olha para ele, depois para mim e se levanta para pegar o copo. Ela não me deixa ajudá-la a beber. Toma um gole e depois devolve.

— Está com fome?

— Apenas quero ficar sozinha. — Ela deita a cabeça para baixo e fecha os olhos.

— Helena...

— Apenas me deixe em paz! — Ela grita, levantando a cabeça, olhando para mim. — Você não pode me dar isso? Uma noite. Uma noite depois disso. Por favor. — Sua voz se quebra e vejo seu rosto se contrair antes que se afaste de mim. Engulo o nó na garganta quando a ouço soluçar baixinho.

Fico de pé.

— Enviarei a comida. Algo para a dor também.

Ela não responde e acho que não sei o que ela diria. Eu a deixo sozinha, como pediu e me asseguro de que alguém leve o jantar até ela antes de encontrar minha família reunida à mesa do lado de fora, minha madrasta sentada na minha cadeira na cabeceira da mesa.

Quando chego lá, ela está sorrindo, tomando champanhe casualmente. Ethan também. Gregory é ilegível, como de costume.

— Lucinda.

Todos se voltam para mim e tudo o que ela vê no meu rosto, limpa aquele sorriso do dela. Ela se levanta, pega a cadeira ao pé da mesa.

— Filho. — Ela diz uma vez que está sentada, sabendo como a odeio me chamando de filho porque não sou. — Sirva-me mais champanhe. — Ela segura a taça.

Vou até a mesa, pego a garrafa e despejo.

— O que você está celebrando?

— Nossa nova *Mulher Willow*. — Ela levanta a taça e bebe um longo gole.

Eu a aperto pela garganta e Ethan está de pé um instante depois, quando ela derrama sua taça de champanhe no colo dele no momento em que a seguro.

Porque vendo Helena assim, eu sei do que Lucinda é capaz. O que ela pode fazer com essa bengala. Cresci na ponta receptora e tenho as cicatrizes para provar isso.

— E se você alguma vez a tocar assim novamente eu a matarei, me entende? — Eu aperto seu pescoço pequeno e magro e ela está segurando meu antebraço, tentando me afastar. — Fui. Claro? — Pergunto mais uma vez, soltando meu aperto o suficiente para que ela possa sufocar uma resposta.

— Sim!

— Bom. — Eu a solto e ela tropeça para trás.

— Eu não rasguei a preciosa pele Willow. Apenas fiz o que você pediu.

— Ela mereceu, Sebastian. A garota é arrogante, como mamãe diz. Ela a provocou. — Diz Ethan.

A raiva deixa minha visão negra por um segundo. Gregory ri e acho que o ouço chamando Ethan de idiota em voz baixa.

Lanço a Gregory um olhar. Ele sabe que não gosto disso.

— Você estava lá? — Volto minha atenção para Ethan.

Ele limpa a garganta, hesita, olha para Lucinda em busca de direção.

— Você colocou a mão sobre ela, Ethan? — Estou tentando conter minha raiva, pelo menos com ele.

— Não. — Responde Ethan, em pânico. Sei que preciso ficar calmo com ele. Ele não pode controlar suas emoções e isso não é culpa dele.

— Ethan não fez nada de errado. Mesmo que tenha tanto direito a essa prostituta quanto você.

— Não, ele não tem. Ainda não.

— Eu apenas olhei. Não toquei nela, Sebastian. Eu não o fiz.

Porra.

Sento-me, levanto as sobrancelhas quando uma das garotas da cozinha coloca um uísque para mim.

— O que pedi para fazer, exatamente, *madrasta*? — Ela odeia ser chamada assim. Pode odiar mais do que quando a chamo pelo primeiro nome. Mas ela responderá, porque apenas ela é a responsável.

Seus lábios se franzem.

— Ela deve aprender em seu primeiro castigo o que a desobediência custará.

— O que eu pedi para você fazer exatamente? — Repito, drenando meu copo. A garota reabastece.

— O exame.

E isso é verdade. Eu queria que ela fosse reexaminada pela simples razão de diminuí-la.

— E?

— Ela desobedeceu, como todos nós sabíamos que faria.

— Quantos eu pedi se ela desobedecesse?

— Um ou dois golpes.

— E você deu?

— Eu não rasguei a pele!

— Quantos golpes você deu?

— Você viu por si mesmo. E se quer que ela o respeite, dará mais nove agora. Isso vai ensiná-la.

— Isso vai quebrá-la.

— Não é esse o ponto? — Ela sussurra.

— Na minha linha do tempo, Lucinda, não na sua. Ela pertence a mim. Você faz o que digo ou será a única no poste. Estamos entendidos?

Seu olho esquerdo pulsa. Sempre acontece quando ela quer dizer a alguém para ir se foder.

— Estamos entendidos? — Eu repito, meu rosto duro.

— Sim.

— Bom. Agora saia da minha vista.

Leva um minuto e sei que ela está me amaldiçoando para o inferno e voltando, mas não me importo. Ela entra na casa enquanto os empregados trazem o jantar: um frango assado com batatas, legumes e uma salada.

Olho para Ethan enquanto mastigo o frango.

— Você deveria tê-la impedido.

Ele olha para mim.

— Eu não queria e quando chegar a minha vez, não o farei.

— Ainda não é sua vez, irmão. Fique longe da garota ou ficarei com raiva de você, entendeu?

— Mamãe diz que também tenho direito a ela. Diz que você quer mantê-la para si. Mas também terei a minha vez. — Ele come seu frango e toma um gole de vinho.

— Como foi a reunião? — Gregory pergunta, sentando em sua cadeira.

Eu não sei se ele não está interessado em Helena ou o quê. Talvez seja esperto o suficiente para manter a cabeça baixa, porque ele tem dois anos para esperar. Inferno, talvez seja esperto o suficiente para saber que entre Lucinda, Ethan e eu, pode não haver muito mais quando chegar sua vez.

A reunião foi com nossos banqueiros. Confirmei a primeira parcela do pagamento que deveria ser enviada à família Willow e examinei as contas de todos. Preciso manter uma rédea apertada sobre Lucinda e Ethan, porque mesmo que Helena esteja prestes a ser entregue a ele depois que meu ano acabar, ainda controlo os fundos da família. É como planejo manter o controle sobre ele quando a tiver.

Eu me pergunto o quanto Helena sabe sobre o dinheiro que troca de mãos após a colheita e através dos anos que a *Mulher Willow* é propriedade da família Scafoni. Pergunto-me como ela se sentiria sobre sua preciosa família se soubesse.

— Bom. — Digo, olhando para Ethan. — As coisas estão no caminho certo.

Depois do jantar, todos nós seguimos nossos caminhos separados, Gregory saindo da ilha para uma festa ou outra, Ethan se retirando para seu quarto e eu darei uma caminhada, indo para o lado leste da ilha, onde fica o Mausoléu da Família Scafoni.

Esse caminho não é iluminado e juro que a grama aqui é mais marrom. Nada cresce ali, como se as cinzas dos mortos infectassem a terra com a morte. É sempre mais frio neste lado da ilha também e isso não faz sentido científico.

É por isso que uma parte de mim concorda com esse negócio insano das *Mulheres Willow.* Não acredito em nenhum deus, mas acredito em fantasmas. Acredito que as Willow são vingativas, mas mais ainda, acredito na maldição que Maggie Scafoni, mãe de Anabelle, colocou sobre nós séculos atrás.

Às vezes, as mulheres da nossa família podem ser tão ferozes quanto os homens porque, por duas vezes, uma *Mulher Willow* não foi reivindicada. Duas gerações que deixaram o passado, que permitiu que a consciência governasse a tradição e a obrigação da família.

Foi quando a família Scafoni começou a perder seus filhos primogênitos, a perda que levou a brigas entre nós porque mudou as regras da herança.

Romper com a tradição e desagradar nossos ancestrais nos custou. Depois disso, se uma *Mulher Willow* fosse reivindicada ou não, cada geração perdia um menino, algumas durante a gravidez, algumas nos dias

após o nascimento. Sempre o primeiro, então, em vez de ter quatro filhos, cada família tinha apenas três.

A luz suave de uma lâmpada queimava dentro do mausoléu dia e noite, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, como a lâmpada do santuário em todos os altares de todas as igrejas cristãs.

Empurro o portão rangendo e passo para dentro. Não uso meu telefone para iluminar mais o espaço. Não preciso disso e não tenho medo desses fantasmas. Eles estão ali, sim, mas não querem fazer mal. Não a mim.

É grande o lugar de descanso final da família e precisará ser expandido em breve. As paredes já estão cheias.

Eu vou para o mais novo, o do meu pai. Traço as datas. Morreu jovem, em seus cinquenta e poucos anos. Ele não era um homem frágil, nem para nós, mas era fraco.

Os golpes começaram depois que Lucinda apareceu. Ela se declarou disciplinadora, pelo menos minha disciplinadora. Eu juro, tão doente como é, ela deu um pontapé nisso.

Suportei sua ira até o meu décimo sétimo aniversário. Era um homem, mas suportava suas punições até não aguentar mais um minuto de seu ódio. Lembro da última vez que ela me mandou tirar a roupa. Lembro da minha raiva. Parti sua maldita bengala em duas naquela noite e a arrastei para o poste de chicotadas.

Nunca mais ela levantou um dedo para mim, levantou a voz ou ousou me desobedecer.

Não até agora.

Penso na minha mãe. Eu tinha dois anos quando ela morreu, mas me lembro dela sendo gentil e amável. Lembro de amá-la.

Como Lucinda podia ser tão diferente da minha mãe, eu não entendo. Elas compartilhavam o sangue, no entanto, são como a noite e o dia.

A lembrança das marcas em Helena, me faz lembrar dos momentos em que fomos reunidos para assistir Lucinda castigar a última *Mulher Willow*, Libby. O que ela sofreu nas mãos de Lucinda me deixa doente. Mas o que me deixa mais doente é que meu pai foi fraco demais para impedi-la, embora soubesse, à sua maneira, que ele amava Libby Willow.

Talvez por isso, Lucinda a odiasse tanto e a castigasse tão duramente.

Eu preciso cuidar de Helena. Não posso permitir que Lucinda faça o que ela fez com Libby. Não tenho nenhum interesse em ser seu salvador, mas serei o único a quebrá-la, não Lucinda.

Passo para a direita, para o próximo nome esculpido no mármore preto. Para as datas lá. Timothy Scafoni, mais velho que eu por treze minutos. Ele viveu três dias. Minha mãe achava que a maldição foi quebrada e de certo modo, aconteceu. Ela teve gêmeos, não havia outros gêmeos na linha Scafoni e sobrevivi.

Ao lado do marcador do meu irmão está o da minha mãe, Samantha. Eu limpo a poeira da pedra e esfrego a gravura do nome dela. Faz muito tempo desde que ela morreu.

Pego três velas por perto, acendo-as e coloco-as na frente de cada um dos marcadores. Então, sem uma palavra de oração, saio do mausoléu e vou para casa.

7

Helena

Quando acordo de manhã, fico surpresa ao encontrar as cortinas fechadas. Eu não me levantei depois que Sebastian saiu. Toda vez que acordava, apenas fechava meus olhos novamente, ainda esperando como uma covarde, que isso fosse um sonho. Ainda esperando que da próxima vez que abrisse meus olhos, estaria em minha própria casa, na minha própria cama.

Lentamente me sento empurrando a dor, porque tenho que usar o banheiro. Sento na beirada da cama, na verdade, faço para sentir o aguilhão do meu primeiro espancamento nas mãos de um Scafoni porque nunca mais quero esquecer a crueldade e a brutalidade desta família.

Lucinda Scafoni distribuiu meu castigo com prazer. Não foi uma tarefa me surrar. Penso em tia Libby, me pergunto pelo que ela passou. Penso no que Lucinda me perguntou, se vi as costas da minha tia.

Eu tinha cinco anos quando ela voltou para casa de sua *viagem* e minhas memórias estão nubladas, mas a imagem de suas costas nunca esqueci. No dia em que vi, ela estava saindo do chuveiro quando irrompi em seu quarto, surpreendendo-a. Lembro-me de perguntar a ela sobre os padrões em suas costas, perguntando se eram uma tatuagem porque nunca vi nada parecido.

Ela não teve a chance de me responder porque minha mãe entrou no quarto e me carregou para fora, me castigando porque não deveria entrar no quarto de alguém sem bater. Agora sei porquê.

Na mesa de cabeceira há um pote de creme. Pego, abro, cheiro e leio o rótulo. É um creme refrescante para minha bunda, eu acho.

Abaixo, mais aborrecida do que grata porque quando você pune, não pode ser perdoado com uma tentativa patética de diminuir a dor. Eu nunca perdoarei Sebastian pelo que ele fez.

Eu me levanto e vou para o banheiro. A primeira coisa que faço é virar as costas para o espelho e olhar para mim mesma, olho para o dano e fico ofegante.

Nove linhas vermelhas irritadas marcam meu traseiro, tudo em uma fileira firme e reta. Ela tem uma mão experiente. A pele está machucada em alguns lugares, ficando azul, mas essas linhas são vermelhas brilhantes. Eu alcanço de volta para sentir a pele. Está levantado e suave ao toque. Eu a sentirei nos próximos dias ou mesmo semanas.

Eu não me lavei desde o exame. Entro no chuveiro e abro a torneira do chuveiro. Mantenho o mais frio que posso para suportar sobre as picadas quentes. Como ontem, não demoro muito. Costumava fazê-lo. Sempre achei um prazer tomar longos banhos, usar toda água quente. Minhas irmãs sempre reclamaram.

A lembrança me faz sorrir. Sinto falta delas. Pergunto-me se ele me deixará ter algum contato com elas ou com tia Helena. Talvez se sinta mal o suficiente para dizer sim se perguntar hoje.

Quando volto para o quarto, há uma batida na porta. Está aberta. A mesma empregada de ontem entra e nós duas ruborizamos. Ela sabe o que eles fizeram comigo. Testemunhou minha humilhação. Por um momento, me pergunto se ela foi a garota que Ethan usou para se aliviar.

Deus, acho que ficaria doente se tivesse algo no meu estômago. Ela coloca a bandeja de comida para baixo e pega a anterior. Acho que Sebastian enviou o jantar, mas nem notei.

— Obrigada.

Ela balança a cabeça, oferece um sorriso caloroso e sai. Eu me sirvo de uma xícara de café e percebo que não trouxeram chá dessa vez. Eu como todos os três croissants, um simples e dois de chocolate. Estou faminta. Então pego o cacho de uvas, vou até a janela, abro e observo do lado de fora enquanto coloco uma após outra na minha boca.

Quando a porta se abre sem bater, me assusto e me viro para encontrar Sebastian entrando. Endureço e seguro minha toalha contra meu corpo, achando difícil engolir a última uva.

Ele olha para mim e me dá um breve sorriso. Está carregando caixas, uma grande com um laço rosa e outra menor. Uma caixa de sapato, eu acho.

— Bom dia.

— Bom dia.

— Como você está se sentindo?

Eu dou um sorriso falso.

— Ótima.

Ele coloca as caixas na cama.

— Eu trouxe um vestido para você vestir hoje. E há mais chegando.

— É porque você se sente culpado?

— Você é sempre assim?

— Como?

— Difícil. Combativa.

— Eu acho que é o que sua mãe pensou em cortar de mim.

Ele endurece.

— Lucinda foi tratada. Ela cruzou uma linha, mas isso não acontecerá novamente.

Mais uma vez, se refere a ela como Lucinda. É estranho.

— Eu deveria ser grata? Quer dizer, afinal você me contou sobre ela para começar.

Ele atravessa o quarto apenas para segurar meu braço. Posso ver o esforço dele para se controlar. Seu olhar cai no meu peito e abraço a toalha mais forte.

— Deixe-me esclarecer. — Diz ele, encontrando meus olhos novamente. — Isso não acontecerá novamente sem meu pedido, *Mulher Willow.*

Mulher Willow.

Isso me coloca no meu lugar. Eu o observo, ouço o aviso em seu tom.

Ele não se sente culpado. Não está irritado. Ele *lidou* com isso, seja lá o que signifique. Sou a única que lidará com a bunda machucada, para não mencionar o ego.

— Vá para o inferno.

— Eu deixarei isso ir. Vista-se e desça a escada. Tem cinco minutos. — Diz ele, virando-se para porta.

— Por quê? — Eu empurro, embora minha voz seja mais baixa e que espero que não me ouça. Mas ele para com um pé no corredor. — Por que você está me dando roupas?

— Porque não quero todo mundo olhando para o que é meu.

Ah. O que é dele. Propriedade. O que eu esperava?

— Cinco minutos. Estou esperando no final da escada.

Ele sai com isso e depois de respirar profundamente, porque esse homem puxa o tapete sob mim como ninguém, abro a tampa da menor das duas caixas para encontrar um par de sandálias slingback[5] dentro. Elas são brancas com um pequeno salto. Reconheço a marca das revistas da minha irmã. Designer.

Verifico o tamanho e fico surpresa ao descobrir que ele acertou.

Eu puxo o arco grande e abro a caixa maior, empurrando o lenço de papel rosa perfumado para o lado para encontrar um vestido turquesa dentro. Tem um top e é cortado na parte de trás. A saia termina no meio de um babado. É bonita, e dizer que estou feliz não é adequado.

Quando me visto, porém, percebo que mostra o suficiente sem precisar mostrar. Não permite um sutiã e mesmo que permitisse, não tenho um. Meus seios são um modesto 42 no meu período mais completo do mês e esse tipo de vestido é novo para mim. Eu nunca usaria em casa.

[5] Slingback são aqueles modelos que deixam a parte de trás livre e são superconfortáveis, como sandália com zíper frontal e um solado marcante!

O tecido é do algodão. Um olhar no espelho me mostra que não é transparente. Calço as sandálias e o visual é suave. Muito feminina. O turquesa complementa minha pele e cabelo.

Espreito sob o lenço de papel a procura de calcinha, mas parece que não há nenhuma. O que provavelmente é o melhor, já que acho que não posso usar nenhuma hoje.

E de volta ao banheiro, escovo meu cabelo e coloco sobre meus ombros. Preciso pedir-lhe alguns prendedores, laços de cabelo ou algo assim. Estou acostumada com meu cabelo afastado do rosto e pescoço, especialmente no verão.

Suponho que levei um pouco mais dos cinco minutos que me foram atribuídos, abro a porta e pela primeira vez, passo para o corredor. Olho para direita, para esquerda e para cima. Há outro andar na casa e este abriga, pelo que vejo, sete cômodos. Não tenho certeza se um é um armário de roupas ou banheiro, talvez lavanderia. Todas as portas estão fechadas.

Nossa casa também é grande, está na família há gerações. Mas em frente a esta, nossa casa é velha e precisa de reparos com seções inteiras fechadas, é sempre muito fria no inverno e quente demais no verão.

Dou alguns passos e estou no topo da escada larga e opulenta. Sebastian está lá embaixo. Posso vê-lo no que acho ser a sala de estar e ele está em seu telefone. Eu desço. Olha para mim quando ouve meus saltos clicando na escada.

Quando chego ao primeiro andar, olho em volta enquanto ele atende sua ligação. Grande sala de estar de um lado, a maior sala de jantar do outro com uma longa mesa retangular que parece poder acomodar mais de uma dúzia de pessoas.

As portas francesas levam para fora de cada sala, tornando o espaço luminoso. As portas da frente são opulentas, a madeira de cor clara, um entalhado intrincado, cada porta formando metade do símbolo gigante desenhado com dois menores em cada canto inferior.

Sebastian vem até mim e o vejo me olhar e acenar em aprovação. Ele está vestido casualmente, com jeans e camiseta, como no dia anterior. Mais uma vez, vejo as tatuagens. Demoro um minuto para afastar meus olhos.

Eu limpo minha garganta no momento estranho.

— O que é isso? — Pergunto, apontando para porta.

— Brasão da família Scafoni.

— Uau. É para o caso de você acidentalmente ir até a casa errada?

Ele sorri, coloca a mão na parte baixa das minhas costas e o contato da pele na pele envia uma pequena corrente de eletricidade que passa por mim. É instantâneo e rápido e me pergunto se ele sente isso.

— Nenhuma chance disso. Somos a única casa da ilha.

Ilha. Uau. Eles possuem uma ilha maldita.

— Pensei que estivéssemos em Veneza.

— Nós estamos. Esta é Isola Anabelle, uma das ilhas de Veneza.

— Oh. — Pareço idiota, eu sei, mas honestamente, nunca pensei em outra coisa além de Veneza quando pensava em Veneza.

— Esta é a sala de estar, você é bem-vinda aqui a qualquer hora. Sala de jantar, mesma coisa. Embora a aconselhe a ficar no seu quarto quando eu não estiver na propriedade.

— Porque você é meu único aliado?

Ele estreita os olhos, me dá um sorriso que me avisa para me conter e continua.

— Todas as portas que estão fechadas em qualquer andar estão fora dos limites. Não me deixe pegá-la dentro de nenhuma delas.

Eu o enfrento, encontro seu olhar escuro. Ele deve ter se barbeado hoje de manhã, porque é a primeira vez que o vejo sem barba ao longo da sua mandíbula.

— E se o fizer enviará sua mãe para mim? — Não posso deixar de perguntar, mesmo sabendo que não deveria.

— Não. — Diz ele, inclinando-se perto, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Ele está me observando tanto quanto estou a ele. Pergunto-me o que vê. — Eu mesmo disciplinarei você.

Sua mão está no meu cotovelo, os dedos se fechando ao redor dele. Um arrepio percorre-me e não sei se é a respiração dele no meu pescoço ou as próprias palavras que fazem isso. Olho para ele, engulo, meu sorriso desaparecendo enquanto o dele se amplia.

— Você não ganhará comigo, Helena.

— Eu não desistirei sem lutar, Sebastian.

— Escolha suas batalhas com sabedoria então ou você se desgastará antes mesmo de chegarmos ao campo de batalha.

— Chegamos ao campo de batalha no momento em que fui obrigada a pisar no bloco para ser examinada e cutucada como se eu fosse gado.

— E se você não for cuidadosa, não será em um bloco que a colocarei.

Eu paro, sem retorno, suas palavras de ontem muito frescas em minha mente. Ele está se referindo ao poste.

Alguém limpa a garganta e a mão de Sebastian aperta meu cotovelo.

— Helena, este é Remy. Ele é uma espécie de mordomo. E se precisar de algo e não puder me encontrar, você o encontra, entendeu?

Eu me viro para Sebastian e sinto que isso significa mais do que está dizendo.

— Ele é meu aliado também? — Pergunto.

— Você está me cansando. — Diz ele, apresentando-me a Remy, que sorri e se curva.

Ele então me leva em direção a uma porta de vaivém que se abre para uma cozinha muito grande. Azulejos azuis e brancos cobrem todas as paredes e há um fogão a lenha onde pão sírio está assando.

Os balcões parecem ser de concreto e muito modernos, como os eletrodomésticos e há um enorme balcão onde uma cozinheira está de pé sobre o fogão, mexendo uma panela. O cheiro vindo dele faz minha boca salivar.

Ela é mais velha e tem o cabelo grisalho preso em um coque. Limpa as mãos no avental em torno de seus quadris amplos e acena como saudação.

— Esta é Miriam. Ela é nossa cozinheira.

— Prazer em conhecê-la. — Digo, aproximando-me para olhar a panela. — O que é isso? — Pergunto, embora não queira parecer interessada em qualquer coisa que ele tenha para me mostrar.

Ela responde em italiano e enquanto ele traduz, mergulha uma colher no caldo e estende-a para eu provar. Faz um movimento para eu soprar e já gosto dela.

— Caldo para a sopa de hoje à noite. — Diz Sebastian. — É vegetariana. Você é vegetariana, certo?

Eu olho para ele, surpresa.

— Sim. E é delicioso. — Digo, direcionando a última parte para Miriam, que sorri orgulhosa.

Eu não agradeço a ele por introduzir minha dieta.

— Eu a deixarei saber onde fará as suas refeições todos os dias. E se perder uma, esperará até a próxima. Lembre-se disso.

— Não pule refeições ou serei enviada para cama sem o jantar. Entendido.

Ele sorri e sua mão aperta meu braço com muita força. Eu o sigo pela porta aberta e para o sol brilhante. Fico parada por um minuto, apreciando seus raios e seu calor. Daqui, vejo ao longe que um dos três barcos se foi. Ele segue meu olhar.

— Minha família está fora da ilha durante o dia.

Eu me volto para ele.

— Quando você disse que lidou com sua mãe, o que isso significa?

— Isso significa que ela pensará duas vezes antes de machucar você novamente. E para esclarecer, ela é minha madrasta.

Madrasta?

Mas antes que possa perguntar mais, ele está me guiando novamente.

— Por aqui.

Nós caminhamos ao longo da propriedade e estou admirada. Nunca vi algo tão serenamente bonito como Isola Anabelle. A grama é exuberante, a água ao redor, o mar Adriático, acredito, calmo e azul.

Há uma piscina que está me chamando. Com três irmãs, nadar era a minha hora de ficar sozinha, era o meu refúgio estar abaixo da superfície. A piscina é de tamanho olímpico e cadeiras confortáveis estão situadas ao longo da circunferência.

— Onde está Veneza?

— Cerca de um passeio de barco de quinze minutos de distância.

— E não há mais ninguém nesta ilha, apenas sua família e os empregados?

— Correto.

— Eles moram aqui também, os empregados?

— Sim. Aquele prédio lá os abriga. — Ele aponta para uma réplica menor da casa, a construção tão bela quanto a casa principal, aninhada no que parece ser um pequeno afloramento de árvores.

Voltamos para casa, onde vejo o que acho ser minha parte favorita, o pátio. É um espaço coberto com uma grande lareira, uma mesa de jantar que parece acomodar cerca de metade do interior e cadeiras grandes com assentos confortáveis em torno dela, e uma área de estar com almofadas coloridas. Cada área é separada por carpete e acima dela há uma enorme lâmpada marroquina.

— É lindo. — Digo, meus olhos em tudo, captando tudo, querendo absorver tudo.

— A ilha não é muito grande, então você não se perderá se for dar uma volta, mas precisa deixar alguém saber onde está o tempo todo. A única parte para a qual não pode ir é o lado leste.

— Por quê?

— Porque eu disse.

— Qual é o caminho para o leste? Não tenho senso de direção aqui.

Ele pega minha mão, me surpreendendo e me leva até a extremidade oposta da casa e aponta. É estranho, mas é quase como se fosse mais sombrio naquele lado da ilha. Embora tenha certeza de que isso não é verdade. E de cima das árvores, vejo o telhado de pedra cinza de um prédio.

— O que há lá? — Pergunto.

— O mausoléu da família.

— Oh. — É tudo o que ele precisava dizer.

É estranho por um momento e limpo minha garganta.

— Você disse que Lucinda Scafoni é sua madrasta?

— Minha mãe morreu quando eu tinha dois anos. Lucinda morava conosco. Ela é minha tia, na verdade. Irmã da minha mãe. E se casou com meu pai logo após a morte de minha mãe.

— Oh. — Essa parece ser a única palavra que posso falar hoje. — Isso é estranho.

— Eu acho. — Ele realmente sorri com um sorriso genuíno.

— Então seus irmãos são meio-irmãos?

— Sim.

Ele não fala sobre sua família e quero mais da história, mas há coisas mais importantes do que a história de sua família agora.

— Posso ter contato com minha família?

Ele me observa.

— Apenas minha tia Helena, talvez. Ela é muito velha. Gostaria de ligar para ela.

— Contar a ela sobre nossos modos brutais?

— Ela conhece seus modos. Foi a *Mulher Willow* setenta anos atrás.

Ele fica sério.

— Não sei quanto tempo ela tem. — Não falo mais porque já sinto os fundos dos olhos esquentando, como se os canais lacrimais estivessem se preparando para o trabalho.

— Pensarei sobre isso.

Quase quero discutir, empurrar, mas algo me diz que será mais sensato dar a ele algum tempo. Afinal, ele não disse não. Caminho em direção à piscina, tiro uma sandália e mergulho meu dedo na água. Ele me segue e se senta em uma das espreguiçadeiras, com as pernas estendidas como os homens tendem a se sentar.

Depois de tirar as duas sandálias, vou até a beirada da área de azulejos e para a grama. É suave e frio sob meus pés enquanto vou para o que acho que vi do meu quarto, uma horta. É muito maior do que percebi. Passo por duas figueiras repletas das frutas maduras. Eu pego uma, tiro do caule e vejo o leite cremoso escorrer pela minha mão. Como e escolho outra enquanto continuo caminhando até onde ouço os animais.

Vejo que eles têm galinhas e alguns cordeiros. Um vem até à cerca quando me vê e acaricio sua cabeça curiosa. Eu tinha um cordeiro de estimação quando era pequena. Bem, não é como se fosse dado a mim como um animal de estimação, apenas o tomei e nomeei como Mel. Foi abatido logo depois.

Ainda me lembro de ser forçada a me sentar à mesa e comer, horas depois de minhas irmãs terem ido dormir. Depois disso, recusei qualquer carne.

Quando volto para piscina, percebo algo em uma pequena colina na extremidade oposta da horta. É a única coisa feia à vista e é preciso tudo o que tenho para afastar os olhos. Apenas o faço quando o ouço subir o caminho para me encontrar e sei que ele viu que eu vi.

O que pensei, que ele estava brincando? Que era uma figura de linguagem? Limpo minha garganta.

— Obrigada pelo passeio. Vou entrar.

— Mas ainda não terminamos.

Eu olho por cima do ombro para o poste de chicoteamento novamente e dou um passo para longe, mas ele atravessa no meu caminho e pega meus braços. Seus olhos ficam escuros, intensos. Concentro minha atenção em seu pescoço. Não posso segurar seu olhar.

— Você não perguntou o que era isso. — Diz ele.

— Deixe-me ir.

— Pergunte.

— Não preciso.

— Pergunte de qualquer maneira, *Mulher Willow*.

Olho para ele, estava evitando seus olhos.

— É como 'Simon diz[6]? Você me chama de *Mulher Willow* e tenho que fazer o que diz?

Um lado de sua boca se curva para cima.

[6] Simon Says (o mestre mandou) é um jogo onde os participantes devem obedecer às ordens do mestre escolhido quando ele diz: o mestre mandou.

— Você sempre tem que fazer o que digo.

— Quase me esqueci.

— Pergunte-me o que é, *Mulher Willow*.

— Não preciso perguntar. Eu sei.

Ele continua me observando tão intimamente que não consigo desviar o olhar.

— Diga.

— Não.

— Diga, Helena.

— É o poste onde vocês chicoteiam as *Mulheres Willow*.

Seus olhos ficaram quase negros e vejo sua garganta funcionar quando ele engole.

Eu balanço minha cabeça, desvio meu olhar.

— Isso é arcaico. Isso... a colheita, os blocos, o poste de chicotada. — Digo e de novo, o calor queima na parte de trás dos meus olhos.

— É tradição. É a tradição de nossas famílias. Você também fará isso com suas filhas, se parir as quádruplas.

Balanço a cabeça.

— A *Mulher Willow* nunca é única. — O anel no meu dedo queima e é como se me desse força. Como se fosse tia Helena me dando coragem. — E se fosse eu, não daria minhas filhas, não sem uma briga.

— Seus pais não brigaram.

— Você acha que não sei disso.

— Teria fugido? É por isso que a amarraram, a algemaram? Teria me mordido? É por isso que a amordaçaram?

— Eu teria matado você se pudesse.

Ele sorri, seus olhos brilham.

— Eu gosto de você, *Mulher Willow*.

— Eu não gosto de você.

— Não precisa gostar de mim. Apenas precisa me obedecer.

— Não tenho medo de você.

Ele ri.

— Sim você tem.

— Não. Sabe o quê? Você está certo. Meio certo. Tenho medo do que pode fazer comigo. Quer dizer, estou aqui há menos de vinte e quatro horas e já tenho as marcas para me mostrar exatamente como serão os próximos três anos.

— Faça o que digo e você sobreviverá.

— Com sobrevivência, você quer dizer que irá embora depois que meu tempo acabar? E depois? Sabe a taxa de suicídio das *Mulheres Willow* hoje em dia? — Sinto minha voz aumentando, oscilando com emoção. — Sabe?

— Helena...

— Por que vocês fazem isso? Por que levar a garota? Agora, quero dizer, nestes dias e época.

— Eu disse, tradição.

Balanço minha cabeça, porque não é isso. Ele é moderno demais para isso.

— Há outra coisa. Tem que haver.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Isso importa? Eu a tenho. Você é minha agora. Isso é tudo com o que precisa se preocupar.

Ficamos em silêncio, observando-nos. Ele tem razão. Não importa, não para mim. Não mais.

— Venha comigo.

Ele quase tem que me arrastar pelo caminho até o poste, minhas pernas ficando cada vez mais pesadas quando nos aproximamos. Quando finalmente paramos na clareira, olho para os meus pés na grama.

— Olhe para cima.

— Eu não quero.

Ele se move atrás de mim, me prende a ele e força minha cabeça para cima pelo meu queixo.

— Olhe para cima.

Eu faço. E isso paira sobre mim, este poste de pedra enterrado no chão com algemas penduradas no topo. Eu não quero olhar muito perto porque vejo marcas, áreas que são desgastadas, manchas escuras e humanas.

Ele me leva mais perto e fico impotente quando ele arrasta os dedos suavemente, como penas, descendo pelos meus braços e segura meus pulsos. Meu coração dispara quando os arrasta para cima e o metal das algemas está frio quando as fecha ao redor dos meus pulsos.

— Eu não fiz nada. — Digo baixinho.

— Tenho uma pergunta para você. — Diz ele, ignorando meu comentário, deslizando as pontas dos dedos em meus braços, para os meus lados, para a abertura nas laterais do vestido para cobrir meus seios. Ele aperta meus mamilos e juro que posso sentir seu toque no meu núcleo.

Eu tento protestar, mas minha cabeça cai de volta na curva de seu pescoço quando move a mão direita para fora e para baixo, na frente da saia do meu vestido, por baixo da minha coxa até meu sexo.

— Isso a excita tanto quanto a mim? — Pergunta, esfregando sua ereção contra minhas costas enquanto seus dedos tocam minha boceta.

Viro meu rosto um pouco para poder vê-lo.

— Faz isso com você quando tem uma mulher presa a um poste de surra?

Eu respiro quando ele aperta meu clitóris.

— Nenhuma mulher. Você.

— Eu. Uma *Mulher Willow*. Uma *Mulher Willow* chicoteada.

Ele agarra meu cabelo e leva a boca ao meu ouvido.

— *Minha* Mulher Willow chicoteada.

Eu estremeço.

— Agora não morda. — Ele me beija e não mordo, não desta vez. Desliza a língua dentro da minha boca. Estou tão molhada quando me vira e as correntes acomodam-no facilmente.

Sebastian recua e chega por trás do meu pescoço para desamarrar a parte de cima. Eu me pergunto se planejou isso. E se era isso que pretendia o tempo todo, me dando esse vestido em particular. Acho que a resposta é sim quando cai aos meus pés e estou nua, além de presa.

Ele puxa de volta para olhar para mim, seus dedos estão trabalhando minha boceta e estou tão molhada, posso me ouvir.

— Goze, Helena.

— Não.

— Goze.

— Eu não quero.

Fecho meus olhos e ele cobre minha bunda com a outra mão e aperta. A dor me faz estremecer, mas então ele toca meu clitóris e esfrega, esfrega minha própria umidade por toda parte, respiro fundo e sei que é inútil lutar. Estou perto, estou tão perto. Abro meus olhos, vejo seu sorriso e recuo ou tento.

— Eu te odeio. — Digo, as palavras forçadas quando meus joelhos se dobram e eu gozo. Gozo com tanta força que está escorrendo pelas minhas pernas e mal consigo respirar porque parece bom para caralho.

Ele se inclina perto da minha orelha, ainda trabalhando meu clitóris, ainda apertando minha bunda.

— Goze no poste onde suas antepassadas foram chicoteadas. Onde vou chicoteá-la quando chegar sua hora.

Estou o ouvindo, meu corpo estremecendo com esse prazer forçado. Ele não solta minha boceta quando termina, quando o orgasmo passa. Ainda não. Em vez disso, com seus dedos molhados com meus sucos, ele os desliza para trás, para minha bunda, esfrega e observa meu rosto enquanto o faz.

— Não é de todo ruim, é o poste de chicotadas. Vou a ensinarei a gozar mesmo quando dói.

E como se para provar seu ponto, ele se agacha e segura minha bunda e aperta com força, machucando a carne ferida quando fecha a boca sobre meu clitóris sensível e chupa. Gozo novamente, em sua língua até que estou quase mole, minhas pernas não conseguem mais me segurar.

Ele se levanta, agarra meu cabelo e me beija com força. Tudo o que posso provar é eu mesma em sua língua e em seu rosto. Meu perfume se apegou a ele.

E então, um momento depois, ele para, recua.

— O que aconteceu com você lutando comigo? — Pergunta, inclinando a cabeça para o lado. — Onde está a briga que prometeu? — Sua voz é baixa, profunda, zombeteira.

— Deixe-me sair daqui.

Ele coloca a mão no bolso e pega meu canivete, abre. Estende o braço o vejo cortar sua pele, logo abaixo do vinco do cotovelo.

— O que você está fazendo? — Pergunto.

— Meu ponto.

Ele sequer recuou. Apenas fecha o canivete e olha para mim. Qualquer humor desapareceu de seus olhos. Não diz uma palavra enquanto coloca no bolso e se vira para ir embora.

— Onde você vai? — Grito atrás dele, puxando as restrições que parecem apertar enquanto luto. — Sebastian!

Ele para, vira.

— Tenho uma reunião. — Diz ele, fazendo questão de verificar o relógio. — E quanto ao que estou fazendo, estou sendo gentil com você, considerando o castigo que suportou. Pense nisso como o que deve por todas suas respostas, seu mau comportamento. Não me esqueço de nada e não perdoo nada, não sem castigo, Helena. Pense nisso enquanto passa algumas horas aqui e agradeça às suas estrelas da sorte que isso é tudo que farei.

— Volte! Você não pode me deixar aqui assim. Volte, droga!

Mas ele sequer olha para trás. Simplesmente caminha, atravessa a piscina e desaparece na casa.

8

Helena

É noite antes que finalmente ouço passos atrás de mim, mas quando me viro, um novo pânico me agarra quando vejo que não é Sebastian, mas Gregory. Está andando propositalmente para mim e me pergunto quando voltou para ilha. E se estão todos de volta.

Ele está vestindo um terno e quando chega até mim, para, faz um balanço da minha situação e tira o terno de seus ombros.

Não sei o que esperar com ele, mas não estou exatamente em uma posição onde tenho muita escolha, então quando coloca o terno sobre meus ombros e envolve um braço forte no meu meio antes de estender a mão para soltar as algemas, tudo o que posso fazer é tentar ficar em minhas próprias pernas, que não estão cooperando. Meus braços são piores, no entanto. Estão moles. Não consigo nem mesmo dar um tapa nele.

— Onde está Sebastian?

— Ele me pediu para levá-la ao seu quarto. Pare de lutar.

— Eu posso andar.

— Não, você não pode. Não pode nem ficar de pé. Quanto tempo ele a deixou aqui?

— Toda tarde.

Ele faz um som de desaprovação e leva-me para a casa e para o meu quarto.

— Você precisa usar o banheiro?

Estou envergonhada, mas aceno. Ele me leva para dentro e tento me esquivar.

— Posso fazer essa parte.

Ele me ignora e me leva até o banheiro, me coloca nele, então se vira e sai, fechando a porta. Eu faço xixi e com algum esforço, consigo me limpar. Cambaleio para a pia e estou lavando minhas mãos quando ele abre a porta e segura uma camiseta enorme.

— Para que é isso?

— Presumi que você não iria querer ficar sentada nua, mas se prefere...

— Não. — Então. — Eu não tenho roupas. — Digo estupidamente.

Ele me ajuda na espreguiçadeira. Meus joelhos continuam doendo e preciso da ajuda dele.

— Você pode levantar seus braços? — Pergunta.

Eu tento balançar a cabeça. Ele pega um braço de cada vez e me veste como se fosse uma criança. É estranho que faça isso. Quase íntimo. E assim que passa a camiseta pela minha cabeça, percebo que é dele. Posso sentir o cheiro dele nela.

— Por que você está sendo bom comigo?

— Eu não estou. Apenas estou cuidando do que é nosso.

Ele se senta ao meu lado e puxa a mesa para mais perto. Pega o copo de água e traz para meus lábios. Bebo avidamente, ressecada. Quando o copo está vazio, o coloca para baixo, pega a colher e pega uma sopa. Ele leva à minha boca e hesito.

— O que você acha, que vou envenená-la?

Eu não sei, mas ele não espera que eu responda.

— Você é uma dor na bunda, sabe disso? Entendo meu irmão. Apenas coma.

Eu abro minha boca e tomo a sopa de caldo. É bom. Tão bom.

— Posso tomar um pouco de vinho? — Pergunto depois de terminar a metade da sopa.

Ele abaixa a colher e me serve uma taça de vinho da garrafa. É um vermelho rico e quente, exatamente o que preciso.

— Obrigada.

Ele concorda. Nós não conversamos enquanto ele me alimenta com o resto da sopa e o vinho.

— Sabe, todos vocês agem como se eu devesse apenas superar isso e ser uma boa menina chicoteada, mas se coloque no meu lugar. Como seria se fosse levado contra sua vontade e fosse feito prisioneiro? E se fosse tratado como estou aqui? Estou sozinha. Completamente sozinha.

— Você acha que é a única pessoa fazendo algo contra a vontade? —Pergunta, me surpreendendo.

— Eu sou a única Willow que vejo aqui.

— Bem, recue e olhe um pouco mais. Vocês Willow apenas veem as coisas de uma perspectiva: a sua. Esse sempre foi o problema.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que nem todos nós queremos estar aqui.

Nós dois nos sentamos em silêncio por um minuto até ele ficar de pé.

— Você precisa de mais alguma coisa? — Pergunta.

Balanço a cabeça.

— Não. Ficarei bem.

— Boa noite então. — Ele caminha até a porta.

— Gregory.

Ele para.

— Sim?

— Obrigada.

— Viu, não é tão difícil. — Com isso, sai pela porta e fico sozinha no meu quarto, as janelas abertas para o céu claro, sozinha com minha garrafa de vinho.

Mais uma vez tentando ignorar o leve cheiro dele na camiseta, uso as duas mãos para me servir outra taça, espirrando um pouco, porque mesmo que a sensação esteja voltando, meus braços ainda estão fracos.

Levo a taça para minha boca e bebo um longo gole. Sinto-me melhor e levo-o comigo para o banheiro, onde tomo banho e despejo quase uma garrafa cheia de bolhas.

Depois de finalmente tirar a camiseta, fico sob a superfície ensaboada. Fecho meus olhos quando sinto lentamente a circulação voltando para os meus braços. Continuo pensando sobre o que Gregory disse.

Quem aqui está fazendo algo contra a vontade deles? Sebastian?

Não. Não mesmo.

Deito de costas, olho para o teto, sigo o padrão da moldura. O cheiro de lavanda me deixa sonolenta. Bebo outro gole de vinho antes de colocar a taça na beirada da banheira e deslizar os dois braços para baixo.

Sebastian gosta disso. Aprecia meu tormento.

Gregory está errado. Ele não está fazendo isso contra sua vontade.

Ele pode ter sentido pena de mim depois que Lucinda me bateu ou mais provavelmente, se sentiu usurpado por ela, que estava reivindicando uma coisa que é dele. Tomando seu brinquedo. Isso é mais plausível para mim.

Fecho meus olhos por um tempo, ouvindo o único som no quarto, o ocasional pingar da torneira. Não costumo demorar no banho. Eu não aproveito o tempo. Mas tenho muito disso agora.

Enquanto estou deitada, penso em como Gregory disse o que disse.

Vocês Willow apenas veem as coisas de uma perspectiva: a sua.

O que ele estava tentando dizer? Que Sebastian não quer fazer isso? Que ele é de alguma forma forçado? Por quê?

Mas meus pensamentos são interrompidos pela voz de Lucinda à distância, seguidos por uma voz masculina, em seguida, sua risada irritante.

Levanto-me, envolvo a toalha ao meu redor e entro na ponta dos pés no quarto. O som de um motor ligando me faz correr para janela. Daqui eu os vejo. Lucinda e Ethan estão andando de braços dados. Ela está vestida com um longo vestido. O luar ressalta as pedras preciosas em seu pescoço. Ethan está de terno ou algo parecido. Ele a ajuda a subir os degraus e a subir no barco.

Reconheço Gregory por seu caminhar. Ele deve estar lendo algo em seu telefone, porque posso ver a luz da tela daqui. Sebastian segue por último.

Mais cedo, presumi que Gregory estivesse voltando de algum lugar, não a caminho dele quando veio me buscar. Estou um pouco irritada por ter sido deixada para trás. Com o fato de que Sebastian me deixou lá fora por tanto tempo, então enviou seu irmão para me pegar quando estava na casa o tempo todo. Mais do que um pouco irritada quanto mais penso nisso.

Volto para dentro quando Sebastian se vira para olhar para minha janela e espero, ouvindo o barco sair. Seco rapidamente, a sensação de dormência em meus braços se foi agora e coloco a camiseta de Gregory de volta, então saio para o corredor e ouço.

Não há som algum e me pergunto se o pessoal já foi para casa. Não sei que horas são. A casa está na semiescuridão, lâmpadas aqui e ali, então não é escuro como breu. Vou para direita e tento a primeira porta. É um quarto vazio, a cama despojada, as janelas fechadas. Saio e vou para

o seguinte, sei que é de Lucinda por causa da enorme quantidade de perfume que agride meus sentidos quando estou na porta.

Eu entro, deixando a porta entreaberta. A primeira coisa que faço é olhar para o relógio. É um pouco depois das dez horas. Pergunto onde foram vestidos da melhor forma a esta hora.

Ando pelo quarto dela, observando a pilha de roupas sujas no chão. Provavelmente deixou para uma empregada limpar. Sua cama está arrumada e em cima dela estão espalhados três vestidos de noite, um ainda em seu cabide com as etiquetas anexadas. Eles não são do meu gosto, mas posso ver que são caros.

Há uma mesa ao longo de uma parede. Vou até lá e pego os envelopes empilhados em cima. Cartas de outros estados e um de um banco italiano. Estão seladas, então os coloco de volta.

Recuo e observo o quarto e decido que estou perdendo meu tempo ali. E se estou sozinha em casa, preciso usar meu tempo com sabedoria. Volto para o corredor e tento a última porta deste lado, que está trancada. Passo pelo meu próprio quarto novamente e paro na escada para ouvir, depois tento o quarto ao lado do meu. Viro a maçaneta e a encontro destrancada.

No instante em que abro, sei que é de Sebastian.

Eu vou para dentro e desta vez, fecho a porta atrás de mim e me inclino contra ela. Apenas levo um minuto para respirar. Para acalmar meu coração frenético. Sou muito covarde para acender as luzes, mas o

céu está limpo, a lua está fora e a luz do banheiro foi deixada acesa, então olho seu quarto.

A cama king-size é central contra parede mais distante, com a cabeceira de madeira esculpida que atinge praticamente o teto. Pomposo. Como se ele fosse um rei.

A cama está arrumada, o edredom é da cor de um carvão profundo que combina com seus olhos. Há uma poltrona de couro desgastada com uma lâmpada de leitura sobre ela e uma prateleira de livros atrás dela, uma grande cômoda antiga e duas mesinhas de cabeceira, cada uma com uma lâmpada no alto.

Existem três portas. A primeira leva ao banheiro com a luz acesa, a segunda é um closet.

Ao entrar, acendo a luz aqui e paro para inalar, reconhecendo o cheiro da loção pós-barba, sem perceber que o notei, memorizei.

Corro minhas mãos ao longo dos ternos, dos quais ele tem uma dúzia ou mais. Em seguida, as calças são penduradas uma por uma. Então as camisas. Ele é um maníaco. Tudo é pendurado ou dobrado e a cor é coordenada, os sapatos polidos e organizados em seus cubículos. Isso me faz rir, como se tivesse descoberto um segredo. O que é ridículo. É um armário.

Na ilha no meio, puxo a gaveta de cima. Deve ter cem conjuntos de abotoaduras e pelo menos oito relógios.

Balanço minha cabeça com a opulência. A abundância. Como alguns podem ter tanto enquanto outros passam fome?

Não que nós, Willow, morrêssemos de fome, mas há pessoas lá fora que não têm o suficiente para comer e essa família tem mais do que jamais gastará em suas vidas.

Fecho a gaveta e estou prestes a sair do armário quando noto algo fora do lugar no chão. Inclino para pegá-lo. É o meu canivete. O que ele roubou de mim. Sorrio, aperto o botão e vejo a lâmina abrir. Pelo menos ele limpou o sangue.

Fechando, o guardo no bolso da camiseta emprestada. Ele notará que se foi, tenho certeza. Estava se divertindo usando isso para esculpir nossos vários pontos. Idiota.

Deixo a luz acesa e volto para o quarto, indo até a última porta com uma chave na fechadura. Viro e abro. Acho que não deveria ficar surpresa ao ver que isso leva ao meu quarto. Não que importe que porta ele usa. Entrará à vontade, pegará o que quiser e me deixará pendurada em um poste por horas e depois enviará seu irmão me pegar de acordo com a vontade dele.

Pelas janelas, vejo que ele tem uma vista melhor do que eu. Pode ver mais da ilha. E se me inclinar, posso ver o topo do mausoléu novamente. Isso me faz estremecer. Essa parte da ilha parece diferente.

Volto, vou até a penteadeira, abro as gavetas e reviro-as. Não estou procurando por nada em particular. Sinto que tenho algum poder agora,

pela primeira vez desde que fui trazida para cá. Como se estivesse no controle.

Quão rapidamente pode ser tirado de você.

As gavetas em sua mesa de cabeceira são as próximas. A do lado da cama mais próxima da porta está vazia, mas quando vou fechar, ela emperra um pouco, então tento novamente, derrubando a coisa toda na parede, fazendo a lâmpada balançar.

Eu pego antes que caia e solto um suspiro de alívio.

Ando pela cama até o outro lado, que deve ser o lado em que ele dorme e fico surpresa ao encontrar o canto de um pedaço de papel saindo da gaveta. Acho que dada a limpeza do quarto e de seu armário, esperava que ele fosse mais cuidadoso em guardar as coisas.

Abro a gaveta e pego a folha e noto os outros itens na gaveta, preservativos e um tubo de lubrificante. Não sei porque isso me surpreende. Tenho certeza que ele tem mulheres aqui. Elas provavelmente ficam impressionadas quando as traz para ilha. *Sua* ilha. Provavelmente não podem esperar para pular em sua cama, na verdade.

O que me faz voltar a pergunta de por que ele me quer. Uma *Mulher Willow* sem vontade? Ele é bonito, tem dinheiro. Concedido, tem uma família de merda, mas ainda assim. Por que se incomodar comigo?

Eu balanço minha cabeça e abro a folha de papel dobrada. É um extrato bancário, minhas sobrancelhas sobem nas somas que vejo.

Eu não venho do dinheiro. Os Willow tinham dinheiro, mas já se foi há muito tempo. Apesar de vivermos em um enorme pedaço de terra, no que antes era uma mansão opulenta, mas ultimamente reformada a preços baixos, até algumas partes da casa foram fechadas. O que poderíamos fazer com tanto dinheiro assim.

Ele deve ter passado por isso com um pente fino, porque há marcas ao longo de algumas das linhas, mas é a nota rabiscada no lado que chama minha atenção. Eu não tenho tempo para investigar, no entanto, quando além do silêncio absoluto da noite, a porta do quarto se abre e as luzes se acendem, Sebastian está parado na porta, parecendo todo grande e irritado.

Demoro um minuto inteiro para processar que fui pega e fico ali parada estupefata, quando ele olha para mim, olha o papel em minha mão e a gaveta aberta.

— Eu vi você sair. — É tudo que posso dizer.

— Acho que você viu errado. — Ele entra e fecha a porta, fazendo questão de trancá-la e guardar a chave.

Eu engulo.

— O que você acha que está fazendo aqui?

Olho para minha mão, para o papel que ainda estou segurando e coloco na mesa de cabeceira.

— Nada. Não conseguia dormir, então pensei em ver se havia alguém aqui. — Sou tão ruim em mentir.

— Você pensou em olhar nas gavetas para se certificar de que ninguém estivesse escondido dentro? — Ele gesticula para a gaveta aberta ao meu lado.

— Você disse que eu era bem-vinda.

— Em certos cômodos da casa. Meu quarto não era um deles, para não mencionar você vasculhando gavetas. — Seus olhos em mim, caminha até o final da cama de frente.

— Em minha defesa, não sabia que este era seu quarto. — Movo para o lado e nós dois estamos nos olhando.

— Você não tem defesa. — Diz ele, virando um pouco, espelhando meu movimento. — E de quem é a camiseta que você está vestindo?

— Seu irmão. — Noto o leve estreitamento de seus olhos, a tensão de sua mandíbula.

— Ele a tocou?

— Para me tirar do poste que você me prendeu, lembra? E foi um perfeito cavalheiro.

Com isso, ele levanta ambas as sobrancelhas e parece à beira da risada.

— Não apostaria nisso, Helena.

Eu aproveito sua distração.

— Vou voltar para o meu próprio quarto agora, se será tão estranho sobre as coisas.

Dou um passo, tentando parecer casual, como se não soubesse quantos problemas tenho, mas ele se lança na minha direção, pulo para o outro lado e subo na cama para cruzar até a porta.

Mas é um truque, porque ele antecipa meu movimento e me pega facilmente, me jogando de costas na cama.

Eu solto um grito e rolo em minha barriga, me levanto nas mãos e joelhos para fazer minha fuga e cerca de um segundo depois, estou sendo puxada de bruços e ele tem todo seu peso em mim, sua boca no meu ouvido. Sinto seu pau endurecendo.

— Eu não quero o cheiro do meu irmão em você. — Diz ele, sua voz baixa e profunda, sua respiração na minha bochecha me fazendo estremecer. Estou tendo dificuldade em respirar, mas ele se levanta, se ajoelha sobre mim e praticamente tira a camiseta do meu corpo.

— O quê, você está preocupado que ele está marcando sua propriedade?

— Exatamente. — Ele me de costas, me mantém entre suas coxas poderosas e me dá um sorriso. Segura meus pulsos e abre meus braços para os lados e se inclina para perto. — Hora de pagar, *Mulher Willow*.

Ele transfere meus braços em uma mão e alcança debaixo da cama com a outra, puxando um par de restrições de couro. Apertando minhas coxas entre as suas, amarra meus pulsos e os puxa sobre a minha cabeça, clicando nos punhos em um anel preso à cabeceira da cama.

— Que porra é isso? — Pergunto, tentando me libertar.

Ele puxa a camisa sobre a cabeça em um movimento rápido e foda-se, ele é tão bonito, toda a pele morena e tatuada, músculos duros e toda a tinta. Pelo olhar em seu rosto, ele sabe disso.

Sebastian se inclina e inspira meu pescoço.

— Você está fedendo ao meu irmão. — Ele lambe minha bochecha. — Cuidarei disso, no entanto. — Diz quando começa a me lamber novamente como se fôssemos animais, como se ele fosse um animal lambendo seu jantar.

Puxo as restrições, mesmo quando meu corpo se lembra do que ele fez anteriormente, lembra como me fez sentir. Mesmo que traiçoeiramente, queira mais.

— Solte-me! Deixe-me ir, seu fodido pau anormal[7]!

Ele para, olha para mim e ri abertamente.

[7] A palavra usada em inglês foi inbred que seria – inato/ não natural/ congênito. Talvez seja um trocadilho aqui, já que mais abaixo ele dar uma explicação com a palavra **endogamia*** sobre nascidos entre parentes, caberia aqui também o termo bastardo. Preferi usar o termo anormal, porque é o que chega mais perto de 'não natural e fazer essa referência.'

— Não anormal, querida, mas lhe darei meu pau.

Eu posso ver cada um de seus perfeitos dentes brancos enquanto seus olhos me percorrem rapidamente, parando na minha boceta, que está aberta para ele, dado que está sentado entre as minhas pernas. Ele corre dois dedos por cima antes de arrastar o olhar de volta para o meu.

— Eu gosto de olhar para você, *Mulher Willow*. — Ele limpa os dedos na minha coxa. — E você gosta de mim olhando.

— Eu não, você é um anormal.

Ele se inclina, puxa meus lábios da boceta e lambe. Tento apertar minhas pernas, empurrá-lo e puxar as algemas, tudo em vão.

— Já disse, não anormal. — Diz ele, endireitando-se.

Dando-me um sorriso perverso, ele me joga na minha barriga, as algemas unidas para permitir isso. Ele envolve seus braços em minhas coxas e força minha bunda para cima, minhas pernas abertas.

Estico meu pescoço para olhar por cima do meu ombro para ele no nível dos olhos com a minha bunda.

— Endogamia requereria parentes de sangue fodendo e se reproduzindo. — Diz ele, deslocando o olhar para minha bunda.

— O que você está fazendo? — Que pergunta estúpida. Sei o que ele está fazendo. Apenas não sei o que fazer, como reagir.

— Estou explicando como funciona a consanguinidade. Tente acompanhar.

Antes que possa responder, ele enterra o rosto na minha boceta e bunda, respiro fundo com a sensação dele, sua língua macia, sua barba de um dia áspera enquanto lambe minha boceta, provocando meu clitóris, move a língua até minha bunda e desloca os braços para inclinar meus quadris para que tenha melhor acesso a mim. Uma visão melhor de mim.

— Pare. — Eu grito. — Você não pode fazer isso.

— Posso fazer o que quiser. Você não sabe disso ainda? — Ele recua, olha para mim, depois abaixa a cabeça para me provar novamente. — Seu corpo é tão sensível, Helena.

Enterro meu rosto em seu travesseiro e posso sentir o cheiro dele nele. E foda-se o que ele está fazendo. Suas mãos estão na minha bunda, me mantendo aberta, dedos em mim, a língua dentro e meu corpo é como um nervo gigante.

— Por favor. — Arqueio as costas. Estou pressionando contra ele e estou tão perto, mas ele se afasta e me vira de costas.

— Ainda não. — Diz ele. — Está noite, você tomará meu pau, gozará por toda parte enquanto continua me dizendo que não quer e não me quer, *Mulher Willow*.

Ele sai da cama. Seus olhos são negros e ele não os tira de mim quando tira seus jeans e cueca, assim o vejo pela primeira vez. Ele é enorme, grosso e está pronto.

— Eu não quero você! — Grito, tentando me afastar dele.

Ele volta para cama e me arrasta de volta para ele pelo tornozelo. — Continue dizendo isso a si mesma.

— Quero dizer isso. — Contorço, mas entre ele e as restrições em meus pulsos, posso apenas mover alguns centímetros.

— Você não irá a lugar nenhum, *Mulher Willow.* — Diz ele, novamente ajoelhado sobre mim, suas coxas de cada lado da minha barriga agora. Ele se inclina para trás, os olhos ainda em mim enquanto toca minha boceta, lubrificando sua mão antes de segurar seu pau nela.

É preciso tudo o que tenho para afastar meu olhar dele.

— Você não é virgem. Não finja ter medo, querida.

Olho para baixo novamente, em seu pau, em como ele está crescendo ainda mais em sua mão. Ele chega por cima da minha cabeça e solta as restrições da cabeceira da cama, então destrava cada uma delas e as joga no chão. Ele segura meus pulsos e abre meus braços novamente e deita em cima de mim para que possa sentir a ponta molhada de seu pau na minha barriga e seu rosto está tão perto, nossos olhos fechados.

Ele me beija, é profundo e duro. Sei que é como irá me foder também, profundo, duro e implacável. Ele desloca o aperto dos meus pulsos para

minhas mãos e entrelaça nossos dedos juntos. Eu o sinto começar a deslizar dentro de mim e isso dói. Ele é muito grande e posso ser virgem por todo o sexo que tive.

Ele vira minha cabeça para o lado, beija minha bochecha. — Relaxe. —Ele se afasta um pouco para olhar para mim. Seus olhos estão brilhantes e completamente negros agora. Está me observando e se movendo dentro de mim e sei que não está nem na metade do caminho ainda.

— Você é muito grande. Isso dói. — Quando ele solta minhas mãos, eu as coloco em seus ombros, tentando afastá-lo pelo menos um pouco.

Ele toca meu rosto, o lado da minha bochecha e percebo que está enxugando uma lágrima. — Você é tão bonita quando chora, sabe disso?

Minha barriga treme. Ele levanta um pouco e quando empurra uma das minhas pernas para cima, olho para baixo e nos vejo, estamos conectados. Ele está dentro de mim, pelo menos a ponta do seu pau está.

Ele toca meu clitóris com os dedos e esfrega, fecho meus olhos e sinto, sinto seus dedos em mim, seu pau me esticando, duro, suave, dor e prazer.

Mas então sai e me vira na minha barriga. Ele está levantando meus quadris e quando tento me levantar, ele empurra minha cabeça para baixo.

— Assim. — Ele envolve uma mão no meu cabelo e aperta meu couro cabeludo. — Quieta. Bunda para cima, de cabeça para baixo.

A outra mão dele está entre as minhas pernas e me sinto tão bem.

Coloco minha bochecha para baixo e o observo. Ele tem uma mão no meu quadril, a outra sob mim, seu olhar fixo na minha bunda enquanto ele leva seu pau para minha boceta e bombeia um pouco, me penetrando, tomando alguns centímetros a mais.

— Você está molhada e apertada.

Com isso, ele afasta os dedos do meu clitóris e agarra meus quadris. Com os polegares, ele me abre.

— Então, porra apertada. — Encontra meu olhar e empurra para dentro de mim. A respiração que estou tomando pega na minha garganta e acho que vou engasgar com isso.

Agarro os lençóis, gemo neles e quando tento levantar minha cabeça, ele novamente agarra um punhado de cabelos e empurra de volta para baixo.

Sebastian empurra novamente e depois se afasta. Ele está pairando na entrada do meu sexo. Ele leva o polegar para minha bunda e os dedos da outra mão estão no meu clitóris novamente. Ele me fode, realmente me fode e não é gentil, dói e é bom ao mesmo tempo.

Eu não posso dizer o que é. Tudo que sinto é ele, ao meu redor, seu cheiro no travesseiro que meu rosto está enterrado, ele atrás de mim, seus dedos em mim, dentro de mim, seu pau me rasgando em duas, me rasgando em pedaços.

E então, quando acho que vou me despedaçar, quando acho que não aguento mais, eu gozo. Porra, eu gozo e o som que faço é estranho, a dor e o prazer estão misturados, confusos. Não posso mais pensar, não quando o sinto pulsar, não quando o ouço grunhir, grito, não quando ele bate em mim uma última vez, não quando o sinto esvaziar dentro de mim, me usando, me enchendo, tomando tudo de mim e me possuindo.

Caio na cama quando ele me solta. O quarto cheira a sexo. Sinto esperma deslizar para fora quando ele se levanta e vai para o banheiro. Ouço a água. Fico ali, tentando entender o que aconteceu.

Ele volta alguns minutos depois e volta para cama, me rola de costas e me limpa. Ele é tão gentil que quero chorar. Não faz sentido, mas não posso evitar. Apenas deito lá e choro. Soluço e não entendo o porquê.

Eu o odeio.

Isso é fácil.

Simples.

Muito simples, porra.

Eu sou uma Willow, ele é um Scafoni e o odeio. E isso é tudo.

Mas não lutei com ele, sequer tentei. Ele me desamarrou e nem tentei. Gozei em vez disso. Meus olhos estão fechados, mas o sinto me observando. Talvez ele goste. Acha que sou bonita quando choro.

Eu não acho que ele quis dizer soluçar, no entanto. Soluçar é todo o ar sufocado e ranho, é isso e não entendo o que está acontecendo comigo. Ele apaga as luzes de algum lugar ao lado da cama e puxa minhas costas para ele. Balanço minha cabeça e empurro as palmas das minhas mãos nos meus olhos.

— Deixe-me ir. Quero ir para o meu quarto.

— Shh. Durma, Helena.

— *Mulher Willow*. Eu sou a *Mulher Willow*.

Ele não deveria me chamar pelo nome.

— Cale a boca e durma. — Ele me força para baixo, me segura, seu braço como um vício ao meu redor.

— Minha tia… minha tia Helena, ela disse que há uma razão pela qual fui escolhida. Porque não deveria ser. Tinha o sangue na minha barra para me marcar.

Ele fica quieto, ouvindo. Posso ouvi-lo respirando atrás de mim, sinto seu coração batendo no meu ombro. Sinta seu calor, sua força me envolvendo.

— Ela acha que serei a única a acabar com isso.

O choro começa novamente, mas desta vez, é esse som abafado e tenho que forçar o nó na garganta para continuar.

— Ela acha que sou forte, como ela. — Toco meu anel com o polegar. — Mas ela não achará isso quando descobrir, quando minha mãe nos contou o que aconteceria conosco, o que teríamos que fazer, ela não sabe o que eu fiz.

— O que você fez?

— Nós tínhamos dezesseis anos. Acho que nenhuma de nós comeu bolo de aniversário depois disso. É uma espécie de spoiler, hein? — Eu quase rio, mas isso não é engraçado.

— O que você fez, Helena?

— Eu fui ao celeiro e fodi o garoto que trabalhava para nós. Peguei ele porque não queria ser a *Mulher Willow*.

Fica em silêncio por um longo minuto.

— Apenas durma, Helena. Não importa mais.

— Minha mãe nos pegou. O menino e o pai perderam o emprego. Acabei levando uma surra de cinto. A única vez que meu pai colocou as mãos em mim e foi minha mãe que exigiu isso. Acho que ela sabia porque fiz. Sabia que ela perderia uma de suas filhas douradas por minha causa.

Eu rolo de costas, depois me viro para ele. Seus olhos estão abertos, mas não posso dizer o que está pensando.

— Eu acho que nós temos isso em comum. — Digo.

— O que?

— Minha mãe e sua madrasta. Elas são mais violentas do que nossos pais. Pelo menos o meu, eu acho.

— Durma, Helena. Você pode se juntar ao clube de infância de merda amanhã. Apenas durma agora.

— Eu não pude andar por três dias depois disso e foi tudo por nada, não foi?

Ele permanece em silêncio por muito tempo. Acho que cochilo um pouco também, mas toda vez que abro os olhos, ele está lá, ainda acordado, ainda me vigiando.

— Não acho que você é fraca, Helena. — Diz ele finalmente. — Assustada não é o mesmo que fraca. Esqueça o passado. Não importa mais.

— Não, não importa. Ainda estou aqui e ainda estou com medo.

9

Sebastian

Esqueça o passado.

Essa é a coisa sobre ser uma Willow ou um Scafoni. Você não pode esquecer o passado, ele não deixa você. E nem o presente.

Eu sei sobre sua tia, a mulher de quem ela recebeu o nome. A outra Willow com cabelo preto e uma mecha prateada. A *Mulher Willow* que quase venceu seu mestre Scafoni. Que quase o quebrou. Que quase separou a família?

Mas esse não foi o fim da história. Helena deveria conhecer melhor sua história.

E a coisa sobre acabar com isso, não existe. Não para ela. Não para mim. E não para as gerações futuras de filhas Willow ou filhos Scafoni.

Eu olho para ela de pé ao meu lado quando atraco o barco. Já faz três dias desde a noite em que a peguei no meu quarto e não consigo parar de olhar para ela.

Acabamos de chegar a Veneza propriamente dita e seus olhos são tão largos quanto pires enquanto ela absorve tudo. É verão, o que significa que uma parte da cidade flutuante será invadida por turistas.

É incrível para mim que as pessoas viajem centenas de quilômetros por horas, dias e nunca deixem uma minúscula parte de Veneza, com todos seus vendedores vendendo bugigangas sem valor, o barulho e o cheiro de milhares de pessoas tirando fotos dos pombos imundos na praça, a gôndola com o gondoleiro cantante. Criando armadilhas para turistas. O que eles estão vendo não é Veneza, pelo menos não minha Veneza.

— Eu pensei que haveria mais pessoas. — Diz Helena quando desembarcamos.

— Tem. Mas do outro lado. Este é o distrito de Cannaregio. É o melhor lado, sem a multidão de turistas. Não sou muito de pessoas.

Ela para, vira para mim. — Isso é um choque.

— Não seja uma espertinha. Venha aqui. — Ela já está saindo, distraída.

Faz uma semana desde que ela está conosco na ilha e deveria tê-la trago mais cedo. Deveria ter feito isso no dia em que ela chegou.

— Quero ver a igreja. — Ela diz por cima do ombro.

— Podemos ver depois.

— São apenas alguns minutos. Quero acender uma vela. — E sai na minha frente, seguindo as duas freiras em direção à pequena porta de madeira ao lado da velha igreja.

— Você me ouviu? — Pergunto, pegando-a pelo braço quando a alcanço. Eu a levo para a esquina e para os degraus da entrada. — Aqui.

— Oh.

Ela olha para ele. É uma linda igreja. A maioria das igrejas da Itália é, especialmente Veneza, embora eu seja parcial, já que esta é minha casa. A religião é uma parte importante da cultura italiana, pelo menos para a maioria das pessoas.

— Obrigada. — Diz ela.

Eu aceno e nós entramos, minha mão na parte inferior das costas dela, seus saltos clicando nos degraus de pedra. As roupas que pedi para ela chegaram e hoje ela está vestindo uma saia cinza e uma blusa branca de mangas curtas com sapatos escuros. Quando disse a ela o que faríamos, escolheu a roupa mais sombria que conseguiu encontrar.

O perfume suave do incenso paira fora da igreja. Nós nos aproximamos das portas e puxo uma aberta apenas para que aquele incenso toque meus sentidos. Nós andamos para dentro e ela para. Eu também.

Há uma quietude aqui, algo raro e único nas igrejas. Mesmo que haja uma missa em sessão e cem fiéis nos bancos e um órgão tocando um hino gótico, por baixo está a quietude. É aqui agora, algo que não apenas ouço, mas sinto profundamente em meus ossos, até minha medula.

Eu sei o dia exato em que parei de acreditar em Deus. Não foi quando minha mãe morreu, mas no dia em que soube que a igreja virou as costas para ela. Ela que passou mais tempo de joelhos em oração do que qualquer um deveria.

Eu era uma criança quando ela morreu. Jovem demais para experimentar tanta perda, muita tristeza. Pelo menos é o que as pessoas pensavam. Mas vi tudo, ouvi tudo e lembrava de tudo.

Não foi até anos depois que percebi porque todo mundo estava tão irritado com ela. Não entendi porque meu pai de repente virou as costas para igreja. Eu tinha sete anos quando finalmente consegui e foi aí que também virei as costas. Finalmente entendendo a maldição de meu pai contra nosso padre por não a enterrar. Por se recusar a celebrar a missa em sua alma.

Mas os católicos são estranhos quando se trata de suicídio.

— Eu esperarei lá fora. — Digo, minha voz rouca.

Helena fica surpresa, mas me viro e saio sem explicar. Não quero estar lá. Quero esfregar o fedor de incenso da minha roupa e meu cabelo.

Minha mãe costumava dizer que era o cheiro que Jesus amava, por estar sempre queimando. Isso fazia todo o sentido para mim quando era pequeno. Agora, embrulha meu estômago, escavando lembranças que é melhor serem deixadas enterradas.

Quinze minutos depois, vejo-a abrir a pesada porta e sair. Sorri quando me vê, o que não esperava. Mas talvez ela também não, porque mostra uma careta alguns momentos depois.

Eu pego o braço dela. — Você é mais bonita quando sorri.

— Eu não sou realmente bonita.

Encolho os ombros.

— Sempre quis visitar Veneza, mas não assim. Não por isso. — Diz ela.

— Não vai demorar muito. Os escritórios do meu advogado estão a poucos quarteirões de distância e se você for boa, a levarei para almoçar depois.

— Uau! Sério? — Pergunta, pulando na minha frente, imitando uma criança animada. — Você também vai me comprar um picolé se for uma boa menina? Hã? Poderia? — Ela balança a cabeça e fica ao meu lado. — Idiota. — Ela murmura baixinho.

Pego seu braço, puxo-a para perto. — Não, não há picolé para você. Estava planejando dar-lhe algo mais para chupar, mas se você não for cuidadosa, ficará na sua bunda.

Ela olha para mim do canto do olho e quase posso ver os nomes que ela está me chamando por dentro. O que é bom, desde que não tenha que os ouvir.

— Esse tempo no poste não fez muito para sua atitude, não é? —Pergunto quando viramos a esquina e felizmente, estamos fora do sol. É mais quente aqui do que na ilha. Deve ser todos os tijolos. Apenas suga o calor.

— Minha atitude está bem. Eu não o chamei de um anormal desde que você gentilmente me educou sobre os detalhes, não é?

— Você é uma aluna rápida quando tem sua boceta comida.

— Jesus. Por que é tão rude?

Eu olho para ela. — Algumas mulheres acham a conversa suja sexy.

— Eu não sei. Acho que isso depende de quão bom o falador sujo é.

— Touché. — Eu paro. Passe-se o canivete que você tirou do meu quarto. Isso é um ponto para você.

Pela expressão em seu rosto, ela não achou que eu notaria. Isso ou acha que sou idiota.

— Você roubou de mim primeiro. Apenas peguei de volta o que era meu para começar.

— Apenas tome cuidado com isso. Não quero que você se machuque, *Mulher Willow*.

— Prefere você mesmo deixar tudo machucado, é isso?

— Tenha cuidado. — Envolvo minha mão ao redor do seu pescoço esbelto e dou um pequeno aperto. — Parte do acordo é que eu a devolva inteira.

É ela quem para agora quando chegamos à entrada do prédio. — Fisicamente, pelo menos, certo? Não importa as cicatrizes internas. Apenas com todos os dedos das mãos e pés sendo contabilizados.

Eu sinto seu olhar estreitado. — Algo parecido.

Ela sempre leva um pouco longe demais, mas tenho a sensação de que parte disso é que somente luta porque, no que diz respeito ao sexo, goza pelo menos duas vezes por dia desde a noite em que a peguei no meu quarto. E sempre no jogo, não importa o quanto tente dizer a si mesma e a mim que não está.

— Vamos subir. Faça isso.

Entramos no antigo prédio que abriga nossos advogados. O edifício em si faz parte das explorações da família Scafoni. Foi maravilhosamente restaurado. Ao entrar, penso em quanto pago aos nossos advogados para manter nossos segredos.

Helena está impressionada, posso ver isso no rosto dela. Está absorvendo tudo, desde o padrão do mármore no chão até as pinturas e

tapeçarias penduradas nas paredes. Compreendo. Parece mais um palácio do que um escritório.

A recepcionista nos cumprimenta, dando a volta na mesa, quase se curvando para mim. Acho que ela sabe quem paga por seu terno de grife e sapatos.

Quando a apresento a Helena em inglês, ela pede desculpas por falar italiano e continua em inglês, dizendo que o Sr. Gallo estará conosco em breve e pergunta se gostaríamos de algo para beber.

— Cappuccino, por favor. — Diz Helena.

— Um café expresso para mim. — Ela balança a cabeça e atravessa a porta que leva à pequena cozinha para trabalhar em nossos cafés.

— Este edifício é incrível. — Helena gira em círculos, olhos para cima, para baixo, em todas as direções.

— Obrigado. Nós o reconstruímos para que parecesse em seus primeiros dias e foi um trabalho muito maior do que imaginava. Houve alguns danos causados pela água, isso torna o primeiro andar quase inutilizável, mas o restante do prédio está em perfeitas condições.

— Você é dono do prédio?

Eu coloquei meu dedo no queixo dela para fechar a boca.

Ela limpa a garganta. — Apenas não entendo quanto dinheiro é isso.

— É importante preservar a arquitetura da cidade. Esta não é apenas a herança da minha família. E com isso quero dizer culturalmente. A família Scafoni tem uma obrigação para com o povo de Veneza. Eu levo isso muito a sério.

— Você possui mais edifícios aqui? É de onde vem o dinheiro Scafoni?

— Alguns. — Eu a guio pelo lugar.

— Alguns?

— Alguns dos nossos bens são através de imóveis. Alguns... fora do mercado imobiliário.

Ela olha para mim com desconfiança. — Legal?

Dou-lhe um largo sorriso.

—Você é como uma família da máfia local ou algo assim? — Acho que ela quer dizer isso como uma piada.

— Por aqui. — Digo, sem responder.

Ela parece entender que não explicarei mais. — Este edifício remonta ao século XIV e foi o lar da família Michiel por um tempo.

— Eu não sei quem é.

— Nobreza veneziana.

— Oh. Você é nobreza veneziana também? Essa é uma pergunta estúpida.

— Não é estúpido.

— Eu não sei nada sobre isso. Nós não temos isso na América.

Ele sorri. — Não, não somos nobreza. Somos apenas empresários inteligentes.

Ela me observa e me pergunto o que está pensando, o que quer dizer. É esperta o suficiente para saber que tem que ser melhor do que inteligente para ter coletado nosso tipo de riqueza e poder, isso nem sempre vem sem negociações mais obscuras.

— Por que você não tem um sotaque quando fala inglês? — Pergunta.

— Porque fui educado em um internato em Massachusetts. Apenas passei verões na Itália.

— Seus irmãos também?

— Sim.

Antes que ela possa fazer outra pergunta, somos interrompidos. — Sebastian, sinto muito por mantê-lo esperando.

Viro-me para encontrar Joseph Gallo descendo a escada. Ele está vestido impecavelmente, como de costume. Tenho trabalhado com ele

desde que assumi a família depois que meu pai morreu e o conheço a maior parte da minha vida.

Aperto sua mão, acariciando seu ombro. — Duas vezes em uma semana.

Joseph Gallo cuida das transações da família Willow. Ele é o único que vim ver para discutir os pagamentos de alguns dias atrás.

— Uma semana feliz. — Diz ele elegantemente.

Ele se vira para Helena e a leva para dentro, depois estende a mão. — Senhorita Willow, presumo. — Ele não aperta a mão dela, mas segura uma dela dentro da sua e se vira para mim. — Cada geração é mais bonita que a última.

Eu pego o olhar de Helena. Joseph Gallo também lidou com os detalhes com Libby Willow.

— Vamos lá para cima. Tudo está pronto. Deve demorar apenas alguns minutos.

Seu humor azedou, Helena subiu a escada apenas por causa da pressão da minha mão em suas costas. Ela sequer está olhando ao redor, mas está perdida em seus próprios pensamentos quando entramos no escritório de Joseph.

— Sente-se, por favor. — Diz ele, apontando para duas grandes e confortáveis cadeiras diante de sua antiga escrivaninha.

A recepcionista se aproxima com uma bandeja com café para cada um de nós e coloca um pequeno prato de biscoitos na mesa entre nossas cadeiras.

Helena deixa o dela intocado. Percebo como as mãos dela apertam os braços da poltrona enquanto observa Joseph, que bebe casualmente seu expresso enquanto abre o grande tomo de couro diante dele.

Joseph coloca a xícara na mesa e olha para nós, sorrindo como se tudo isso fosse normal.

— Não sei o quanto Sebastian explicou para você, mas vou apenas passar pelas legalidades antes de assinar.

— Quais legalidades? Não há nenhuma. Não finja que isso é apenas uma transação normal do dia a dia.

Ele não está aborrecido. — Nós gostamos de manter uma gravação por causa da história.

Ela levanta a cabeça para olhar o livro sobre a mesa e Joseph se vira para mim.

Aceno com a cabeça e ele vira o livro pesado e o coloca na beirada da mesa. Ela se inclina para frente e olha para as páginas ainda vazias onde seu nome está escrito sob uma das duas linhas lá. O meu está abaixo do outro. O papel é feito especialmente para nós com o brasão da família gravado nele. Cada página contém um quadro retangular dimensionado para uma foto de 8x10.

Ela o toca, traça uma parte dele, depois vira a pagina pesada para trás e para.

Sua tia Libby está olhando para ela. Duas fotografias. Uma quando ela chegou na propriedade e uma no dia antes de sua saída.

Abaixo de cada imagem há uma data e uma assinatura, uma que pertence a ela, a outra ao meu pai. O filho mais velho é o responsável pela mulher nos três anos.

Helena continua olhando. Ela toca a fotografia, depois vira a página para trás, para as que contêm as duas fotografias, sua tia-avó.

— Não há muitas de vocês nascidas com cabelos escuros. — Diz Joseph. — Pelo menos não as mulheres escolhidas.

Ela olha para ele com ódio em seus olhos.

— Eu acho que os homens Scafoni têm preferência por loiras, mas não acho que escolhida seja a palavra certa. Isto não é um privilégio. É uma condenação.

— Helena. — Aviso.

Ela me ignora e volta sua atenção para a imagem de sua tia.

Não preciso olhar para ver o que ela vê. Memorizei este tomo. E sei que, enquanto ela rola as páginas das *Mulheres Willow* que vieram antes dela, sua homônima será a única fotografia em que, na segunda imagem, a garota ainda tem vida em seus olhos. Ainda tem um sorriso.

No caso de sua tia, o sorriso parece quase demente. Talvez ela tivesse enlouquecido no final.

Joseph começa a explicar o que acontecerá hoje. Ela ainda está olhando através do livro, de volta para quando as fotografias eram preto-e-branco, quando em vez de fotografias, desenhos a mão preenchiam as páginas. Ela então passa pelo resto, folheando todas as páginas vazias, os destinos das futuras *Mulheres Willow*, até que ela tem o suficiente e fecha o livro.

— Vamos fazer isso, então. Onde você me quer? — Suas mãos estão em punhos.

Eu me levanto. Ela está olhando ao redor da sala como se estivesse procurando por um lugar.

— Este é o seu segundo aviso. — Digo, apertando o cotovelo dela.

Ela se vira para mim, fogo queimando em seus olhos. — Eu não me importo.

Joseph se levanta, limpa a garganta. — Por aqui. — Diz ele, nenhuma elegância formal perdida quando ele abre uma porta para uma sala menor fora de seu escritório.

Helena não se move a princípio, não se move até eu cutucá-la. Quando passamos por Joseph, ele me dá um sorriso conhecedor.

— Há sempre um pouco disso na primeira fotografia. — Diz ele, enfatizando a palavra *primeira*.

Ela se vira para ele e envolvo minha mão ao redor do braço dela porque ela pulará nele.

Joseph levanta a mão. — Ela é nova, Sebastian. Ainda não aprendeu. Prometo que será muito diferente em breve. Assim que você conseguir uma alça nela.

— Uma alça em mim? — Helena bufa. — Como uma coleira? Como sabe, de qualquer forma, que será diferente? — Ela pergunta. — Visita a ilha? Vê o que eles fazem? Junta-se? — Ela tenta se soltar, mas eu aperto. — Vocês são todos sádicos, sabe disso?

Ele apenas sorri. — Dê-nos alguns minutos, por favor, Joseph.

— Claro. — Ele sai da sala, fecha a porta atrás dele.

Eu a solto assim que ele sai e solto o cinto. — Contra a parede. Levante sua saia. — Eu puxo meu cinto solto dos laços e a vejo pular no som agudo dele.

— Vá para o inferno!

Vou até ela, cobrindo o espaço em apenas três passos. Olhando freneticamente ao redor, ela pega a única coisa na sala além da câmera colocada em seu tripé, que é um banquinho de madeira.

— Estou avisando, Sebastian!

Eu quase rio, pego uma perna do banco e puxo, tirando-a do equilíbrio. Ela tropeça quando os restos caem no chão, de lado. Ela dá um

passo para trás, pressiona as costas contra parede. Eu dobro o cinto na minha mão, aperto a fivela na palma da minha mão, sinto o metal cravar na minha pele, cortando.

— Vire-se e levante a saia.

— Como eu disse, vá para o inferno.

— Oh, Helena. Você é divertida. Vire.

— Você terá que fazê-lo.

— Com prazer.

Eu a giro ao redor e envolvo uma mão ao redor de sua nuca e sem pensar duas vezes, levanto o braço direito e golpeio o cinto em suas panturrilhas.

Ela grita, tenta se cobrir.

Eu levanto o cinto de novo e desta vez, na dobra de seus joelhos, o som de couro na carne deixa meu pau duro.

Seu grito é mais alto desta vez e rapidamente o acompanho com um terceiro golpe.

— Pronta para levantar sua saia?

— Eu o odeio. Eu o odeio tanto!

Inclino perto, minha boca em seu ouvido. — Eu não me importo. — Golpeio atrás de seus joelhos mais uma vez e eles se dobram.

— Sua bunda, Helena. Agora ou você não andará pelos próximos dias.

Ela está chorando e se move devagar, mas finalmente suas mãos trêmulas levantam a saia até a cintura.

— Nua.

Com uma mão, ela empurra a calcinha para fora dos quadris e ela cai até os tornozelos. Mantendo um braço às costas para manter a saia levantada, ela coloca a outra na parede e pressiona o rosto nela. Ambas as mãos estão em punhos.

— Agora fique parada. — Digo a ela, uma autoridade na minha voz. — Isto vai doer.

Eu solto seu pescoço e passo para trás para descer dez golpes em sua bunda doce, observando cada faixa grossa subir e avermelhar, cobrindo toda sua bunda e o topo de suas coxas antes de parar.

O lugar está silencioso, menos pela respiração ofegante. — Precisa de mais?

Ela balança a cabeça negativamente.

— Tem certeza?

Ela acena com a cabeça.

— Bom. — Solto o cinto no chão, em seguida, endireito o banquinho e vou até ela, viro-a para mim.

Sua respiração está irregular, seus olhos inchados e molhados de lágrimas.

— Você luta comigo, *Mulher Willow* e perderá. Todas as vezes.

— Eu nunca deixarei de lutar com você, Sebastian. Nunca. O que quer que você faça comigo, nunca vou parar. Eu juro.

Movo uma mão entre as pernas dela e esfrego sua boceta, seu clitóris inchado e levo minha boca até a dela.

— Eu vou te segurar com isso. — Digo.

Com os olhos fechados, ela abre a boca contra a minha e se levanta na ponta dos pés. Posso sentir sua respiração em mim, superficial e quente. Eu abri minha calça, puxo a cueca apenas o suficiente para libertar meu pau e levanto-a apenas para empalá-la, vendo a expressão em seu lindo rosto manchado de lágrimas mudar, saindo para empurrar novamente, então novamente.

Eu beijo sua boca, sinto seus pequenos dentes mordendo meus lábios enquanto aperto sua bunda.

— Eu te odeio. — Ela sussurra, agarrando-se a mim enquanto sua boceta aperta meu pau.

— Mas seu corpo não. — Eu respondo, gostando do gosto do ferro de seu sangue. — Sua boceta ama meu pau, *Mulher Willow*. Está pingando para mim.

Ela crava as unhas nos meus ombros e enterra o rosto no meu pescoço para abafar seu choro quando goza, quando sua boceta pulsa ao meu redor, molhada, quente e apertada, ordenha meu pau, levando minha semente dentro dela enquanto se agarra a mim, caindo em mim, sem fôlego e vazia.

Eu me afasto e a coloco de pé. Seus joelhos balançam e ela precisa me segurar para não cair. Pego sua calcinha, ajudo-a a entrar e puxo-a para cima.

— Preciso usar um banheiro. — Diz ela. — Limpar.

Balanço a cabeça. — Depois. Quero que você sinta meu esperma dentro de você. Sinta-me escorrendo.

Eu limpo as últimas lágrimas do seu rosto, afasto o cabelo dela com meus dedos. Seguro sua nuca e a faço olhar para mim quando ela empurra, absorvendo seus olhos tristes, a derrota dentro deles.

— Por que você faz isso? — Pergunta.

— Não precisa ser difícil. — Eu mal sussurro. Sei que não estamos desatentos. — Você torna difícil.

Uma lágrima perfeita cai do olho dela. Seguro sob o polegar, esfregando em sua bochecha.

Quando ela está assim, suave e um pouco surrada, sinto que posso me perder dentro do interminável céu noturno de seus olhos e não quero desviar o olhar.

Ela é uma *Mulher Willow*. Eu sou um filho Scafoni. Primogênito, quase. Nós dois somos condenados. Mas se não tiver cuidado, pode ser pior, muito pior para nós dois.

Puxo-a de volta e a beijo mais uma vez na boca. Nossos olhos estão abertos. Não é um beijo erótico. Não ergo seus lábios abertos para deslizar minha língua dentro. É apenas um beijo e ao mesmo tempo é o beijo mais íntimo.

Quando a solto, ela cambaleia para o banquinho a poucos metros de distância e senta-se nele como se não pudesse mais suportar. Pergunto o que pensa quando olha para mim. O que sente.

Ela deve me odiar. Deve me amaldiçoar.

Eu pego meu cinto para passar pelas alças da calça e abro a porta. Joseph está em sua mesa. Ele me observa fechar o cinto.

Ele ouviu tudo, eu sei e ele não é meu amigo, também sei disso. Não há amizades quando dinheiro está em jogo.

Ele sorri e se levanta da mesa para entrar novamente. Eu sei que a câmera no teto registrou tudo. Sei que ele assistirá logo depois de partirmos. E sei que ele ficará duro com os gritos de Helena. Irá se masturbar com ela sendo fodida. Com a minha porra.

A sala cheira a sexo. Nós.

Joseph olha para Helena e suas bochechas queimam. Ela também sabe que ele ouviu todas as malditas coisas. — Estamos prontos, então, Srta. Willow?

Coloco a mão na nuca dela. — Acho que ela está pronta agora, não é, Helena?

Ela não olha para nós, mas posso ver pelo seu perfil que está mordendo o lábio para evitar falar ou talvez chorar.

— Tudo certo. Pode se ajoelhar no banquinho, por favor. — Diz Joseph.

Ela se vira para mim. — Ajoelhar?

Estendo a mão para ajudá-la. — Ajoelhe-se. — Digo.

Ela engole, mas sobe e não pega a minha mão quando se ajoelha no banquinho de madeira e se vira para câmera. Assim quando ele tira a foto, ela mostra o dedo do meio.

Eu não posso evitar o sorriso que curva meus lábios.

Joseph, no entanto, não se sente divertido. Suas orelhas ficam vermelhas e pode ser a primeira vez que o vejo desconcertado.

— Nós precisamos tirar outra.

Mas é uma câmera antiquada. Não é digital.

— Não precisa, Joseph. — Digo, olhando para minha linda e desafiadora *Mulher Willow*. — Está servirá muito bem.

10

Helena

Nos dois assinamos o livro no espaço onde minha foto será preservada para sempre como a *Mulher Willow* desta geração. Agora estamos sentados em uma mesa para dois esperando o almoço chegar.

Nossos olhos estão fixos, mas a diferença em nossas expressões é noite e dia. Estou olhando e ele parece sorrir, calmo como pode ser, como se isso fosse normal.

— Qual é o seu problema? — Pergunto finalmente, mudando de posição, sua porra pegajosa na minha calcinha.

— Sem problemas. Apenas aproveitando meu dia com minha *Mulher Willow.*

— Você sabe que ele ouviu tudo.

Ele concorda.

— Provavelmente está se masturbando no vídeo enquanto falamos.

— Vídeo?

Sebastian encolhe os ombros. Um garçom vem com uma garrafa de vinho, serve para nós dois e coloca a garrafa em um balde de gelo antes de sair.

— Não se preocupe. Você não deverá vê-lo novamente por mais três anos. — Ele pega sua taça. — Felicidades.

Cruzo os braços no peito. Não pego minha taça.

— Como isso começou? Escolher uma *Mulher Willow*?

— Você não conhece a sua história?

— Não, não sei. Por que você não me educa, como fez tão graciosamente sobre o significado de congênito? — *Anormal*. Adiciono internamente.

— Feliz para obedecer. — Ele toma outro gole de seu vinho. — Os Willow eram uma família proeminente, pelo menos no meio-oeste, desde sempre. Os Scafoni eram imigrantes da América, mas ricos. Nós precisávamos de status e vocês precisavam de dinheiro, assim um casamento foi arranjado. — Havia uma diferença então e isso era por que os Willow apenas tinham filhos e os Scafoni filhas, então um rapaz Willow, Marius Willow, casou com uma garota Scafoni, Anabelle Scafoni, por sua fortuna. Não havia amor entre eles. Foi uma transação comercial,

organizada pelo pai de Anabelle e Marius Willow. Ele tinha mais de duas vezes a idade dela e era um bruto, de acordo com a história.

— Hum, de acordo com sua história. — Interrompo.

Ele me ignora.

— Ela não sobreviveu muito em suas mãos, nem um ano inteiro sequer. E de fato, apenas alguns Scafoni sobreviveram a esse casamento. Marius Willow certificou-se disso, não tendo pena, matando o máximo que pode, começando pelo pai de Anabelle. Embora ache que ele sentiu pena. Não matou Anabelle ou sua mãe, mas as expulsou, depois de garantir a fortuna de Anabelle. E se a tivesse matado, nada disso estaria acontecendo.

— Por quê? — Estou absorta.

— Havia uma coisa que ele não sabia quando a enviou para fora de sua casa. Anabelle estava grávida.

— Grávida?

Ele concorda.

— A mãe de Anabelle, que era parteira, cuidou dela e fez o parto do bebê em segredo. Este foi um nascimento masculino raro para a família Scafoni. Apenas dois meses após o nascimento do bebê, Anabelle morreu. Ela estava muito quebrada por sua dor. É uma maravilha que o bebê não tenha morrido com ela.

— O que aconteceu com o bebê?

— Depois de enterrar a filha, a mãe de Anabelle, levou a criança e fugiu para Itália, mas não antes de lançar uma maldição sobre a família Willow, que enfraqueceria sua linhagem. A partir desse ponto, a família Willow apenas teve meninas e a família Scafoni apenas meninos.

— Uma maldição? Você não pode acreditar nisso.

Sua expressão e seu comentário não me dão uma pausa. Não espero que Sebastian Scafoni de todas as pessoas seja supersticioso.

— O filho de Anabelle, Giuseppe, foi criado para odiar a família Willow e quando atingiu a maioridade, jurou vingança por sua mãe e começou a reconstruir nossa fortuna, transmitindo seu ódio de geração em geração até estarmos prontos para retornar à América... e vingar Anabelle.

— Mas como? Mesmo naquela época, o que vocês estavam fazendo não poderia ser legal. Quer dizer, é sequestro.

— Você é ingênua, Helena.

— Não, eu...

— Bem, se você tem dinheiro suficiente, pode fazer o que quiser. Ter o que quiser. O dinheiro é poder. O dinheiro nos faz reis. Deuses mesmo.

Balanço a cabeça.

— O que você segura sobre os Willow que eles não colocam fim a isso?

— Eu acabei de dizer.

— Você me disse que o dinheiro faz de você um deus.

— O dinheiro me capturou você.

— Eu não entendo.

— É muito mais simples do que você pensa. Tem certeza de que quer ouvir?

— Sim.

— Isso pode mudar sua visão de sua família.

— Não vai.

— A propriedade Willow, você já viu a escritura?

Balanço a cabeça.

— Eu não estou surpreso. Nosso nome está nela. A família Scafoni é proprietária.

Eu bufo com isso.

— Você quer que acredite que você é dono da nossa casa?

— E a terra onde foi construída.

— Não acredito em você. A casa está em nossa família desde sempre.

— Na verdade, não. Não em quase duzentos anos.

— O que você está dizendo? Vocês... compram as *Mulheres Willow*?

Ele encolhe os ombros.

— Eu penso nisso mais como um contrato.

— Sobre o que você está falando? Meus pais não permitiriam...

Ele se inclina para perto.

— Seus pais estavam ansiosos, Helena.

Suas palavras me atingiram como um soco no estômago. Não sei se é isso o que ele pretendia, porque pega o vinho, balança a cabeça e engole um grande gole.

O garçom aparece com o nosso almoço, mas perdi o pouco apetite que tinha. Sem uma palavra, Sebastian pega sua faca e garfo, corta seu peixe, depois come.

— É bom. Você deveria comer.

Ele coloca outra garfada na boca. Eu não me movo, não toco meus talheres.

Olho para cima do meu prato de macarrão com molho vermelho, observo as anchovas no topo. Por que as pessoas acham que os vegetarianos comem peixe?

— Não acredito em você. — Digo.

— Fiz o primeiro pagamento no dia em que você chegou à ilha. Estava no extrato que segurava quando estava bisbilhotando no meu quarto.

— Você está mentindo.

— Porque mentiria? Por que precisaria?

— Você quer me virar contra minha família.

— A que propósito isso serviria?

Ele tinha razão.

— Quer dizer, pense nisso, um sacrifício de uma pela sobrevivência da família. É um negócio que eu não faria, mas os Willow nunca tiveram muita integridade. Até a família não significa nada para eles. Vendem suas filhas como se fossem um porco premiado.

Encontro seus olhos e ele está falando sério. Não está tirando sarro de mim ou tentando me ferir.

— Eu posso provar para você se quiser. Mostrarei todos os extratos bancários. Todos os pagamentos feitos aos Willow pelo sacrifício de uma filha a cada geração.

Eu pego minha taça então, tomo um longo gole. Minha mão está tremendo quando a abro.

— E você está bem com isso? Em me levar? Sabendo que não quero estar aqui. Ficará bem em me entregar a seus irmãos?

Com isso, ele faz uma pausa, exala, leva um momento para olhar para o outro lado e depois para mim.

— O que eu quero e o que tenho que fazer nem sempre são a mesma coisa, Helena.

— Então você não quer isso?

— Eu não disse isso.

— Você poderia ter dito não?

— O que você acha que teria acontecido se eu fizesse? Você acha que Lucinda, Ethan ou até mesmo Gregory teriam desistido?

— O que quer dizer?

Seu rosto escurece. Ele coloca seus talheres para baixo e se inclina.

— Quero dizer, que se eu escolhesse não participar, Ethan teria felizmente tomado o meu lugar. Mas acho que isso teria sido uma boa notícia para você. Ele teria escolhido uma das suas irmãs.

Ele se recosta, pega o garfo e a faca novamente.

— Você fala sobre uma saída, mas não há nenhuma, Helena.

Ele chega do outro lado da mesa e mexe na minha massa, balança a cabeça. Apenas observo, lenta para processar suas palavras, quando ele chama o garçom. Sei que está mandando meu prato de volta, explicando sobre o peixe.

O garçom se desculpa e acena com a cabeça, mas não estou realmente ouvindo. Ele está de volta alguns minutos depois com um prato novo, menos o peixe.

Mas é um desperdício de comida.

Eu não posso comer nada.



Estou no meu quarto copo de vodca, enquanto olho com os olhos turvos, os papéis à minha frente. Acho que não consigo entender por que ele me contou. Qual é o ponto? Machucar-me? Para ter certeza de que estou completamente sozinha? Porque já sabia disso. Sei disso há muito tempo.

Como prometido, Sebastian entregou a extrato que encontrei enquanto bisbilhotava seu quarto aquela noite, junto com registros de pagamentos passados, quase duzentos anos deles. Também me mostrou uma cópia da escritura.

É verdade. Nós vivemos na terra dos Scafoni.

Pergunto se minha tia Helena sabe. E se minhas irmãs sabem, agora que estou fora e está resolvido, pelo menos por enquanto. Até que tenham suas filhas e os Scafoni tenham seus filhos.

Há uma discrepância que não entendo, no entanto. Os pagamentos são feitos três vezes, uma vez por ano. Suponho que é feito quando a *Mulher Willow* é passada de irmão para irmão.

Costumava haver quatro pagamentos, mas nas últimas várias colheitas, apenas três foram feitas e há apenas os três irmãos.

Mas esse pensamento é deixado de lado pelos outros. Principalmente a traição dos meus pais. Mas também a outra coisa. Sobre não ter escolha.

Tenho dificuldade em acreditar que Sebastian não quer isso, não agora que ele tem, mesmo que não ache que queria no começo. E não consigo pensar no que acontecerá daqui a um ano.

Sebastian é cruel, impiedoso quando me castiga, mas há outra coisa também. Um protecionismo, quase uma possessividade. Eu sou sua. E de certa forma, desde que seja dele, estou segura.

Não.

Empurro os papéis de cima de mim e fico de pé tão rapidamente, que entre o sangue correndo e a vodca, tenho que segurar a parede para não cair.

Não estou segura. E não posso ser tola o suficiente para me deixar pensar que estou, nem por um segundo.

Estou mais alta. Ergo minha coluna e digo em voz alta.

— Não estou segura. Não com ele. Não com nenhum deles.

Será que ele acha que, me dizendo, me isolando mentalmente e emocionalmente, bem como fisicamente, que seria uma *Mulher Willow* melhor? Uma mais obediente?

Vou para janela, envolvo meu suéter ao meu redor porque esta noite é mais fria do que tem sido e penso neles, na minha família e como me traíram. Como estão traindo suas filhas por gerações. E para quê? Dinheiro. Porra de dinheiro.

Os Willow nunca tiveram muita integridade. Até a família não significa nada para eles. Eles vendem suas filhas como se fossem um porco premiado.

Suas palavras se chocam contra mim, mas antes que possam me quebrar, vou até a mesa de cabeceira, abro a gaveta e tiro meu canivete. Não sei porque ele não tirou de mim. Não é um descuido. Sebastian não negligencia nada.

Três milhões de dólares. E se eu sobreviver aos três anos. Essa é a soma. O meu valor. Sei que nossa casa é importante. Sei que a terra é importante. Mas não é uma filha mais importante?

Recolho os papéis, não me importando que esteja esmagando-os. Quero rasgá-los em pedaços, mesmo que sejam cópias. Saio do meu quarto. Nem fecho a porta atrás de mim. Ele está lá embaixo, em seu escritório. Sei porque me disse que viria atrás de mim quando terminasse seu trabalho. Precisa de sua foda noturna, eu acho.

Duas *Mulheres Willow* morreram enquanto cumpriam seu tempo e quando minha tia Helena era a *Mulher Willow*, apenas dois pagamentos foram feitos. Ela fugiu? Conseguiu ficar longe por um tempo? Porque havia uma cláusula que se a *Mulher Willow* não estivesse disponível para os filhos Scafoni, a família Willow seria penalizada e essa penalidade seria paga na forma de uma perda de fundos ou pior.

As palavras *olho por olho* se destaca.

Elas me fazem estremecer. Eu olho para o meu anel.

Osso por osso?

Minha mãe, quando nos contou o que aconteceria conosco, não contou exatamente assim. Nunca mencionou dinheiro, apenas uma dívida e avisou que quem fosse escolhida teria que servir os três anos completos. Ela nos disse que não seria bem-vinda em casa porque a vingança que os Scafoni tomariam seria catastrófica para o resto da família.

A casa está escura, a não ser pela luz sob a porta do escritório. Já passou da uma da manhã, mas Sebastian não está sozinho lá. Ouço duas vozes masculinas.

Não me incomodo em bater, mas empurro a porta aberta. Acho que empurro com muita força porque bate contra o batente da porta e vibra. Sebastian olha por trás de sua mesa, momentaneamente surpreso. Apenas momentaneamente.

Eu me viro dele para cadeira do outro lado da mesa para encontrar Gregory lá.

— Helena. — Diz Sebastian, empurrando para trás de sua mesa e cruzando os braços sobre o peito. — Como posso ajudá-la?

Ignorando Gregory, bato os papéis na frente dele.

— Por que você me contou? Qual é o ponto?

Ele inclina a cabeça para o lado, me observa.

— Você está bêbada?

Minhas mãos estão tão apertadas que sinto minhas unhas se afundarem nas palmas das minhas mãos.

— Por quê?

Eu ouço uma risada.

Viro para Gregory, que fica de pé e olha para mim. Ele não se incomoda em transformar suas feições em algo mais sério. Ele desloca o olhar para Sebastian.

— Eu direi boa noite, irmão. Nós continuaremos amanhã.

— Boa noite. — Diz Sebastian. Não acho que seus olhos saíram dos meus.

Gregory fecha a porta atrás dele. Sebastian se levanta e vem para mim.

— É rude invadir o escritório de alguém assim, Helena.

— Não me importo muito com rude.

— Não, você não faz. Quanto bebeu?

— Insuficiente. Por quê? Por que você me contou?

— Você perguntou, lembra? E avisei que poderia não gostar.

— É para me isolar ainda mais? Certificar-se de que sei que não posso ir para casa?

— Modere seu tom, Helena.

— Você não quer dizer *Mulher Willow*? Modere seu tom, *Mulher Willow?*

Ele se aproxima, de modo que as pontas de seus sapatos estão tocando meus dedos dos pés descalços. Ele coloca um dedo embaixo do meu queixo, inclina-o e se inclina para perto.

— E se é assim que você quer, então observe seu tom, *Mulher Willow.*

O baixo timbre de sua voz é mais um aviso do que suas palavras e é preciso tudo o que tenho para não recuar.

— Apenas me diga por quê. Você me deve isso, pelo menos.

Ele recua, me dando espaço para respirar.

— Eu pensei que deveria saber sobre a descendência que terá. E apenas para esclarecer, não lhe devo nada.

Eu ignoro essa última parte.

— Bem, você vem disso também, considerando que é descendente do filho de Anabelle Scafoni? Isso nos faz família? Primos ou algo assim? — Não sei por que digo isso, é tão distante no passado e tão diluído que não importa.

Ele sorri, toca seu dedo do meio na minha clavícula, traça até a cavidade na minha garganta, até os meus lábios, pressiona até eu abrir. Quando fecho meus dentes ao redor do dedo, ele usa o dedo como um gancho e arrasta meu rosto para o dele, então estamos cara a cara.

— Você tem uma boca tão grande, sabe disso, *Mulher Willow*?

Eu enfio a mão no bolso, sinto o peso do canivete, puxo para fora.

Ele deve ouvi-lo abrir. É a única maneira que pode ter reagido tão rapidamente. A única maneira que pode pegar minha mão antes que possa afundar a pequena faca em seu intestino.

Eu recuo para olhar para baixo. Ele faz o mesmo. Nós observamos a pequena gota vermelha manchar o branco de sua camisa. Ele não puxa a lâmina de volta, no entanto. A segura lá, ao invés disso e força um pouco, rasgando sua camisa, cortando sua própria carne.

— Pare. — Há um tremor na minha voz. Tento puxar minha mão, mas ele não me deixa.

— Isso é meu ponto? — Ele pergunta quando olha de volta para mim, segurando meu olhar enquanto solta a arma. Ouço o barulho quando atinge a parede oposta. Antes que possa dar um passo para trás, sua mão se fecha em minha garganta e ele me inclina para trás sobre a mesa, o ângulo doloroso.

Uma das minhas mãos envolve seu antebraço enquanto a outra segura a borda da mesa para evitar que quebre minhas costas.

— Você sabe o que aconteceria com se tivesse conseguido? O que expliquei antes?

Eu sei do que ele está falando. Que se não fizesse isso, não me escolheria, então seria seu irmão ou seu outro irmão depois disso.

— Deixe-me ir. — Digo.

Seus olhos são escuros, negros na luz e vejo quando ele toca sua ferida com os dedos antes de levá-los para minha coxa e espalhar sangue para cima, empurrando minha calcinha para esfregar na minha boceta, esfregar dentro de mim.

— Você está sempre molhada para mim. — Diz ele antes de mudar seu aperto para a nuca e me beijar com força, tão duro quanto está me esfregando. Termina o beijo e me observa, ouço o zíper da calça jeans. Ele dá um passo para trás e me coloca de joelhos.

Eu sei o que ele quer.

Ele segura um punhado de meu cabelo e sorri.

— Abra. Vou ensinar essa boca grande uma lição.

Eu olho para ele, tento recuar, mas não consigo.

Ele me puxa dolorosamente pelo meu cabelo e traz seu rosto para o meu.

— E se você morder, vou chicoteá-la até que abra suas costas, entendeu? — Ele aperta o punhado de cabelo quando não respondo. — Diga. Você. Compreendeu?

— Sim!

— Essa é uma boa *Mulher Willow*. Agora mantenha seus olhos nos meus e abra bem.

Ele nem sequer me dá um minuto para fazer isso, mas aperta meu nariz, forçando minha boca a abrir.

Seu pau é grosso, duro e pronto. O pré-sémen tem um gosto salgado na minha língua enquanto me move do jeito que quer, superficial no início, tomando seu tempo, observando-me.

— Primeira vez?

Eu não falo nada. Não posso falar.

— Chupe. — Diz ele quando empurra mais fundo e faço. Chupo seu pau, mais e mais profundo, lágrimas se formando nos cantos dos meus olhos, tanto da mão dele agarrando meu cabelo com muita força ou de ser sufocada com seu pau. Minha voz, qualquer palavra, é gargarejada quando ele bate na parte de trás da minha garganta e segura lá por um momento, deixando escapar um gemido profundo.

Eu empurro suas coxas e ele puxa um pouco, superficial novamente, bombeando para dentro e para fora lentamente, indo mais fundo. Então quando engasgo, superficial novamente.

— Eu gosto de você assim, sabe disso? Assim de joelhos e quieta. — Ele quase sorri. — Pronta?

Pronta? Pronta para que?

Ele força minha cabeça para frente, empurrando minha garganta.

Eu cravo meus dedos em suas coxas e grito, mas o som é abafado quando ele fode meu rosto, me observando enquanto me leva mais e mais forte até que, finalmente, permanece dentro de mim.

Eu sinto o primeiro jato de gozo na parte de trás da minha garganta e sinto deslizar para baixo quando o próximo vem. Olho para o rosto dele, odeio não poder olhar para longe, odeio que ele seja tão bonito, odeio que o queira mesmo quando deveria odiá-lo.

Quando ele está vazio, cai de joelhos respirando com dificuldade, sorrindo um pouco. Ele ainda me segura, mas não está mais machucando.

Com a outra mão, afasta o cabelo preso ao brilho de suor na minha testa.

Apenas olha para mim por um minuto antes de me beijar, beijando minha boca que tem gosto dele, que acabou de tê-lo dentro, que acabou de engolir tudo o que me deu.

E quando move a mão na minha calcinha e esfrega meu clitóris, eu o beijo de volta e gozo. Gozo em seus dedos, na palma da sua mão e estou puxando-o para mim quando deveria estar empurrando-o para longe.

Querendo-o quando deveria odiá-lo.

11

Sebastian

Acordo mais cedo do que o habitual na manhã seguinte. Helena está dormindo a meu lado, seus braços em seu peito entre nós e a testa pressionada contra meu ombro.

É engraçado, não importa o quão longe de mim ela fique na cama, toda manhã é a mesma coisa. Ela está tão apertada contra mim que tenho medo de acordá-la quando me levanto.

Ela não se move quando empurro o cabelo do rosto para olhar para ela. Parece mais jovem do que é quando dorme. É porque o rosto dela está relaxado. Está sempre em guarda e entendo isso.

Levanto-me, checo meu celular em busca de uma mensagem que estou esperando. Está lá, mas não tenho certeza se estou feliz com isso ou não. Poderia salvar Helena, se isso acontecesse, mas destruiria Ethan no processo.

Digito uma resposta. Encontrarei meu contato em seu escritório em Verona no dia seguinte.

Helena não se move quando saio da cama para tomar um banho, mas quando volto para o quarto, ela está sentada na cama, de braços cruzados, o rosto como se estivesse imerso em pensamentos. Ela se vira para olhar para mim e percebo que não mantém os olhos nos meus.

— Bom dia. — Digo.

— Por que os pagamentos eram diferentes quando minha tia Helena era a *Mulher Willow*?

Eu lanço a toalha que usei para secar meu cabelo de lado e vou em sua direção, seguro seu queixo na minha mão e levanto o rosto para cima.

— Eu disse bom dia.

Ela olha para mim, sua testa vincada. — Bom dia.

— Assim é melhor. Por que você não toma banho e se veste? Deve descer para o café da manhã. Não pode evitar minha família para sempre.

— Não, obrigada. Perderei o apetite com Ethan me encarando.

— Ele não pode mudar quem é, você sabe disso, certo?

— O que quer dizer?

— Você deve ter notado. — Embora ela tivesse pouca interação com ele, é possível que não tenha?

Ela encolhe os ombros. — Ele parece estranho. Apenas pensei fosse um idiota.

— Oh, ele é um idiota, mas tem outra coisa. Teve um acidente quando tinha quatorze anos. Houve algum dano em seu cérebro.

— Oh.

Eu olho para longe lembrando, mas apenas por um momento. — E Lucinda o manipula. Ensinou tudo o que ele sabe.

— Ensina-o a me odiar.

— Não apenas você. Apenas estou dizendo que há uma razão pela qual ele é do jeito que é. E isso não significa que você deve ficar sozinha com ele, mas apenas para entender.

— Não importa para mim. Ele ainda é meu inimigo, não importa o que. Qual foi o acidente?

Afasto antes de responder. — Uma viagem de barco deu errado. — Entro no armário para me vestir, pego um jeans. Tenho uma camiseta nas mãos quando volto para o quarto para encontrá-la ainda na cama.

Ela morde o lábio. — Então, o que acontecerá quando o ano acabar? Quero dizer, apenas... você... você fica aqui e estou com ele e...

O pensamento disso, de entregá-la a ele, dele tocá-la, faz minhas mãos se fecharem. É apenas ela ou me sentiria assim com mais alguém? Eu não desejaria o meu irmão com nenhuma das *Mulheres Willow* porque

isso seria entregá-la a Lucinda e entregá-la a Lucinda seria como entregá-la ao próprio Satã.

— Não pense nisso agora, Helena. Há um ano inteiro. Muita coisa pode acontecer.

— O que isso significa?

Puxo minha camiseta e vou para o banheiro para pentear o cabelo, mas estou realmente apenas ganhando tempo.

— Você me perguntou sobre o pagamento quando sua tia Helena era a *Mulher Willow*. — Digo, voltando para o quarto.

Ela balança a cabeça e se senta um pouco mais ereta.

Eu me sento na beirada da cama. — Quanto você sabe sobre o tempo dela aqui?

— Não muito. Apenas que ela sobreviveu.

— Ela esteve aqui por dois anos e meio. Não três.

— Por quê?

— Porque ela matou o filho primogênito Scafoni.

A boca de Helena se abre e seus olhos se arregalam. — O que?

— Sufocou-o enquanto dormia.

— Como? Quer dizer, ela não disse nada sobre isso para mim. Tem certeza de que é verdade?

Eu concordo. — Seis meses depois de sua provação, ela o matou, então foi passada para o segundo. Então, depois de um ano, para o terceiro. É por isso a discrepância no pagamento.

— Não acredito em você. Isso não faz sentido, ela não é uma assassina.

— Ela provavelmente não seria em circunstâncias normais.

— Não. É um erro, tem que ser.

— O engraçado era que o dedo do meio estava faltando e eles nunca encontraram.

Com isso, seus olhos ficam mais arregalados.

— Helena, eu admito, o bastardo provavelmente merecia o que conseguiu, mas sua tia não estava lá, e definitivamente não no final.

— Você pensou no que perguntei? Posso ligar para ela?

Eu saio da cama, caminho até a cômoda para colocar o meu relógio. — Você quer perguntar a ela sobre isso? Verificar se não estou mentindo? Ela não diria a você. — Digo, de costas para ela.

— Talvez porque não seja verdade. Talvez tenha sido um dos seus irmãos. Você é todo implacável, não vejo amor fraternal entre vocês.

— Acredite no que quiser. Está tudo escrito e gravado.

— Apenas porque está escrito, não é um fato.

Eu verifico meu relógio. — Vá tomar um banho e desça para o café da manhã. Estarei lá. Você não estará sozinha.

Ela olha para mim, inclina a cabeça para o lado e me dá um sorriso. — Mesmo se você estiver lá, ainda estarei sozinha, Sebastian. Mais sozinha do que pensava graças ao que descobri ontem. E com a história de hoje... — Ela balança a cabeça. — E se estiver tentando me colocar contra a minha família, não funcionará.

— Apenas estou dizendo a verdade. Talvez pense nas perguntas que me fizer da próxima vez.

— Você é inacreditável às vezes, sabe disso? — Ela diz, saindo da cama. Envolve o cobertor no corpo e se vira para ir ao banheiro.

Eu agarro o braço dela, a paro. — E você queria me odiar por ser um Scafoni, mas você não odeia.

Ela puxa para libertar seu braço, mas seguro firme. — Oh, eu odeio você, Sebastian. Sempre irei odiar.

Eu olho para ela e ela para mim. A próxima vez que ela puxa, a deixo ir.

Ela desaparece no banheiro e tranca a porta. É por isso que ela toma banho aqui. A fechadura. É provavelmente por isso que dorme na minha cama.

Melhor o diabo que você conhece.

12

Helena

Não desço para o café da manhã e também não vou para o almoço. Apenas desço quando estou com muita fome para ficar no meu quarto.

Sei que Sebastian não enviará comida. Também sei que ele está certo, que tenho que enfrentá-los em algum momento, mas vou adiar o máximo de tempo possível.

A noite está fria e envolvo um suéter ao meu redor. Sou a última a chegar. Quando chego ao pátio, a família está reunida em volta da mesa, Lucinda e Ethan tomando Martini, Gregory e Sebastian, uísque.

Dois lugares estão prontos para o jantar, um na frente de Sebastian e o outro junto a Gregory, Lucinda e Ethan estão vestidos com trajes extravagantes para noite. Talvez seja a minha noite de sorte e eles estão saindo.

Sebastian está entediado ou irritado. Posso ver isso em seu rosto, em sua postura. Ele se senta em frente a Lucinda, que está de costas para mim. Ele está inclinado em sua cadeira, encostando a cabeça no respaldo, olhando para ela até que me vê.

Ele move o olhar para mim. Ainda não consigo lê-lo, mas também não consigo desviar o olhar. Ele faz algo comigo. É como quando está em um quarto apenas ele e eu, todos os pelos do meu corpo ficam de pé. Eu não sei. É como se ele roubasse o ar dos meus pulmões.

Eu sei que os outros sentem essa estranha carga entre nós. Eles devem sentir. E posso ver ao meu lado Ethan virando a cabeça de mim para Sebastian e voltando.

Eu disse a Sebastian que o odiava e de certa forma, o faço porque é meu inimigo. Mas também sei que ele é a única coisa entre eu e o restante deles. Sei que eles não me tocarão enquanto tiver sua proteção.

Não é apenas isso, no entanto. Sou atraída por ele, o quero, quero as mãos dele em mim e o quero dentro de mim.

Mas a parte mais assustadora é que quero seus braços ao meu redor enquanto durmo.

Lucinda lentamente estica o pescoço e limpa a garganta. O silêncio tornou-se estranho.

— Uma bebida? — Digo.

Sebastian aponta para a longa mesa de buffet ao lado, onde várias bebidas são servidas. Vejo um jarro de Martini. Vou me servir, mas uma empregada dá um passo à frente para fazer isso por mim. Vejo-a colocar três azeitonas em um copo de Martini e despejar o líquido claro. Entrega para mim e tomo um gole. Sinto instantaneamente, como se a vodca estivesse fisicamente descendo pelos meus ombros.

Lembro-me de como Amy, a mais nova de nós e eu roubávamos vodca quando podíamos. Bebíamos um pouco. Nós começamos a fazer isso na noite em que minha mãe me pegou com o garoto e meu pai me bateu com o cinto até que eu não consegui mais me mexer.

Ainda sinto a vergonha daquela noite. A humilhação.

Ela fez minhas irmãs assistir. Um castigo familiar, depois de um jantar familiar adequado. Ela me despiu da cintura para baixo e me inclinou sobre a mesa de jantar recentemente limpa enquanto todos olhavam.

Pelo menos ela mandou as empregadas saírem da sala.

Quando meu pai achou que já tinha recebido o suficiente, ela ordenou que ele continuasse até que os vergões me cobrissem da parte de trás dos meus joelhos até a totalidade das minhas nádegas. Uma lição para minhas irmãs aprenderem o que aconteceria se elas tentassem o mesmo.

Acho que a família Scafoni está doente, mas nós Willow, também estamos doentes. Amy é a única das minhas irmãs que sinto falta.

— Você deve ensinar seu pequeno animal de estimação a se dirigir a nós respeitosamente. — Diz Lucinda, atraindo-me de volta ao presente.

— Ensinarei meu animal a fazer o que eu quiser, não como você gosta.

Eu pego um pãozinho e viro, encostando minhas costas no bufê, esmagando o pão e observando-os em silêncio, lavando-o com o meu Martini. Eu deveria ter calma, não comi o dia todo.

Está ventando esta noite e Sebastian me presenteia com vestidos, aparentemente, porque isso é cerca de noventa por cento do meu guarda-roupa. Sou grata que as mangas do meu suéter são longas o suficiente para que possa segurá-las nas palmas das minhas mãos.

Coloco um braço no abdômen e apenas os observo enquanto me sirvo de um segundo pão.

Sebastian voltou seu olhar para Lucinda e acho que eles estão tendo uma competição que ela está perdendo. Viro o anel de osso na minha mão, sabendo agora de quem é o osso, sentindo uma onda de poder me percorrer com o pensamento.

É meu segredo. Apenas meu. Tenho um pedaço deles. Minha tia pegou o dedo do bastardo Scafoni, pegou o osso dele e transformou-o em um enfeite para si mesma. Um crânio que ela pendurou no pescoço como um sinal de sua vitória.

Seu ponto.

Quão apropriado é o crânio.

Deus, eu quero rir. Quero rir em voz alta.

Sua tia não estava lá e definitivamente não no final.

Inferno, talvez eu não esteja lá, porque desde que cheguei a este lugar, me sinto louca. Sebastian se vira para mim. Sem cerimônia empurra a cadeira ao lado da sua com o pé.

— Sente-se.

Acho que essas adagas estão viradas para mim agora. Ando obedientemente até a mesa e me sento. A garota que reconheço das poucas vezes em que esteve no meu quarto, rapidamente coloca um lugar diante de mim.

— Estou com fome. — Diz Sebastian. Ele devolve o olhar de Lucinda.

Ela engole a última bebida e levanta. Ethan segue sua liderança e pela primeira vez, vejo a hesitação em seu rosto e o que Sebastian disse faz sentido. Ele não está todo lá. Estou curiosa sobre o que aconteceu, qual foi esse acidente.

Olho para Sebastian. Ele está observando Ethan também e juro que vejo algo parecido com remorso lá. Mas desaparece no instante em que Lucinda fala.

— Nós sairemos, então. Não quero impedi-lo de jantar.

Ela me dá um olhar aguçado antes de se virar e Ethan segue em seus calcanhares.

Poucos minutos depois, ouço o motor do barco no momento em que uma garrafa de vinho é aberta e o jantar é servido, um bife para cada um dos irmãos acompanhado de batatas e legumes assados, para mim, o mesmo, mas sem um bife de carne bovino, o meu é uma versão vegetariana.

— Obrigada. — Digo para garota.

Sebastian e Gregory pegam seus garfos e cortam a carne. Começo com uma mordida na batata. Quando coloco a segunda na minha boca, Sebastian se vira e mastiga a dele, me observando. Ele está de bom humor.

— Eu quero você aqui embaixo para cada refeição a partir de agora.

— Eu não tomo café da manhã. — Digo, sabendo que é uma desculpa fraca.

— Bem, você começará a fazê-lo. Especialmente desde que levamos em consideração sua dieta e o cozinheiro está preparando refeições especiais para você.

— Por que você está levando isso em consideração?

— Cristo. Não pode apenas ser grata e seguir em frente?

Ele está certo sobre isso. Sei disso.

— Eu sou grata, obrigada. Foi só uma pergunta.

— Nada é apenas uma pergunta com você. Coma. Eu não a quero tão magra.

— Sem carne suficiente para chicotear?

— Algo parecido.

Nós nos encaramos por um minuto inteiro até que não posso mais resistir ao que ele diz. Eu como. Estou morrendo de fome e a comida é boa.

Observo Gregory enquanto como. Ele e Sebastian compartilham semelhanças e mais ainda, maneirismos, não posso deixar de observá-los. Eles não são grandes em falar, então nós comemos principalmente em silêncio.

— Vocês dois estavam aqui quando minha tia Libby era a Mulher Willow?

Ambos olham para mim e é Sebastian quem responde um momento depois.

— Sim, durante os verões.

— Como ela era? —Eles parecem surpresos com a pergunta e eu esclareço. — Eu tinha apenas cinco anos quando ela chegou em casa. Nunca consegui conhecê-la.

— Ela não era como você. — Diz Sebastian.

— O que isso significa?

Ele continua como se eu não tivesse falado nada.

— Embora no momento em que a conheci, ela já havia passado seis meses na ilha, então talvez fosse como você no começo.

— Foi Lucinda quem deixou as marcas nas costas dela ou foi seu pai?

Gregory coloca o último bife na boca, como se o que acabei de perguntar fosse completamente normal. Todo o tempo ele está me observando, seus olhos ilegíveis.

Sebastian limpa a boca e coloca o guardanapo na mesa, terminando com a refeição.

— Eu as vi uma vez. — Digo. — Ainda me lembro delas, pensei que fossem tatuagens. Não fazia ideia.

— Meu pai sofreu depois da morte da minha mãe, não sei se ele superou isso. E de certo modo, sua tia se tornou uma amiga para ele e muito mais. — Diz Sebastian. — Lucinda a odiava por isso.

— Isso realmente não responde a minha pergunta. — Eu olho para Gregory.

— Foi a minha mãe que colocou essas marcas nas costas de sua tia. — Diz Gregory.

Acho que não esperava uma resposta tão direta, especialmente dele, porque ainda é de sua mãe que estamos falando. Talvez não esperasse que ele falasse comigo. Toda vez que faz, é como se tivesse que fazer.

— Nosso pai não a impediu, o que, aos meus olhos, tornou sua culpa tanto quanto dela. — Continua Gregory.

— Você testemunhou as punições?

— Algumas. — Responde Gregory.

— Você não os impediu também?

— Meu irmão tinha oito anos e eu doze, Helena. Nós não poderíamos tê-los parado nem se quiséssemos. — Sebastian responde.

— Você queria?

— Cristo. Deixe isso em paz. — Diz Sebastian.

— Ela tem o direito de saber, irmão. — Diz Gregory.

Sebastian se vira para ele.

— Mas o problema, *irmão*, é que Helena tem o hábito de fazer perguntas que realmente não quer saber as respostas.

— Eu quero saber. — Digo.

— Por quê? — Sebastian pergunta. — A qual objetivo serviria?

— Eu posso dar testemunho.

— Mais uma vez, a que propósito isso serviria?

— Ela tem razão. — Repete Gregory.

Eu me volto para Gregory.

— Você quer isso? Você quer uma reviravolta comigo?

Sebastian bufa.

Gregory me observa por um longo tempo antes de responder.

— Eu conheço meu dever como um Scafoni.

— Mas você quer isso?

— Isso é o suficiente, Helena. — Diz Sebastian. — Vá para o seu quarto.

— Eu não tive a sobremesa. — Respondo, quando uma garota aparece com uma bandeja de bolo.

Sebastian estreita os olhos para mim, mas não diz nada quando a empregada vem nos servir. Nós comemos o restante da refeição em silêncio.

Quando terminamos, Gregory empurra a cadeira para trás e caminha em direção à piscina, senta-se em uma das espreguiçadeiras e tira um maço de cigarros. Acho que estou surpresa que ele fuma, quando acende um e senta para olhar o céu noturno.

Eu sinto o olhar de Sebastian em mim enquanto limpo minha boca, coloco meu guardanapo na mesa e fico em pé.

— Sente-se.

— Você estava me dispensando há alguns minutos atrás.

— E agora quero que você se sente. Você quer ir atrás do meu irmão?

Eu olho para ele, confusa por um minuto, mas depois me sento. Um sorriso se espalha pelo meu rosto. Não é um sorriso bonito.

— Você está com ciúmes? — Inclino minha cabeça para o lado, faço questão de observá-lo.

Ele se aproxima e leva tudo que eu tenho para não me afastar.

— Tenha cuidado com meu irmão, Helena. Ele não é o que você pensa. Na verdade, é tão perverso quanto o restante de nós.

Ele se senta em seu lugar, pega o uísque que uma das empregadas lhe traz. Devem conhecer seus hábitos, ele nem precisa levantar um dedo.

— Eu não tenho dúvidas. Mas você não respondeu a minha pergunta. — Digo.

Sei que estou brincando com fogo. Este homem calcula todos os seus movimentos e é muito mais adepto desse jogo do que eu.

— Tudo bem. — Ele se vira para as empregadas que estão limpando. — Deixem-nos.

Quase antes de terminar de dizer isso, elas se dispersam como ratos, desaparecendo na casa. Meu coração aperta quando ele se levanta e antecipo sua punição, porque irá me punir por isso.

— Levante.

— Por quê? O que você fará?

— Vou lhe dar o que quer.

Olho para a piscina, onde Gregory está recostado na espreguiçadeira fumando seu cigarro, soprando um círculo de fumaça no céu.

Balanço minha cabeça em negativa.

Ele sorri e também não é bonito.

— Você fica com medo quando chamo seu blefe, *Mulher Willow*?

Empurro minha cadeira para trás e os pés gritam contra os azulejos.

Sebastian estende a mão e seus olhos não revelam nada. Estendo a mão e coloco minha mão na dele, ele me leva até a piscina. Estou descalça, porque deixei minhas sandálias sob a mesa. A grama entre as áreas de azulejos parece fria e macia sob meus pés.

Gregory se vira para nos observar, ainda fumando, casual, mas outra coisa também. Algo mais sombrio que não havia notado antes. Eu puxo de volta, mas Sebastian me puxa em seu peito.

— Não se preocupe agora, *Mulher Willow*. — Diz ele, beijando minha boca.

Coloco minhas mãos no peito dele para empurrá-lo, mas ele cobre minha nuca com uma mão e não me libera de seu beijo, embora não use sua língua, não agora.

Mas então sinto sua outra mão nas minhas costas, sinto ele abrindo meu vestido. Ainda está me beijando, quando empurra as alças dos meus ombros e para baixo dos meus braços para que fique nua da cintura para cima.

Eu recuo, olho para Gregory, cujos olhos estão fixos em mim.

— O que você está fazendo? — Pergunto a Sebastian, minha voz mais baixa, minha garganta de repente seca.

Em resposta, ele me beija novamente, beija minha bochecha, depois minha boca e empurra o vestido para que eu fique apenas de calcinha.

— Sebastian. — Empurro contra ele, mas sem sucesso.

— Você quer meu irmão?

Balanço a cabeça e olho para trás, mas Gregory não se moveu e seus olhos escuros estão fixos em mim. Em nós.

Ele vai me compartilhar?

Ele vai me dar ao seu irmão?

Os olhos de Sebastian se estreitam e este ponto é dele. Ele sabe tão bem quanto eu.

— Você fez o seu ponto. Pare. — Digo.

Mas ele não faz.

Em vez disso, me vira de modo que minhas costas estão para ele e estou de frente para Gregory. Ele desliza sua grande mão na frente da minha calcinha e cobre minha boceta enquanto os dedos da outra mão encontram meu mamilo e aperta.

Os olhos de Gregory se ficam nos meus e não consigo desviar o olhar. Não posso desviar o olhar, enquanto ele me observa nessa posição vulnerável.

— Você está molhada, Helena. — Sebastian sussurra no meu ouvido.

Sinto sua ereção atrás de mim e daqui, posso ver que Gregory está excitado também. Há um momento em que me pergunto se ambos me terão imediatamente. Isso me excita tanto quanto me apavora. E isso, Sebastian deixando seu irmão me observar, sei que é uma armadilha, mas também minha punição.

Todo o tempo, Sebastian está me trabalhando devagar. Ele deve me sentir quando estou perto e recua. Sua boca está no meu pescoço, me beijando e como uma criança que fecha os olhos quando ela quer se esconder, evitando olhar para Gregory.

Mas então ele se move e me viro para vê-lo sentado na cadeira, pernas largas, coxas poderosas e está apagando o cigarro.

Ele se levanta e vem, ficando centímetros de mim. Seu pau está duro, como uma vara lutando contra seu jeans. Engulo quando Sebastian puxa a mão da minha calcinha, deixando-me insatisfeita e deixando uma trilha molhada em toda minha barriga.

O olhar de Gregory desliza pela minha barriga e pressiono contra Sebastian. Sebastian pega meus pulsos e os segura ao meu lado quando Gregory estende a mão e me toca, passa as unhas de uma mão sobre meu peito, seu olhar nunca deixa o meu enquanto desliza a mão dentro da minha calcinha, onde Sebastian estava.

— Pare. — Eu digo.

Seus dedos parecem estranhos. Rude.

Eu me contorço de um jeito e de outro, mas Sebastian me segura apertado. Gregory está esfregando minha boceta, trabalhando meu clitóris e não quero isso. Não.

Deus, eu não sei.

E mesmo quando nego isso, sinto a tensão aumentando, sinto meu corpo se preparando. Eu vou gozar. Mais um segundo e gozarei. Esse som, sou eu e minha respiração muito alta nesta noite quieta.

— Chega. — Sebastian diz atrás de mim.

Encontro os olhos de Gregory novamente quando ele para, afasta a mão de dentro da minha calcinha e esfrega meus próprios sucos em toda a minha barriga, assim como seu irmão fez.

Ele então se vira e vai embora, caminha de volta para o pátio, serve um uísque e se senta.

Ele nos observa enquanto Sebastian me empurra de joelhos e se ajoelha atrás de mim. Ele move seu aperto, arrastando meus braços na minha frente, pegando os dois pulsos em uma das mãos e com a outra, virando meu rosto para que possa vê-lo pelo canto do olho.

— Não é o que você queria?

Afasto meu rosto. Ele empurra minha calcinha para baixo e o ouço abrir o zíper de seu jeans. Um momento depois, ele está dentro de mim, empurrando uma vez, duas vezes antes de sair.

— Você está pingando. — Ele sussurra em meu ouvido e o sinto apertar minha bunda, deslizar os dedos entre as minhas bochechas e o dedo na minha boceta. Ele então desliza os dedos na minha bunda e esfrega.

— Sebastian. — Digo, entendendo sua intenção. Incapaz de afastar os olhos do contorno de onde Gregory está sentado, nos observando. — Eu não quis dizer...

Ele empurra um dedo dentro da minha bunda e suspiro. Ele me mantém lá e me puxa para mais perto, então minhas costas estão planas no peito dele.

— Você é minha, Helena. *Minha.*

Ele puxa o dedo para fora e me empurra para frente soltando meus pulsos, então estou nas minhas mãos e joelhos. Ele empurra seu pau em minha boceta novamente, uma vez, duas vezes e depois sai. Sinto-o no meu buraco de trás.

Ele agarra meu quadril com uma mão enquanto move a outra para o meu clitóris. Grito quando empurra contra mim, contra a minha bunda, com seu pau muito grosso e muito grande.

— Eu não posso. Você não pode... — Tento rastejar para longe, mas os dedos dele cravam no meu quadril.

— Eu posso. E se relaxar, será mais fácil.

— Por favor, não faça isso.

Ele se afasta, esfrega meu clitóris e não sei se odeio a mim mesma ou a ele, porque vou gozar. Depois dessa humilhação, vou gozar. Ele sabe disso e eu sei, não há nada que possa fazer para impedir e Gregory ainda está sentado lá nos observando, tomando sua bebida e apenas nos observando.

Quando isso acontece, quando gozo, ele empurra na minha bunda. Dói e estou gozando de uma só vez.

É como cair de um orgasmo para o outro, as sensações se sobrepõem, êxtase e dor, repetindo-se, repetindo-se como um padrão de estrangulamento, sufocando punhaladas nas minhas paredes enquanto

ele penetra mais fundo, tomando mais de mim, reivindicando mais. Tomando mais enquanto o orgasmo balança meu corpo.

Ele me puxa para cima, de costas para frente e está todo dentro de mim. Posso sentir cada centímetro dele. Envolve uma mão na minha garganta e a outra está cobrindo minha boceta.

— Minha, Helena. Cada parte de você é minha. — Diz ele, fodendo minha bunda em estocadas rápidas, profundas e punitivas, me esfregando novamente até que eu goze e ele esteja gozando também. Seu irmão ainda está olhando e Sebastian está me enchendo, me segurando, me apertando e repetindo essa palavra uma e outra vez, até que eu saiba que sou dele.

Apenas dele.

13

Helena

Ele não me leva para sua cama naquela noite. Em vez disso, me leva para meu quarto e me coloca na cama de bruços. Vai ao banheiro e volta um momento depois com uma toalha. Quando percebo o que quer fazer, seguro seu pulso e tento me levantar.

— Eu posso fazer isso.

— Deite-se de novo.

— Por favor.

Ele levanta uma sobrancelha. Deito novamente e viro o rosto para o lado, enterro-o nos lençóis quando ele me puxa para me limpar, limpar seu esperma saindo de mim.

Ele é tão gentil e é tão humilhante, mais do que o ato em si e mais do que seu irmão assistindo. Ele não fala uma palavra quando faz isso.

Quando termina, desaparece no banheiro. A água continua e volta alguns minutos depois.

Sento na cama, puxo meus joelhos para perto.

— Porque você fez isso? — Não posso olhar para ele.

— Qual parte? A que deixei meu irmão tocá-la? Quando comi sua bunda? Ou a que o deixei assistir?

Balanço a cabeça e viro meu rosto para as janelas porque vou chorar de novo e não posso mais. Não posso deixar que ele me veja chorar de novo. Veja quão facilmente me machuca.

Machuca.

Por que isso me machuca? Fere?

— Qual parte, Helena?

Eu solto um suspiro.

— Nenhuma parte. — Viro para olhar para ele. — Estou cansada.

— Então a deixarei dormir. Você descerá para o café da manhã às nove da manhã de amanhã e terá uma mala de viagem pronta para ser levada diretamente depois.

— Para onde vamos?

— Eu tenho que ir para Verona e estou levando você comigo. Boa noite, Helena.

Ele usa a porta de ligação entre os nossos quartos, que fecha, mas não tranca.

Eu puxo os cobertores de volta, não tendo a energia para me levantar, colocar uma camisola ou qualquer coisa. Deslizo por baixo deles, viro as costas para a porta e olho o céu noturno pelas janelas abertas. Puxo os cobertores até meu queixo e tento pensar em qualquer outra coisa, menos no que acabou de acontecer, porque não posso pensar nisso agora. Não posso analisar. Estou com muito medo do que encontrarei.



Na manhã seguinte, acordo com o som e o cheiro da chuva.

Abro meus olhos e empurro as cobertas para trás. Quando me sento, lembro-me do que fizemos ontem à noite. Como ele me teve. Como Gregory me tocou e como ele assistiu.

Estou com vergonha, excitada e deus, nem sei. É confuso e quase esmagador, tudo isso.

Mas não posso deixar que ele me domine. Não posso deixá-lo, porque não posso enfraquecer. É isso que ele quer? Enfraquecer-me para me quebrar? Ele me disse isso, certo? Este é um jogo. E para cada jogo, para que haja um vencedor, precisa haver um perdedor.

Não tenho dúvidas que Sebastian ganhará.

Verifico o relógio que alguém colocou aqui há alguns dias e são oito e meia. Eu me levanto, ando até a janela. O céu está escuro com nuvens até onde posso ver. Odeio a chuva, odeio a escuridão que vem com ela. Sempre odiei. Mas hoje, cabe no meu humor e neste lugar.

Entro no banheiro para tomar um banho e escolho outro vestido, um vestido de algodão rosa-claro quase na altura do joelho, com mangas curtas, botões na frente e apertado na cintura. Pego uma blusa e escolho um par de sandálias brancas e planas. A cor é bonita e combina com o meu cabelo, que eu prendo em um coque bagunçado no topo da minha cabeça, para que não molhe a parte de trás do vestido enquanto seca.

Coloco algumas coisas na cama para levar comigo, mas não tenho uma mala para arrumar as roupas, então deixo e vou para o café da manhã alguns minutos antes das nove.

Sebastian faz questão de verificar o relógio quando chego. A família já está reunida, todos menos Ethan, tomando o café da manhã.

— Bom dia. — Diz Sebastian.

Limpo minha garganta e fico aliviada quando minha voz não se rompe quando respondo.

— Bom dia. — Não é necessariamente bom.

— Dormiu bem? — Ele continua. Posso sentir o foco de todos em mim e quero olhar para cada um deles e mostrar que não sou covarde, mas não posso.

— Tudo bem. — Digo com firmeza.

Seus olhos estão me observando. Ele está me mantendo enraizada no local, não me dispensando para pegar meu café da manhã, porque pode. Porque quer que eu saiba que ele pode.

Eu já sei disso, no entanto.

Eu sei que ele tem poder sobre todos os aspectos da minha vida e sinto uma onda de tristeza com o pensamento.

O que achei? Que isso seria diferente? Quantos dias estive aqui? E olhe para mim. Que idiota por pensar que poderia vencê-lo. Vencê-los.

— Pegue seu café da manhã. — Diz ele, finalmente me dispensando.

É na hora certa, porque quando me viro, posso fingir que estou coçando minha bochecha e enxugo uma lágrima equivocada.

Eu não estou com fome. Não acho que conseguirei passar qualquer coisa pela garganta se tentar, mas encho um prato e sirvo-me uma xícara

de café. Renuncio ao creme, porque simplesmente não consigo pensar nesta manhã.

Seus olhos estão em mim e me pergunto se eles falam quando não estou lá ou se realmente se odeiam. Eu tomo meu lugar, o mesmo da noite passada. Meus sapatos ainda estão lá. Não preciso olhar para piscina para saber que a pilha encharcada de um vestido e calcinha é minha.

Ele fez isso de propósito? Mais humilhação? A noite passada não foi suficiente?

Pretendo me ocupar com o café da manhã e gerenciar uma garfada de ovos mexidos, mas é como se estivesse engolindo pedras.

— Eu desci para o meu banho matinal antes desta chuva miserável. Não gostei de ver sua roupa íntima suja na piscina, *Mulher Willow*. — Lucinda insulta, mordendo alto em um pedaço de torrada.

Aperto meu garfo, me perguntando se usaria isso para esfaqueá-la nos olhos antes que alguém me impedisse. Valeria a pena uma rodada no poste do chicote.

Eu como mais uma vez.

— Espero que você não tenha nadando nua. Isso é nojento.

Respiro fundo e giro minha cabeça em sua direção.

— Na verdade, não estava nadando. Estava sendo fodida. Algo que você pode considerar fazer. Claro, se puder encontrar alguém disposto a tocá-la. Pode fazer com que seja menos puta.

Seu rosto fica vermelho e um sorriso genuíno estica meus lábios. Volto para meu prato e corto duas panquecas. Vejo Sebastian endireitar e cobrir a boca com um guardanapo, mas posso ouvir sua risada.

Lucinda bate com o punho na mesa.

— Você permitirá isso?

Olho no momento errado, porque os olhos de Gregory são os que encontro e sinto meu rosto esquentar, ficando vermelho.

— Você perguntou, Lucinda. Ela estava apenas esclarecendo. E em defesa de Helena, é minha culpa que as roupas ainda estão lá. Ela não podia andar depois da foda, podia? — Ele toca minha mão com as pontas de dois dedos.

Olho para os dedos dele em mim, levo o olhar para o rosto dele para absorver o sorriso satisfeito.

— Não. Você é *tão* satisfatório. — Eu digo.

É Gregory que ri, uma risada curta dessa vez.

Lucinda empurra a cadeira para trás e vem em minha direção. Por um momento, me pergunto se ela vai me dar um tapa.

— Lucinda. — A voz de Sebastian é um comando rápido e ela, notavelmente obedece, parando a poucos passos de mim.

Encontro seu olhar, incapaz de evitar o pequeno brilho de vitória que sinto.

— Você pagará por isso, *Mulher Willow*. Sou paciente, mas terei a minha vez.

É preciso tudo o que tenho para manter minha expressão neutra, mas sei que ela é sincera. Terá sua vez comigo. Ela se afasta um momento depois. Sebastian se inclina para trás em sua cadeira, seus olhos queimando um buraco através de mim.

— Você me deve um ponto. — Diz ele, terminando o último gole de seu café. — Já arrumou sua mala?

— Eu não tenho uma mala, então coloquei as coisas que quero levar na cama.

Ele acena e chama uma das empregadas, diz a ela para arrumar minhas coisas em sua mala. Está quieto enquanto forço o resto do meu café da manhã para baixo.

— Um conselho. — Diz Gregory e sou forçada a olhar para ele. Tudo o que posso pensar é como olhou para mim na noite passada. Em como me tocou e nos assistiu. Viu-me gozar. — Não provoque minha mãe. Ela não tem nada melhor para fazer do que odiá-la.

— É esperado que apenas sente aqui e seja humilhada? De manhã e à noite?

— Você é a *Mulher Willow*. — Diz ele.

— Não me importo com o que você faz comigo. O que ela faz comigo. Não posso e não vou apenas aceitar. Não sou esse tipo de *Mulher Willow*.

— Você será este tipo de *Mulher Willow* no final. — Diz ele.

Eu toco o anel de osso no meu dedo e tento ser forte. Tento ter um pouquinho da força da minha tia Helena. Mas eles estão me esgotando. Lenta e seguramente, me rebaixando até o osso nu. Pergunto se eles farão um ponto me matando.

Um prêmio.

— Acabou? — Sebastian pergunta.

Acho que estou olhando para Gregory, processando suas palavras. Lembro-me de Sebastian dizendo: *Tenha cuidado com meu irmão, Helena. Ele não é o que você pensa. Na verdade, é tão perverso quanto o restante de nós.*

Um arrepio me faz estremecer.

Coloco meu garfo e faca em uma diagonal no meu prato e me viro para Sebastian. Ele está me observando com seus olhos escuros e juro que sabe todos os pensamentos em minha mente. Ele conhece todas as minhas fraquezas.

— Sim.

Ele se levanta e puxa minha cadeira. Estou surpresa com a polidez.

— Sairemos em quinze minutos. — Diz ele e desaparece na casa.

Eu vou debaixo da mesa para pegar minhas sandálias abandonadas da noite passada e vou para piscina pegar minhas roupas, antes de voltar para a casa, encharcada. Mas antes de passar por ele, Gregory agarra meu pulso e me para. Olha para mim de seu assento, deixa seu olhar me percorrer antes de me olhar nos olhos.

— Quero dizer isso. Tenha cuidado com minha mãe.

Eu engulo.

— Não tenho medo dela.

Tento me soltar, mas ele se levanta me mantendo perto e machucando meu pulso. Estamos tão perto, tenho que esticar o pescoço para olhar para ele.

— E quanto a mim? Tem medo de mim?

Acho que não estava esperando isso, acho que dei a ele a reação que queria. Aquele olhar de cervo nos faróis.

Ele me dá um sorriso, então me solta e entra. Quando estou sozinha, afundo-me na cadeira mais próxima, porque meus joelhos cederam. Pensei por um segundo na noite passada que Gregory viria em meu socorro? Sim.

Pensei por uma fração de segundo. Mas tenho que lembrar que ninguém virá em meu socorro.

Ninguém além de mim.

14

Sebastian

Eu não me importo com a chuva. Gosto disso. É uma boa mudança de ritmo.

O caminho para Verona leva vinte minutos a mais do que os quinze minutos normais, pois os idiotas não sabem dirigir na chuva, mas nosso hotel está seco e nossa suíte tem uma excelente vista da cidade.

Estou desfazendo algumas coisas da nossa mala durante a noite quando Helena sai do banheiro secando o rosto. Ela olha ao redor e me pergunto se percebe a falta de telefones. Certifiquei-me que fossem removidos antes de chegarmos.

Ela está mais quieta do que o normal esta manhã. Espero que seja por causa da noite passada e acho que esse era o meu ponto. Trazê-la para baixo.

Ela se senta na beirada da cama como se estivesse exausta.

— O que estamos fazendo aqui?

— Tenho uma reunião esta tarde e pensei que você gostaria de sair da ilha pelo menos por uma noite.

Olha ao redor e recua um pouco na cama. Ela tirou o suéter. Quando afasta o cabelo dos olhos, percebo os hematomas se formando em seu pulso. Ela segue meu olhar. Ela deve tê-los notado antes, porque fecha a mão sobre o pulso e esfrega.

— Não posso dizer quem deixa mais marcas, posso?

Posso ver que ela está no limite.

— Eu não posso. — Ela continua. — Você. Seu irmão. Sua madrasta. Tudo o que sei, é que é como jogar um jogo. Sou o saco de pancadas e todos vocês apenas se revezam, um após o outro, apenas batendo em mim enquanto vocês têm um grande momento.

Eu seguro o braço dela para olhar para o pulso.

— Gregory?

Ela não responde, mas eu sei.

— Quando ele tocou em você?

— Você quer dizer, depois que permitiu que ele tocasse ontem à noite? Depois de me oferecer a ele na noite passada? Depois de deixá-lo assistir?

Eu olho para ela e sei que tenho que me controlar. Vejo tudo em seu rosto. Ela mal consegue segurar isso.

— Quando, Helena?

— Esta manhã. Depois que você saiu.

— Você o provocou?

— Provocá-lo? — Ela puxa o braço para trás. — Eu não fiz. Mas mesmo se fizesse, em sua família, se uma garota provocasse um de vocês, ela ganharia as contusões? Isto é culpa dela?

— O que aconteceu?

— Então, deixe-me ter certeza que entendo. — Ela continua. — Pela sua lógica, se uma mulher está andando na rua à noite, será culpa se for atacada? Ou essas regras se apenas aplicam às desafortunadas *Mulheres Willow*?

Respiro longa e lentamente e conto até dez.

— Ele não tem o direito de tocá-la.

— Claro que ele tem. Você deixou, lembra? Você o *convidou* para me tocar.

— A noite passada foi diferente.

— Porque *você* estava me colocando no meu lugar. Ele não. Isso é com você? Apenas você pode me punir? Machucar-me?

— Seja cuidadosa.

— Você gosta de me machucar. Já disse isso.

Ela olha para baixo, começa a empurrar uma cutícula. Vejo sua testa franzida e leva um minuto para alisá-la novamente.

— Eu sei que você não é meu amigo, sei que não é meu aliado, mesmo que diga que é, mas mesmo quando me machuca, sei que não irá realmente me machucar. — Ela se levanta, coloca a mão na testa e atravessa o quarto. — Deus, isso é estúpido. — Ela se vira para mim e a delicada pele ao redor dos olhos está vermelha. — Eu acho que não sou um desafio tanto quanto você pensou, hein? — Sua voz se quebra e ela enxuga as lágrimas dos olhos.

Eu vou até ela, seguro seus pulsos, puxo as mãos do rosto dela.

— Helena...

Ela bate meus braços para longe, anda para trás. Seus olhos são ferozes através das lágrimas.

— Você não quer dizer *Mulher Willow*?

Eu seguro seus braços e a empurro contra parede. Ela não luta comigo.

— Eu acho que a parte mais difícil, é que não entendo por que uma parte idiota de mim continua pensando ou esperando que você me salve, mesmo quando sei que não irá. — Ela diz.

Ela está desmoronando e tudo que posso fazer é observá-la. Fico parado, mudo, olhando-a. Porque o que posso dizer a ela?

— Você gosta disso, certo? Quando choro? — Ela continua.

— Assim não. — Eu toco seu rosto, seguro nas minhas mãos. Sinto que estou sempre limpando as lágrimas dos olhos dela. Inclino e a beijo, segurando-a, apenas a beijando, tentando puxá-la para mim.

Ela faz um som, tenta se afastar, mas a beijo mais forte.

— Pare. — Diz ela quando recuo, quando abro os botões de cima do vestido e puxo pela cabeça. — Pare. — Ela me empurra para longe.

— Shh, deixe-me cuidar de você, Helena.

Ela balança a cabeça, mas é um esforço fraco. Quando chego atrás dela para soltar o sutiã, sua luta é meio desanimada.

— É como você disse. — Diz ela quando puxo as alças dos braços e me levanto para olhar para ela. — Meu corpo quer isso. Você estava certo. Continua ganhando, continua colecionando os pontos.

— Sem pontos. — Seguro seu rosto em minhas mãos novamente, inclino-a e a faço olhar para mim. — Não esta noite. Não aqui, ok?

Eu a beijo novamente, em seguida levanto-a em meus braços, deito-a na cama e puxo sua calcinha antes de tirar minhas próprias roupas. Mantendo a maior parte do meu peso nos antebraços, deslizo para dentro

dela, observando-a me sentir, tão perto dela que não é possível me aproximar mais.

Ela abre a boca um pouco mais e sua respiração para quando a estico.

— Porra, Helena. Você é tão gostosa. Demais.

Eu apenas a fodi até agora, mas isso, estar dentro dela agora, quente, apertado e seguro, é diferente. É lento e profundo e tão perto de fazer amor como nunca ou alguma vez farei novamente.

Eu nunca fiz amor antes. Nunca quis, nunca quis estar tão perto de ninguém. Mas agora, com ela assim, vulnerável e quebrando um pouco diante dos meus olhos, quero fazer amor com ela.

— Sebastian...

— Shh. Apenas você e eu. Aqui. Agora. Nenhuma filha de Willow. Nenhum filho de Scafoni. Apenas você e eu.

Ela olha para mim e beijo sua boca novamente. Ela é tão suave e tão doce quando não está lutando comigo. Sei que ela também quer isso, sei que quer assim, quem sejamos apagados. O passado ausente. Apenas nós.

Eu beijo sua bochecha, seu queixo, sua garganta, aquele delicado vazio entre a clavícula. Suas mãos estão em mim, nos meus ombros, depois no meu cabelo. Suas pernas envolvem meus quadris quando levo meu rosto para o dela, observando-a enquanto me movo profundo e devagar. Ela está molhada e apertada e porra, amo estar dentro dela.

Segurando uma de suas pernas, abro-a, dobrando-a no joelho para que possa vê-la, vê-la me tomar e vou mais fundo ainda porque não consigo me aprofundar o suficiente com ela. Não posso chegar perto o suficiente.

— Eu vou gozar. — Ela sussurra contra a minha boca, fechando os olhos.

— Olhe para mim. Quero ver, quero ver você gozar assim.

Ela abre os olhos. Suas mãos estão em cada lado do meu rosto e a estou fodendo profundamente, cada impulso mais perto de seu centro, cada impulso nos unindo e ela não goza como faz quando a fodo duro. Isso é diferente, uma construção gradual da tensão, uma onda, não, um tsunami. Eu a observo, vejo como seus olhos ficam suaves, seu rosto, observo-a enquanto a sinto apertando meu pau. Ouça o suspiro de sua respiração. É preciso tudo que tenho para não gozar também, não esvaziar dentro dela.

Levantando-a, mudo de posição, então estou sentado na cabeceira da cama e ela está sentada no meu colo. Nossos olhos travam. Eu aperto o cabelo dela, puxo-a para mim, beijo-a antes de passar a mão para o quadril dela, movendo-a sobre mim.

Ela segura meus ombros e a observo quando a beijo. Preciso dela assim agora. Preciso de tudo dela. Meu pau na boceta dela, minha língua em sua boca, minhas mãos nela, segurando-a contra mim.

Porra.

Aperto seu cabelo e vou mais fundo.

Sou rude com ela e quando puxo a cabeça para trás, ela grita, gozando de novo, gozando mais forte do que antes, ordenhando meu pau enquanto a mantenho ali, sinto sua pulsação, sua boceta pulsando em meu pau, sua respiração quente na minha boca.

Eu a olho enquanto me esvazio dentro dela. Enquanto a abraço e apenas a observo, porque não consigo parar de querê-la.

A chuva cai lá fora. Seguro Helena na curva do meu braço. Ficamos calados por muito tempo enquanto ela descansa contra mim. Eu gosto, gosto dela assim. Gosto de nós assim.

— Eu sei porque você dorme no meu quarto. Porque toma banho lá. Sei que para você é mais seguro do que o seu. Sei que não é por minha causa.

Ela se desloca um pouco para olhar para mim.

— Mas você sabe o que faz à noite? — Pergunto.

Eu olho para ela. Não sei por que estou dizendo, mas olhando para ela assim, vendo o que vejo em seus olhos, preciso fazê-lo. Não tenho escolha.

— Você se enrola em mim. — Continuo. — Sempre. Não é que se segura em mim. Não. Você se enrola no meu peito, mas não se aquieta até que coloco meus braços ao seu redor e a envolvo.

Ela sorri, olha para o lado por um instante e depois se vira para mim.

— Você sabe o quão assustador isso soa? Que me olha dormir?

Eu olho para os olhos cor de meia-noite dela.

— Você tem os olhos mais bonitos e tristes que já vi.

Com isso, ela se afasta, mas não a deixo ir. Eu a seguro e ela enterra o rosto no meu ombro.

— Você não deveria falar comigo assim. — Diz ela.

— Por que não?

Ela vira a cabeça para encontrar meus olhos.

— Porque eu... — Ela para e pisca, franzindo a testa, em seguida, parece mudar de ideia. Sai do meu colo e puxa as cobertas até o peito. — Porque não importa o quê, Sebastian, você é um Scafoni e eu sou uma Willow. Nós não somos amigos. Somos inimigos. Você irá me destruir, centímetro por centímetro e é mais fácil... eu tenho uma chance... se te odiar. E isso, o que acabou de acontecer, você me tocando assim, falando assim comigo, como se eu não fosse apenas a *Mulher Willow*...

Seu lábio treme e lágrimas caem de seu rosto e uma cai no meu antebraço. Quase olho para longe dela para ver aquela gota deslizar sobre a minha pele. Quase.

— Como se você se importasse. — Diz ela.

Está quieta novamente, mas algo está se construindo dentro dela. Eu vejo isso. Sinto.

Ela balança a cabeça, sai da cama e a deixo ir. Leva o cobertor com ela, segura-o contra o peito, se escondendo de mim.

— Isso não pode acontecer novamente, Sebastian, porque não posso me importar com você.

15

Helena

Depois de jurar que nossa conversa não terminou, Sebastian partiu para seu encontro.

Estou sentada no quarto do hotel, observando o sol se envolver ao redor de uma nuvem furiosa, prometendo mais chuva por vir.

Ele saiu por várias horas. Estou surpresa que me deixou sem supervisão. Até me permitiu ir a qualquer lugar que quisesse, desde que estivesse dentro do hotel. Comer alguma coisa, comprar algo da boutique e simplesmente levar para o quarto.

Cristo, me sinto como uma criança. Eu não tenho um dólar para comprar uma xícara de café.

Eu olho ao redor do grande quarto e percebo que não há um telefone aqui, nem mesmo na mesa. Eu me levanto e reviro o quarto. Existem tomadas de telefone, mas nenhum telefone. Eu bufo, lembrando como no

nosso caminho até aqui, nós passamos por um carrinho de governanta. Eu notei os dois telefones com as cordas enroladas sobre eles, em cima de uma pilha de toalhas. Pensei que fosse estranho, mas não tinha realmente registrado até então, que ele provavelmente mandou o hotel remover os telefones antes de chegarmos.

Balanço a cabeça. Toda essa conversa doce, todo esse amor. Mais besteira Scafoni. Mas ele cometeu um erro, deixando-me aqui.

Ele tirou as coisas da mala da noite antes de sair. Eu vou ao armário e abro a porta. Como a aberração obsessiva que ele é, vejo que pendurou nossas coisas. Um terno para ele, um jeans e um vestido para mim. Nossos sapatos estão bem alinhados no chão, o meu ao lado do dele como se fôssemos apenas um casal normal. Como se estivéssemos aqui em uma fuga de amantes.

É isso que ele pensa que é? Está fingindo que é o que somos?

Coloco as mãos nos bolsos do terno e nos bolsos da calça, mas voltam vazias. Seus jeans, no entanto, contêm um maço de notas. Não é uma quantia enorme, cerca de noventa euros. Não o suficiente para fazer algo significativo, mas alguma coisa.

Não é como se ele tivesse colocado as notas no bolso. Talvez tenha feito isso quando paramos para gasolina, ele comprou uma xícara de café e eu uma garrafa de água. Eu pego o dinheiro, coloco a capa de chuva que Sebastian teve a presença de espírito de trazer para mim porque eu não embalei uma e desço a escada.

No saguão, vejo um telefone. Eu ando para ele, mas depois paro, lembrando que é o meio da noite em casa, não posso ligar ainda, mas vou. Não faço ideia do que direi, mas ligarei.

Eu desvio do restaurante e da loja de presentes e saio, hesitando na escada do hotel bonito, sabendo que estou quebrando as regras dele.

O que estou fazendo mesmo? Fugindo?

Balanço a cabeça e volto, até mesmo dou um passo para dentro da entrada do hotel, mas não consigo. Não posso simplesmente desistir.

E assim, sem pensar onde estou indo ou o que estou fazendo, se vou voltar antes que ele volte ou se estou desaparecendo, saio do hotel e entro na linda cidade sem ter nada muito profundo em pensamentos.

Uma coisa que não consigo parar de pensar é como sei que, não importa o que aconteça comigo, minhas irmãs continuarão essa tradição quando chegar sua vez. Elas vestirão suas filhas, minhas sobrinhas, naqueles mantos amarelados e apodrecendo, as colocarão naqueles horríveis blocos para serem examinadas, julgadas, tocadas pelo próximo bastardo Scafoni. Colocadas lá para ele fazer sua escolha. Como se não fôssemos humanas. Como se fôssemos animais.

Acho que nós somos, para eles.

Meus pensamentos voltam para o que aconteceu entre nós. Para ele conversando comigo como fez, me segurando como segurou. Fazendo amor comigo. Foi a única vez que fiz amor.

A primeira vez que fiz sexo, a única vez antes de Sebastian, o rapaz e eu tínhamos dezesseis. Crianças. Nenhum de nós sabia o que estávamos fazendo e a única razão pela qual fiz isso, foi porque precisava dele para rasgar aquela fina lasca de carne que me marcava como virgem.

Não foi bom. Na verdade, lembro-me que doeu, mas apertei os dentes e tentei bloquear a respiração ofegante e úmida no meu ouvido. Ele usou um preservativo e gozou rapidamente com um pequeno grunhido. Lembro-me de tê-lo tirado de mim assim que acabou.

É muito diferente com Sebastian. Eu quero sexo com Sebastian. E não é apenas o meu corpo me traindo, sou eu querendo estar perto dele.

E isso é o que mais me assusta.

Eu dou uma sacudida violenta da minha cabeça. É tão fora de lugar que as pessoas que passam por mim param e olham. Eu apenas encontro metade dos olhos deles, mas abraço o casaco para mim mesma e continuo andando.

Não posso pensar sobre isso. Não posso pensar nele fazendo amor comigo e me tocando gentilmente ou grosseiramente. Não consigo pensar no que ele disse, que me observa dormir, que me enrolo nele, que me protege. Abriga-me. Eu já sei disso e não posso ir para lá.

Mas novamente, talvez seja a minha dependência dele que torna isso tão estranho. Isso confunde meus sentimentos tão completamente.

Penso na minha tia Libby e me pergunto, pela primeira vez, se ela não ficou de coração partido quando voltou para casa. E se ela não se matou por sentir falta de seu mestre Scafoni. Porque talvez, seja isso que eles fazem. Talvez nos tornemos tão indefesas, tão dependentes deles que pensamos que os amamos.

Eu perambulo por um tempo, sem saber para onde estou indo e apenas percebo que estou fora do centro quando vejo que as ruas não estão tão ocupadas aqui e as lojas são locais, mercados, um dentista e um salão de beleza. Uma loja de antiguidades está tão cheia de objetos, que os rostos dos bonecos esmagados contra a janela me observam assustadoramente enquanto passo.

Quando a chuva recomeça, vou até uma das lojas e uso o dinheiro de Sebastian para comprar um guarda-chuva. E de volta para o lado de fora, vejo as pessoas correndo, algumas com guarda-chuvas gigantes, algumas em bicicletas e turistas arrastando suas malas enormes por ruas desniveladas e encharcadas pela chuva. Eu ouço suas queixas sobre o tempo e acho que deveriam ser gratos. São livres. Como nós tomamos a simples liberdade como garantida. Como eu fiz.

Um carro dirige muito rápido para passar o semáforo, espirrando água nas minhas pernas. Eu olho para cima, mentalmente amaldiçoo o motorista e percebo por que há tantas pessoas com malas ali.

Estou na estação de trem de Verona.

Quando a luz muda atravesso a rua, evitando as poças maiores e corro sob a cobertura do teto suspenso da estação, abaixando meu guarda-chuva e fechando-o antes de entrar. Está ocupado aqui e amontoado com pessoas esperando a chuva passar.

Coloco a mão no bolso, sentindo a pilha de notas e leio as tabelas do cronograma. Há um trem partindo para Roma em trinta minutos e um bilhete me custará sessenta e cinco euros.

Ando em direção ao balcão e até entro na fila. Mas há uma parte de mim que se pergunta o que estou fazendo. O que farei. Aonde vou? Para casa? Como? Com que dinheiro? Com que passaporte? Além disso, meus pais não me querem de volta. Dado o que descobri, não demoraria para eles me devolverem à família Scafoni.

A fila se move e é a minha vez. Eu tiro meu maço de notas emprestadas.

— Roma, por favor. Apenas de ida.

O que estou fazendo?

A mulher diz algo que não entendo entre o barulho ao meu redor, meus próprios pensamentos e seu sotaque, mas ela aponta para a tela mostrando a quantia que devo.

Empurro meu dinheiro para pequena bandeja sob o vidro. Alguns minutos depois, ela gira ao redor. Eu pego meu troco, meu bilhete e saio

da fila. Alguém esbarra em mim ou na verdade, esbarro nele porque não estou prestando atenção.

— Eu sinto muito.

O homem mal me olha de lado e continua falando em seu celular, correndo para o trem.

Eu vou para as catracas. Estou apenas seguindo os que estão à minha frente. Eu não tenho identificação. Sem passaporte. Não há nada. Apenas um pouco mais de vinte euros no bolso e minha passagem de trem.

Uma multidão de pessoas passa por mim. Eles estão em pânico, como se estivessem prestes a perder o trem e me afasto para deixá-los passar.

Eu tenho meia hora, então atravesso a estação até a cafeteria e peço um expresso no bar. Permaneço com os habitantes locais, pego a xícara minúscula de líquido preto grosso e tomo. Está muito forte. Tento novamente, mas coloco a xícara para baixo e olho para o valor debaixo do copo para o que devo. Coloco a mão no bolso e retiro o punhado de moedas da compra do guarda-chuva. Estou vasculhando-os, virando cada uma para ver qual o valor quando um braço desliza pela minha cintura.

Eu viro meu olhar para os dedos que me envolvem e não tenho certeza se estou surpresa. Eu olho para ele. Ele não está olhando para mim.

Antes que estendesse minhas moedas, Sebastian joga três no balcão e pega a passagem de trem ao lado da minha xícara de café. Eu o vejo ler e percebo que a batida do tambor é meu coração bombeando o sangue alto em meus ouvidos. Ele lê o bilhete, amassa em seu punho e coloca no bolso da jaqueta.

Quando finalmente olha para mim, seus olhos estão escuros. Ele não fala nem uma palavra e se há uma coisa que aprendi sobre ele, é que quando está realmente irritado, fica em silêncio. Ele está pensando. Planejando o melhor modo de ataque.

— Termine seu café.

— Eu... eu terminei.

Ele pega minha pequena xícara de expresso, entrega para mim. Minhas mãos tremem quando tiro isso dele. Não acho que pisco enquanto forço o café muito escuro.

Quando termino, ele assente, pega a xícara e coloca de volta no pires.

Espero sairmos imediatamente, mas não o fazemos. Estamos no bar, de costas para ele enquanto permanece com braço agora em minha frente, os dedos ainda segurando minha cintura. Ele está me observando e estou observando as pessoas se movendo ao nosso redor, a maioria correndo, alguns passeando, parando para tomar café, sentando em uma mesa para comer alguma coisa.

O barulho da estação desaparece no fundo, os anúncios, a chuva, a tagarelice. Sebastian respira fundo e me viro para ele.

— Eu não a entendo. — Diz ele.

Olho de volta para ele. Quero perguntar o que ele não entende. Quero perguntar como me encontrou. Quero perguntar o quanto está com raiva.

Não, não esse último. Posso ver isso. Está no aperto da mandíbula esculpida. No endurecimento de seus lábios cheios.

Lábios que me beijaram gentilmente e falaram docemente apenas algumas horas atrás.

Gentileza e doçura que rejeitei.

— Você prefere que eu seja rude com você? É isso? — Seus dedos cravam na minha pele. — Escolheu traçar uma linha entre nós?

— Não é uma escolha. Nada disso foi uma escolha para mim.

Seus olhos observam meu rosto, estreitam um pouco.

— Eu posso ser rude com você, se é isso que quer. — Diz ele em voz baixa. Calmamente. — O que você precisar.

Eu engulo. Sei o que significa isso.

Sem outra palavra, ele move seu aperto para a minha mão em punho, apertando com tanta força que minhas unhas cortam minha pele. Ele pega meu guarda-chuva, que esqueci e assim, não exatamente de mãos dadas,

saímos da estação e entramos na chuva, na fila dos táxis que esperam. Ele abre a porta de trás do primeiro e gesticula para eu entrar. Eu faço. Ele segue e dá ao motorista um endereço em italiano.

Cerca de dez minutos depois, dez minutos em que ele não fala uma única palavra, dez minutos em que sinto sua raiva pulsando como uma entidade separada no carro, chegamos a uma loja. Parece sapatos masculinos.

Ele dá ao motorista algumas instruções antes de abrir a porta do táxi, sem se incomodar com o guarda-chuva enquanto me arrasta para fora com ele. Ao longe, posso ver o céu azul, mas aqui a chuva está caindo.

Um sino soa sobre a porta enquanto entramos, música de ópera tocando suavemente, o cheiro fraco de um charuto que foi fumado recentemente filtrado por couro e colônia cara. O homem mais velho que está lendo o jornal atrás de sua mesa olha para Sebastian, sorri em reconhecimento e fica em pé.

Sebastian fala algumas palavras para ele. Seu tom é curto.

O sorriso do homem se transforma em um aceno de cabeça e um rápido olhar para mim. Ele desaparece atrás de uma cortina.

Sebastian ainda está apertando meu punho e sua mão está quente.

Poucos minutos depois, o homem reaparece com um fino cordão de couro de quase um metro de comprimento. Sebastian solta minha mão, pega, envolve em seu punho e testa sua resistência.

Quando olho para o velho, ele rapidamente desvia o olhar. Sebastian diz alguma coisa para ele, guarda o cordão no bolso, lhe entrega algumas notas e alguns minutos depois, voltamos ao táxi e para o centro de Verona em nosso hotel. Quando chegamos, a chuva transformou-se em uma garoa, mas a cidade está encharcada, até a luz do sol é um amarelo úmido.

Sebastian paga o motorista. Nós deixamos o guarda-chuva quando voltamos para o hotel e na recepção, ele pede a chave. Ainda usam as antiquadas que você deixa quando sai. Nós vamos para nossa suíte e uma vez lá dentro, ele finalmente me solta.

Eu me afasto, olho para os cortes que minhas unhas talharam na palma da minha mão, olho para ele.

— Você vai falar comigo?

Ele tira o terno, pendura, tira o couro do bolso e coloca-o na mesa ao lado da porta, junto com a chave do quarto com a borla vermelha pendurada.

— Tire o casaco e pendure-o.

Eu faço o que ele diz e penduro ao lado do dele. Ele me olha.

— Seus sapatos também.

Eu olho para baixo, escorrego os sapatos que deixaram um rastro de sujeira no quarto e imediatamente perco cinco centímetros.

— Vamos para o quarto.

— Por quê? — Sou cautelosa. Ele não vai simplesmente deixar isso passar.

— Porque eu disse.

Quando não me movo, ele vem até mim. Espero que segure meu braço e me faça ir. Mas ao invés disso, as pontas dos dedos dele são gentis nas minhas costas. Entro no quarto com ele.

Ele vai até o espelho de corpo inteiro na parede oposta, move uma cadeira para um grande espaço limpo e depois se vira para mim.

— Venha aqui.

Eu faço. Estou de costas para o espelho e de frente para ele. Ele olha para mim novamente, para os botões do meu vestido. Ainda parada quando ele começa a abri-los, um por um, tomando cuidado para não tocar minha pele quando faz.

— O que você fará? — Pergunto baixinho porque ele vai me punir. Eu sei que sim.

Ele encontra meus olhos, em seguida, volta a olhar para os botões, desabotoando cada um com cuidado, levando seu tempo até que o vestido esteja desabotoado logo abaixo da minha cintura. Ele abre um pouco, apenas o suficiente para vislumbrar o volume dos meus seios no sutiã de renda. Deixando-me lá, entra na sala e retorna com o cordão de couro.

— Eu preciso amarrar você?

Olho para ele, sem saber o que está planejando. Ele vai me amarrar com isso?

— O que você fará? — Pergunto novamente.

— Eu preciso amarrar você? — Ele repete.

Eu lentamente, insegura, digo que não.

— Bom.

Ele estende a mão, empurra o cabelo que a chuva colou na minha testa, olha para mim e por um minuto, me arrependo do que fiz. Arrependo de rejeitá-lo. Arrependo de fugir.

— Eu não ia entrar no trem. — Eu não iria. É verdade.

— Eu sei. — Ele toca minha bochecha como se estivesse limpando alguma coisa, então encontra meus olhos novamente. — Vire-se.

— Você não tem que me punir.

Mas ele o faz. E fará. Seu silêncio me diz isso.

— Por quê? — Pergunto. Sinto-me começar a tremer. Sinta o calor das lágrimas se formando atrás dos meus olhos.

— Vire-se, Helena. Faça como eu digo. É importante que faça o que digo.

Eu me viro devagar, então estou de frente para o espelho. Eu não olho para nós, não imediatamente. Em vez disso, olho para o reflexo da janela, vejo como as sombras estão crescendo por muito tempo à medida que a noite desce lentamente. Devo ter ficado fora por horas.

É quando sinto suas mãos em mim que o olho. Elas estão em meus ombros e ele os aperta, esfrega-os. Envolve suas grandes mãos ao redor deles. Quero me inclinar para ele, quero pegar de volta o que eu disse e me inclinar em seu peito poderoso e deixá-lo me abraçar. Não me castigar.

Mas seus dedos seguram meu vestido aberto e devagar, gentilmente, com tanto cuidado, arrastam-no sobre meus ombros, não para fora, apenas na metade dos meus braços. Ele faz o mesmo com as alças do meu sutiã. Suas mãos queimam minha pele enquanto pega meu cabelo e levanta a massa para colocá-lo no meu ombro antes de beijá-lo.

Seus lábios são macios contra a minha pele.

— Você é perfeita. — Ele diz ao meu reflexo.

Eu viro minha cabeça, meu rosto quase toca o dele. A pele do maxilar é áspera. Ele é quente. Eu quase me viro, mas ele deve sentir isso e balança a cabeça um pouco. Suas mãos estão em meus braços, esfregando-os.

— Eu vou punir você, Helena.

Minhas lágrimas começam a cair como a chuva da tarde.

Aceno com a cabeça. Sei que ele vai me punir. E sei que será ruim. Não como antes. Não é como quando ele usou o cinto. Isso será pior, porque significa mais agora.

— E não quero que você me enfrente. Não quero amarrar você. É importante.

Aceno de novo, estupidamente e as mãos dele chegam ao topo dos meus ombros. Ele coloca um pouco de pressão sobre eles.

— Ajoelhe-se.

Há um momento de pânico, mas ele está atrás de mim, pressionando contra mim, braços ao meu redor me segurando para ele. Uma mão cobre um dos seios e aperta, pesa, enquanto a outra desliza sob o vestido, as pontas dos dedos deslizando em minha calcinha, apenas tocando meu clitóris. Eu olho pelo espelho, meus lábios entreabertos.

É assim que pareço quando o desejo.

— Ajoelhe-se, Helena.

Eu concordo. Não quero decepcioná-lo.

Ele tira a mão da minha calcinha. Está de volta no meu ombro e me ajoelho. Ele coloca meu cabelo novamente sobre meu ombro para expor minhas costas, empurrando minha cabeça para frente um pouco, então estou de joelhos e com a cabeça inclinada, como um penitente buscando perdão diante de um deus.

Ele beija meu ombro novamente, empurra o vestido um pouco mais para baixo nos meus braços, me arrumando. Preparando. E quando ele se endireita e liga a televisão em um canal aleatório, o volume aumenta, sei o que fará. Eu sei exatamente porque ele comprou aquele cordão. Por que o velho olhou para mim como fez.

Eu sei.

16

Sebastian

Ela é linda.

Perfeita.

Sua pele é imaculada, sem marcas. Cabelo preto, a cachoeira mais escura, menos aquela mecha rebelde e prateada. Selvagem e desafiante, como ela.

Toda aquela perfeição, toda aquela pele imaculada, me faz querer marcá-la, marcar meu nome nela, queimá-la na parte de trás do pescoço. Ouvi-la gritar. Saber que ela é minha.

Mesmo a parte de baixo de seus pequenos pés, sua vulnerabilidade enquanto se ajoelha diante de mim, dedos dos pés enrolados sob ela esperando por sua punição, minha pequena penitente, até aqueles pés me fazem querer marcar. Tatuar. Possuir.

Eu engulo, pego o couro, enrolo em meu punho uma vez, duas vezes. Meu pau está duro e vou transar com ela quando terminar. Fodê-la por trás enquanto observo seu rosto no espelho. Enquanto a encho.

Bastardo doente.

Sorrio com essa voz.

Sim, eu sou.

— Não se vire. — Posso querer suas lágrimas, mas não quero marcar seu lindo rosto.

Ela faz um som pequeno e nervoso, dá um aceno de compreensão. Está olhando para baixo, não para mim, não para nós. Não quando estamos assim.

Eu me movo um pouco para o lado e olho a parte mais larga de seus ombros. Ela treme um pouco enquanto espera. Gostaria de poder colocar a mão em sua calcinha, sentir se a antecipação a deixa tão molhada quanto me deixa duro. Deveria fazê-la se tocar enquanto a castigo. Talvez vá. Mas ainda não. Dor primeiro.

O som do primeiro chicote é o mais doce, o melhor fio de couro perfeito queimando uma linha em sua pele. Danificando. Interrompendo toda aquela beleza perfeita.

Quando ela ofega, é ainda mais doce.

Seu corpo balança para frente e ela se segura, as mãos no chão na frente dela. O vestido desliza dos braços para baixo, até a cintura, junto com as alças do sutiã, mostrando a parte de cima dos mamilos duros.

Seus olhos encontram os meus no espelho. Pergunto o que pareço para ela. Enorme como estou sobre ela, segurando o chicote na minha mão, pau duro como aço pressionando contra minha calça, meu corpo tenso e apertado.

A pele ao redor dos olhos escuros está vermelha de tanto chorar. Sua boca é um pequeno *O*, mas ela não pode se surpreender.

Gesticulo para ela voltar para posição. Ela faz, inclinando a cabeça levemente, as pequenas mãos em punho em suas coxas, seu corpo mais tenso que o meu.

A segunda chicotada se alinha perfeitamente sob a primeira e desta vez, quando o corpo dela se inclina para frente, ela grita, como se o golpe tivesse empurrado o ar de seus pulmões.

Observo aquela linha vermelha, fina e ardente, atravessando até as costas de seus braços, na dobra de sua axila.

Eu deveria fazê-la levantar os braços para cima, chicotear a parte de baixo. Outra hora. Outra chicotada e ela está em suas mãos e joelhos.

— Quantas? — Ela pergunta. Gotas de suor na testa.

— De volta à posição. — Posso bater nas solas de seus pés ainda.

— Eu não ia entrar no trem. — Ela tenta novamente.

— Isso não é sobre o trem. — Não é. É sobre tudo. É puni-la por desobedecer, por pegar o dinheiro que deixei, por falhar no meu teste, por provar que estou certo.

Mas também é sobre submissão. É sobre ela ser a *Mulher Willow. Minha Mulher Willow.*

Meu punho aperta em volta do couro.

— De volta à posição. Agora.

Ela limpa as costas da mão sobre os olhos e desta vez, quando está de volta à posição, as mãos estão fechadas ao redor das coxas, os nós dos dedos brancos, os ombros tensos. Ela aperta os olhos quando preparo meu braço.

Este golpe é mais duro. Ela solta um grito e amaldiçoo o fato de estarmos aqui neste hotel, que preciso ligar a televisão. Que não posso ouvi-la gritar rompendo o silêncio perfeito.

Eu a ataco de novo, de novo e de novo, até que conto dez linhas, não uma única cruzando a outra, cada uma colocada perfeitamente, ordenadamente, obedientemente, abaixo da última. Helena está apoiada em um braço, metade em suas mãos e joelhos, respirando com dificuldade, tentando manter sua posição, falhando, mas orgulhosa demais para implorar por misericórdia.

Eu engulo, ajusto a virilha da minha calça. Seus olhos seguem o movimento e a raiva os enche. Porra, mas eu gosto dela assim.

— Você está excitado com isso. — Ela acusa.

— Ainda não, mas ficarei.

— Você é um bastardo sujo e doente.

Eu bufo. Fale sobre o pote chamando a chaleira de preto. Ela é tão suja quanto eu.

— Coloque sua mão dentro da sua calcinha.

Ela procura meus olhos, balança em pânico sua cabeça.

— Faça. Coloque sua mão dentro da sua calcinha e esfregue seu clitóris.

— Não.

Com um rápido movimento do meu pulso, chicoteio as solas dos seus pés. Ela ofega e grita ao mesmo tempo, instintivamente, alcança de volta para cobri-los.

Eu me agacho, aperto um punhado de cabelos e puxo.

— Eu disse, coloque a mão dentro da sua calcinha e esfregue seu clitóris.

Ela faz isso devagar, pescoço esticado em um ângulo estranho, olhos fixos nos meus. Vejo seu rosto, vejo seus dedos trabalhando na minha visão periférica.

— Você está molhada? — Pergunto, apertando minha mão em seu cabelo.

— Eu te odeio.

— Mas você está molhada? — Inclino mais perto, inalando profundamente. — Porque posso sentir o seu cheiro. — Eu alcanço a mão do chicote em sua calcinha e entre seus dedos, esfrego dentro de suas dobras. Sorrio. — Você é tão suja quanto eu, Helena. — Digo, afastando a mão a um centímetro do couro molhado.

Eu me levanto de volta.

Seus olhos seguem meu movimento no espelho. Ela ainda está esfregando sua boceta. Levanto meu braço e estalo o chicote nas costas dela. Ela resmunga, mas esfrega mais forte, seus olhos nos meus enquanto faço de novo, de novo e de novo.

Até que a totalidade de suas costas esteja marcada.

Perfeito, de uma maneira diferente agora.

Até que não aguento mais e aperto o braço dela, o que está esfregando sua boceta e a levanto.

Ela continua esfregando e sei que está perto. Eu deveria chicoteá-la até o orgasmo, mas não posso esperar. Pressiono contra o espelho, sua respiração embaçando instantaneamente, empurro sua calcinha para baixo. Ela ainda está esfregando e os sons molhados de sua boceta me deixam mais duro.

Empurro minha calça e cueca para baixo, levanto o vestido e dobro meus joelhos para ficar debaixo dela, o couro ainda ao redor do meu punho, quando a levanto e a empalo no meu pau.

Ela bate as duas mãos, uma delas molhada no espelho enquanto a fodo, nós estamos ofegantes, a respiração úmida e quente, sua boceta pingando, gananciosa ao meu redor, me sugando, apertando-me com força.

Dentro de momentos, ela está gozando e então estou gozando. Minha boca está pressionada contra o lado do rosto dela. Posso ouvi-la respirar, ouvi-la gozar e foder. Quero enchê-la e mantê-la cheia de mim, colocar minha semente dentro dela, fazê-la segurá-la lá, manter um pedaço de mim dentro dela porque com ela, eu posso nunca me cansar.

Não posso chegar perto o suficiente.

Fundo o suficiente.

Eu a seguro para mim enquanto saio, dou dois passos para trás e nos sentamos no chão. Estamos sem fôlego. Ela está embalada entre meus joelhos e abro os dela. Nós assistimos o nosso gozo combinando vazando de sua boceta, o som da TV, um comercial vendendo um creme milagroso

para o rosto, finalmente entrando em foco enquanto nossa respiração se instala.

Ela olha para mim por cima do ombro e o ódio está dentro dos olhos dela. Ódio e raiva.

Gosto dela assim. Gosto dela com raiva. Feroz. E quando gira e se arremessa para mim, com as mãos como um gato, agarro seus pulsos e rio caindo de costas. Ela está em cima de mim e nós somos uma bagunça meio vestida e desleixada.

Ela está lutando. Acho que se a deixar solta, vai arranhar meus olhos.

— Não assim. — Digo, virando-nos para que as costas dela estejam no tapete. Sei que isso queima. Sei que as listras frescas em suas costas queimam como o inferno e a empurro para baixo no tapete áspero. — Um ponto. — Eu digo.

Ela para. Eu a deixo levantar um pouco, deixo-a ir e ela se inclina contra a cama, pernas ainda abertas, joelhos para cima para que possa ver sua boceta, o vestido um trapo preso à cintura por dois botões.

— Você disse sem pontos. Aqui não.

— Mas você disse que não queria isso. E então provou. Você quer que seja difícil. Não me quer bom.

— Você não é bom. — Diz ela.

— Não, você está certa, eu não sou. E agora entendo um pouco.

Ela engole. Levanto, entro na outra sala onde meu celular está no bolso do meu terno e disco para a recepção. Peço uma garrafa de champanhe e uma faca. Eu sei que eles acham que sou louco, mas quando estou gastando esse tipo de dinheiro, poderia dar a mínima.

Eu desligo. Ela está parada na porta, quase nua da cintura para cima, seu cabelo uma bagunça, gozo escorregando por sua coxa e por dentro de seu joelho. Eu dou-lhe um sorriso. Porra. Ela é linda assim. Louca e feroz.

Essa é a palavra. Como uma gata. Uma gata feroz e selvagem.

Eu a levo para o banheiro. Ela não briga comigo quando tiro suas roupas e as minhas indo tomar um banho, porque sou atencioso com suas feridas recentes. Eu a lavei e a beijei, quero transar com ela novamente.

Quando saímos e nos secamos, entro na sala de estar onde o champanhe e a faca foram entregues. Ela me segue e nós dois estamos nus. Eu pego a rolha do champanhe e sirvo duas taças, mas deixo-as na bandeja e pego a faca.

Ela recua um passo.

Eu a seguro, puxo-a para mim, olho para baixo sobre seu corpo nu e estendo o cabo da faca para ela.

Ela olha para ele e cautelosamente olha para mim.

— Meu ponto. — Digo, estendendo meu braço, o marcado pelo último ponto.

Ela pega a faca, os olhos ainda estreitos como se esperasse que eu atacasse, para virar a mesa.

Segurando seu pulso, guio sua mão para mim.

— Corte.

— Você é doente.

— Faça.

Ela balança a cabeça negativamente.

— Faça isso, *Mulher Willow*. — Digo com os dentes apertados. — E faça doer.

17

Helena

Um rastro vermelho vem através da gaze no interior de seu braço. Eu olho para ele, enquanto ele veste uma camisa.

Ele precisou me obrigar a fazer isso. Não pude. Como da última vez em que segurei meu canivete em seu abdômen e não consegui. Ele olha para mim enquanto desliza as abotoaduras pelas fendas dos punhos. Diamantes crus, não polidos, da cor do carvão. Como os olhos dele.

Ainda estou nua, segurando uma taça de champanhe sem tomar um gole. Ele serve sua segunda taça.

— Você não gosta de champanhe?

— É para celebrações. Nós não estamos celebrando nada.

— Claro que estamos. Você e eu, Helena. Estamos celebrando o fato de nos entendermos.

— Sobre o que você está falando?

— Não é óbvio? Nossa compatibilidade sexual...

Eu bufo. Ele sorri.

— Querida, quando fodemos suave, seu orgasmo é um maldito murmúrio. Mas quando fodemos duro, quando a chicoteio, porra. Sua boceta engole meu pau como se não conseguisse o suficiente.

Eu sinto meu rosto queimar e não consigo segurar seu olhar.

— Eu não.

Ele ri, segura meu queixo e me faz olhá-lo.

— Você gosta disso. Grande foda do caralho.

Ele me deixa ir e caminha até a cômoda para pegar o outro botão de punho. Está vestindo um smoking. Agora, com a camisa aberta, vejo o contorno de todas as tatuagens do abdômen e do peito. Não consigo parar de olhar.

Meu vestido está pendurado em uma sacola de roupas que foi entregue em algum momento desta tarde enquanto estava fora, mas não me deixou ver ainda. Também não me diz para onde iremos.

— Você nunca me contou como me encontrou esta tarde. — Digo, tomando um gole. Não sei se gosto de champanhe ou não. É a primeira vez que tomo a bebida e sente-se suave.

— Eu tinha um homem vigiando.

— O quê?

— Não é grande coisa. Não poderia levá-la comigo para a reunião, a outra alternativa era deixá-la na ilha com a minha família. Preferia isso?

— Não. Mas você tinha alguém me vigiando? Plantou o dinheiro também?

Ele não responde a isso, mas coloca o botão de punho na outra manga, em seguida, abotoa sua camisa de baixo para cima antes de colocá-la dentro da calça.

— Sebastian?

— Esqueça isso, Helena. Está feito.

— Mas...

— Pare.

Eu o faço porque ele está certo, está feito. E não posso ficar surpresa que ele tenha feito isso.

Sebastian desaparece rapidamente no banheiro, retorna com uma garrafa de loção e senta-se na beirada de uma das cadeiras.

— Venha aqui. — Seus joelhos estão abertos e ele está apontando entre eles.

Bebo o resto do meu champanhe e vou até ele, me sento no chão entre as pernas dele de costas.

Como antes, ele afasta meu cabelo. Deveria odiar isso. Deveria ser repelida por ele, por seu toque, mas anseio por isso. Almejo suas mãos em mim e não é apenas sexual. Gosto dele me cuidando. Pode ser tão gentil, mais terno do que qualquer coisa que já senti antes.

Eu me lembro do que disse sobre me envolver quando durmo, mas naquele momento, ele toca uma linha nas minhas costas e estremeço, lembro o que fez há apenas uma hora. Devo me endurecer.

— Você sempre precisa machucar para transar? Quer dizer, com outras mulheres. — Uau. *Eu quero saber?*

Ele não responde imediatamente. Está esfregando loção nas minhas costas, massageando e isso é bom.

— Eu gosto de sexo violento. Como você.

— Isso é diferente de sexo violento.

Ele considera e espero, suas mãos se movendo para frente e para trás com tanta ternura que quero gemer.

— Eu quero *você* assim. — Diz ele, sua voz plana.

Olho para trás. Está me observando, sem um olhar zombeteiro e sem sorriso. Algo mais. Algo mais profundo. Mais escuro.

— Por quê?

Ele balança a cabeça.

— Apenas quero.

— É porque eu sou a *Mulher Willow*?

Essa foi a coisa errada a dizer. Seu rosto fecha e ele se levanta.

— Foda-se a *Mulher Willow*.

Ele vai até à sacola de roupas e a abre. Fico de pé. Dentro há um vestido de noite até o chão em um profundo cetim roxo, envolto lindamente em um cabide de veludo. Quase posso sentir como esse tecido deslizará sobre mim, se moverá comigo, como se não estivesse usando nada.

— Esta é a cor dos seus olhos quando você está prestes a gozar. Quase preto, mas não completamente. Como o céu da meia noite. — Ele toca o cinto de pedras preciosas. — Com as estrelas dentro.

Eu olho para ele.

— Você diz as coisas mais estranhas às vezes, Sebastian.

Como se visse tudo. Como se ele pensasse de maneira poética. Como se sentisse... algo que não podia sentir. Limpo minha garganta e me volto para a caixa de sapatos. Não poderia me importar menos com o que está dentro ou quão bonito o vestido é. Simplesmente não posso tê-lo olhando para mim assim.

Ele pega a caixa e abre. Dentro, há um par de sandálias de pedras de salto alto para combinar com o cinto do vestido. Estendo a mão para tocá-las com cuidado.

— Elas não mordem.

Olho para ele de lado, me pergunto pelo custo de tudo, me pergunto por que fez isso. Pego as sandálias e as testo. São desconfortáveis, mas tão bonitas que nem me importo. Nunca usei nada assim. Quando olho para cima, vejo como ele está olhando para mim.

— Eu deveria me vestir.

Ele acena, tira o vestido do cabide e abre o zíper minúsculo nas costas.

—As pessoas verão minhas costas.

— Deixe-os ver. Deixe que eles queiram o que nós temos.

O que nós temos. O que nós temos?

Ele desliza o vestido sobre minha cabeça e viro de costas para ele para fechar. Olho no espelho, me pergunto como é que ajusta tão perfeitamente.

Os dois triângulos de tecido de cabeça para baixo deixam tanto dos meus seios expostos quanto cobrem. A cintura alta estilo império, me faz parecer mais alta do que sou e percebo que o vestido é dividido desde o

tecido, então a divisão não é tão óbvia. Puxo os dois lados e posso ver até o meu umbigo. Viro para ele.

— Eu não posso usar isso.

Ele afasta minhas mãos, o vestido cai e me cobre quase no meio das coxas.

— Apenas eu verei. — Diz ele.

Seus olhos estão mais escuros e quando ele olha para mim assim, o quero novamente.

Ele verifica seu relógio.

— Pronta?

— Onde vamos?

— Jantar e a ópera.

— Ópera? — Não posso deixar de sorrir.

— Faust. Espero que você goste.

— Um homem vende sua alma ao diabo por amor.

— Você conhece?

— Apenas li o livro. Nunca fui a uma ópera. — Sinto-me de repente muito do meio-oeste.

— Nós precisamos comparecer na festa de um amigo entre o jantar e a ópera.

— Uma festa?

— Bebidas, realmente. — Ele abre a porta.

— Oh. — Tento parecer mais confiante do que me sinto. — Ok.

Ele coloca a mão sob o meu cabelo e acaricia minhas costas levemente, como se gostasse de sentir as marcas que deixou ou algo assim. Nós descemos no elevador. Desta vez, não pegamos um táxi. O motorista de um sedã espera e abre a porta de trás quando nos vê, entro com Sebastian logo atrás.

A noite em Verona é muito diferente de como parecia mais cedo. Por um lado, me sinto um pouco mais à vontade. Como isso faz algum sentido é uma loucura, mas olho para Sebastian, que está ouvindo uma mensagem em seu telefone. É assim que me sinto. Como se não estivesse sozinha lá fora, incerta e perdida.

Foi assim que me senti esta tarde, acho. E estou muito consciente de que amanhã voltaremos àquela ilha, à sua família horrível, mas não posso pensar sobre isso, não sobre isso ou o que isso significa para mim. Não no amanhã ou no dia seguinte, sequer nos anos seguintes.

O jantar é mais tranquilo do que eu esperava. Por mais extravagante que parecesse, Sebastian me leva a uma pequena pizzaria nos arredores da cidade.

— Este é meu lugar favorito para comer quando venho aqui. Espero que você não se importe.

— Por que me importaria?

— Não é um restaurante muito agradável.

Eu olho para o lugar iluminado, para o homem de pé na cozinha que é visível sobre o balcão e para as pessoas de jeans e camiseta comendo pizza.

— Este é realmente o meu tipo de lugar. — Digo, sorrindo.

Sebastian me leva até à cozinha, onde o homem que desenrola a massa vem abraçá-lo, surpreso em vê-lo. Ele me dá uma piscada e diz algo para Sebastian que não entendo. Este é provavelmente o mais relaxado que já vi Sebastian, quando ele dá uma tapinha nas costas do velho e ri alto.

Saímos e fico surpresa ao encontrar uma pequena mesa de plástico com duas cadeiras de plástico ao longo do rio. Lanternas penduradas no teto e tudo muito romântico.

Seria se não fossemos nós.

Sentamo-nos nas cadeiras frágeis e em poucos minutos, comemos fatias finas de pizza, mais deliciosas do que qualquer outra que já provei.

— Você gosta disso? — Sebastian me pergunta.

— Estou no meu terceiro pedaço, então sim, gosto.

Ele acena com a cabeça, toma seu suco de uva em uma lata.

Eu rio.

— O quê? — Ele pergunta.

— Não o vejo como alguém que toma suco de uva.

— Você não me conhece ainda.

Ainda.

— Eu acho que não.

Quando terminamos, nos despedimos e agradecemos aos donos.

Vinte minutos depois, atravessamos os altos portões de uma antiga mansão, onde luzes amarelas suaves iluminam as grandes portas duplas da entrada. Dois homens de uniforme as abrem para nós. Posso ouvir o som suave de um piano de fora, assim como o tilintar de copos e o murmúrio da conversa.

Eu não preciso ver os homens e mulheres elegantemente vestidos que se voltam em nossa direção quando entramos, para saber que não pertenço aqui.

As mulheres estão vestidas como eu, mas de forma diferente. Elas vestem seus vestidos onde, de repente, sinto que o meu me veste, se isso faz algum sentido. Os cabelos são elegantemente feitos e tenho certeza que

sou a única mulher aqui que não está usando maquiagem. Acho que gostei muito mais das cadeiras velhas na pizzaria.

Mas uma olhada em Sebastian me diz como ele está confortável nesta festa. Como em casa.

Um casal mais velho vem até nós, sorrindo para Sebastian. Com eles há uma garota que talvez seja alguns anos mais velha do que eu ou da minha idade, mas cem vezes mais elegante. As mulheres olham para mim rapidamente e voltam sua atenção para Sebastian. O olhar da mais nova paira talvez um momento a mais e fico imediatamente em guarda. Ela é mais bonita do que eu, sem dúvida, com seus cabelos escuros em um coque elegante, cílios falsos acentuando seus suaves olhos verdes e seios se projetando, parecendo como se quisessem rasgar o tecido fino de seu vestido branco de deusa grega.

E ainda por cima, eles falam em italiano. E de uma vez, todos os três se voltam para mim e ouço meu nome.

— Helena, este é o Sr. Vitelli, sua esposa Alexa e sua filha, Alexa.

Elas compartilham o mesmo nome? Talvez seja uma tradição italiana? Seja o que for, decido que não gosto delas. Especialmente a mais jovem Alexa, cujos mamilos escuros estão quase perfurando seu vestido.

— Prazer em conhecê-la. — Diz Vitelli. — Espero que você esteja gostando da nossa linda cidade.

— Eu estou, obrigada. É linda. — Percebo que as duas mulheres apenas me dão meio sorriso.

Um garçom vem com uma bandeja de champanhe. Todo mundo pega uma taça e somos levados mais para dentro da sala. Eu desajeitadamente fico ao lado de Sebastian enquanto eles continuam a conversa.

A jovem Alexa ri de algo que Sebastian diz e toca o ombro dele flertando. Eu levanto uma sobrancelha e termino minha bebida. Na sala ao lado, olho a longa mesa de jantar cheia de comida.

— Desculpe.

Antes que Sebastian possa recusar, saio e caminho em direção a ela, trocando minha taça vazia por outra cheia de um garçom que passa. Encontro um lugar onde possa vê-los. Noto os olhos de Sebastian em mim enquanto conversa com a família Vitelli.

Embora não esteja com fome, pego uma bruschetta e mordo, não me importando que as pessoas perto de mim ouçam o barulho alto e rodeio a mesa antes de encontrar Sebastian parado ao meu lado.

Eu o enfrento e coloco uma azeitona na minha boca.

— Onde você coloca toda a comida? — Ele pergunta. Comi seis fatias de pizza, mas em minha defesa, elas tinham uma massa fina e não comi o dia todo.

Encolho os ombros.

— Tudo bem? — Ele pergunta.

— Não é o meu tipo de ambiente.

— Ah. — Ele olha ao redor, coloca a mão na minha nuca, me segurando lá, esfregando o polegar em um dos vergões. — Bem, nós não temos que ficar muito tempo. Acabará antes que perceba.

— Está bem. Estou bem. Vá conversar com seus amigos. — *Com seus vestidos transparentes e mamilos duros.*

Sebastian vira para mim, observa-me, fica na minha frente, assim me impede de ver. Cobre a parte de trás da minha cabeça com uma mão e desliza a outra mão entre as camadas do meu vestido e cobre meu sexo.

Eu suspiro.

Ele se inclina mais perto.

— Você e eu, nós temos um segredo. Muitos segredos entre nós. Essas pessoas são uma obrigação. Você é o que eu quero.

Olho em seus olhos e parece que a ilha está tão longe, há muito tempo. Parece que estivemos aqui para sempre e parece que ele quer dizer o que diz.

Aceno, mas não tenho certeza do porquê.

Ele move a mão. O vestido volta ao lugar, o cetim suave contra minha pele nua.

— Eu preciso conversar com Vitelli por alguns minutos sobre empresas familiares. Nós vamos embora depois. Você ficará bem se a deixar aqui? Sem caminhadas até a estação de trem?

— Nenhuma caminhada em qualquer lugar nestes sapatos. Sou uma garota grande, ficarei bem.

Ele acena com a cabeça e sai na direção em que vejo o Sr. Vitelli esperando, parecendo mais sério do que antes, enquanto ele o conduz a uma sala ao lado de um dos três corredores.

Passo alguns minutos perto de uma parede antes de decidir procurar um telefone, mas apenas encontro portas trancadas. Nenhum lugar para entrar e fazer uma ligação. Adoraria conversar com Amy, mesmo que seja por alguns minutos.

Quando encontro um banheiro, entro e tranco a porta. É um espaço luxuoso, grande o suficiente para um sofá de veludo, o balcão repleto de perfumes e sabonetes caros. Tomo meu tempo e quando termino, encontro três mulheres reunidas para usá-lo.

Saio e espero encontrar Sebastian pronto para ir, mas quando não o vejo na sala principal, ando em direção à escada onde sofás foram montados e pessoas que querem um pouco mais de privacidade estão ali.

Eu subo e de lá, posso ver todo o primeiro andar. Estou olhando para o corredor onde Sebastian foi. Quando vejo uma porta se abrir e a deusa grega emergir ajustando o vestido, fico curiosa. Mas o que não espero é

que Sebastian siga um momento depois, olhos duros, olhando ao redor da sala.

Ele limpa algo do canto da boca e quando olha para sacada, recuo e escorrego para as sombras. Não desço por dez minutos e não sei por que não consigo me livrar dessa sensação de ser traída.

Eu não fui.

Tudo o que sou é sua *Mulher Willow*.

Sua Mulher Willow chicoteada.

Quanto mais óbvio preciso que seja?

18

Sebastian

Helena está sentada rigidamente ao meu lado na segunda fileira da ópera. Tenho a minha mão na coxa dela, mas está mantendo as pernas bem fechadas e segurando as bordas da cadeira. Não me olhou uma vez desde que começou. Ela mal o fez na viagem.

Embora estivesse distraído quando partimos. Vitelli sabe quem é Helena. Sabe sobre a *Mulher Willow*. Não deveria, mas minha querida madrasta foi visitá-lo. Suponho que este é o lugar onde ela e Ethan vieram em uma de suas noites fora da ilha.

Não sou o único que quebrou as regras do jogo Willow. O sigilo é importante. Mas há outros e soube no momento em que escolhi Helena, aquele sangue de porco em sua barra me assombraria.

Eu não estou surpreso que Lucinda esteve aqui. Ela está se preparando para guerra e eu também estou. Apenas estou melhor armado que ela. Esta viagem foi frutuosa, meu palpite correto.

Mas sei que se usar o que descobri contra ela, machucará Ethan, mesmo que isso salve Helena, pelo menos de um irmão. Vou me preocupar com o outro mais tarde, no entanto. Eu tenho que pensar em como lidar com Ethan. E se não for cuidado, isso vai prejudicá-lo e já causei dano suficiente.

Olho para Helena, que está rígida como uma prancha ao meu lado. Francamente, isso está me irritando. O que estou fazendo, estou fazendo por ela. Eu me inclino em seu ouvido.

— Qual é a porra do problema?

Ela me dá um olhar letal.

A soprano toca uma nota alta e a música para abruptamente. Depois de um momento de absoluto silêncio, as pessoas ao nosso redor se levantam e aplaudem. Seguro Helena pelo braço, levanto-a para ficar de pé e a levo em direção ao corredor antes que seja invadido durante o intervalo.

— O que você está fazendo? Ainda não terminou.

— Vamos a algum lugar mais privado para assistir o restante.

Ela olha para mim.

— Estou bem onde estamos.

— Eu não estou.

Notavelmente, não tenho que empurrar ninguém para fora do meu caminho enquanto vamos para o leste do palco e para uma porta de serviço. Eu a abro, vejo os atores a caminho dos camarins, ouço a equipe correndo para se preparar para o Segundo Ato.

— Eu não acho que deveríamos estar aqui. — Diz ela, recuando.

— Shh. — Olho para os dois lados, atravessamos o corredor e andamos um pouco mais para chegar a outra porta. Está mais escuro aqui. Uso a lanterna no meu telefone para nos guiar através dos suportes armazenados. Ela é lenta porque está olhando tudo.

Chegamos à escada com cortinas. Eu empurro de lado e aponto.

— Por aqui.

Ela olha a estreita escada de pedra.

— O que há lá em cima?

— Você verá.

Seu senso de aventura supera tudo com o que está irritada. Ela sobe a escada, mãos na parede de pedra. No topo, há outra porta. Chego até ela para abri-la. Emperra um pouco, mas acaba cedendo e um momento depois, estamos do lado de fora, numa pequena área que é uma espécie de sacada de onde podemos ver todo o coliseu.

— Uau. Nós deveríamos estar aqui? — Ela olha para baixo, para cima, para tudo ao seu redor.

— Não, provavelmente não.

Ela se vira para mim.

— Como você sabe sobre isso?

— Meu pai costumava nos trazer aqui quando éramos pequenos. Nós assistíamos a três óperas por semana alguns verões. Ficou um pouco chato, então Ethan, Gregory e eu explorávamos.

— Eles apenas deixavam vocês explorarem? Aqui?

— Eles não sabiam exatamente onde estávamos.

A orquestra sinaliza que o Segundo Ato está prestes a começar e parece lembrar Helena de seu aborrecimento. Vejo isso no rosto dela.

— O que aconteceu entre o jantar e aqui?

Ela se vira para mim.

— Nada.

— Alguma coisa aconteceu.

Ela me observa e espero.

— O que você estava fazendo naquela sala com a Alexa 2.0?

Estou confuso, embora Alexa 2.0 seja engraçado.

— Você estava espionando?

— Não. Estava no andar de cima na varanda. Eu a vi saindo de uma sala e você seguiu logo depois. Ela estava ajustando seu vestido como se seu seio caísse, o que eu não ficaria surpresa se o fizesse, considerando... — Ela revira os olhos e propositadamente vira o olhar para o palco.

— Você parece com ciúmes, Helena.

Ela bufa.

— Você não precisava me levar para a festa. Poderia ter me deixado no hotel.

— Então você poderia correr para a estação de trem novamente?

Ela me olha.

Eu fico atrás dela, afasto o cabelo do ombro e coloco as mãos ao lado das dela na parede de pedra. Eu beijo seu pescoço, a curva de seu ombro e o primeiro vergão em suas costas.

— Pare.

Deslizo uma mão dentro do triângulo que cobre seu seio e a outra entre suas pernas.

— Alexa 2.0 é como um pedaço de bolo de aniversário.

Estou esfregando sua boceta, beijando outra linha vermelha. Ela vira a cabeça.

— O que você quer dizer?

— Ela é legal de se olhar, talvez dê água na boca.

Ela empurra meu antebraço.

— Então você deveria ter uma fatia.

— Essa é a questão. Todos podem ter uma fatia, todos têm.

— Você já?

— Há muito tempo atrás. — Afasto minha mão de seu peito e a faço olhar para mim quando ela se afasta. — E eu não quero uma segunda vez. — Eu a beijo. Sua boca se abre e sua boceta está molhada na minha mão. — Você é o que eu quero. Essa boca, essa boceta e você.

A orquestra começa a tocar quando Margarita entra no palco, cantando sua triste canção. Helena se vira e coloca as mãos na parede. Eu puxo seus quadris para trás, cutuco as pernas dela com as minhas e o vestido se divide em dois, expondo-a para mim.

Eu tomo um minuto, afasto e a admiro, puxo seus quadris para que ela se curve mais e a olho assim, esperando por mim, aberta. Eu quero ela. Eu a quero como se nunca quisesse mais nada na minha vida.

Uma mão em seu quadril, a abraço enquanto solto o cinto, abro o zíper da calça, empurro junto com a cueca para baixo. Deslizo em sua boceta enquanto empurro seus longos cabelos das costas.

As linhas levantadas sob meus dedos me deixam mais duro. Eu fecho minha mão em sua nuca e a seguro com uma mão enquanto com a outra,

mantenho sua bunda aberta para que possa vê-la, ver sua boceta esticar para me levar, ver o pequeno anel de sua bunda.

Eu quero tudo dela, sua boceta, sua bunda e sua boca. Quero preencher todos os buracos de uma só vez.

Ela arqueia as costas quando empurro dentro dela e os sons da minha porra, de boceta molhada engolindo o pau duro, de gemidos, suspiros e pele batendo contra pele rivalizam com o da soprano. Quando ela bate as mãos e a sinto me apertar, pulsando ao meu redor, eu gozo também, enchendo-a, apertando sua nuca e cravando meus dedos em seu quadril.

Mais hematomas, minhas marcas nela, apenas minhas.

Quando me afasto, vejo o gozo cair dela e pingar no chão. Eu a viro para mim e beijo sua boca enquanto ela envolve seus braços em meu pescoço, os dedos no meu cabelo e as unhas cravando na pele do meu couro cabeludo.

— Você é minha, Helena. — Digo entre beijos. — Você é o que eu quero.

19

Helena

A viagem de volta na tarde seguinte é calma. O sol está brilhando, tão oposto às chuvas do dia anterior. Eu o sinto olhar para mim e me pergunto o que vê. Pergunto se as coisas mudarão agora.

Eu toco o anel no meu dedo, viro um pouco, então o rosto do crânio está me encarando.

— O que é esse anel?

Ele presta atenção em tudo.

— Minha tia deu para mim depois da colheita. — Não posso evitar o tom acusatório da última palavra. — Minha tia Helena.

Ele concorda, olha para frente.

— Você decidiu se posso ligar para ela?

Ele não olha para mim quando responde.

— Vamos falar sobre isso depois.

— Já é depois, Sebastian.

Nada.

— Ela deu para mim, para me lembrar que nem todas as *Mulheres Willow* morrem. — Eu digo, incapaz de me conter. Incapaz de evitar aquela escuridão familiar a rastejar em minhas palavras.

Estamos nos aproximando das docas. Estaremos de volta na ilha em breve.

— Sinto falta dela.

— Ela morava com você, certo?

— Sim. Às vezes eu a pegava e minha mãe nessas reuniões secretas. Eu as chamei assim, pois eram estranhas sobre isso. Percebo agora que minha tia deve saber do dinheiro que mudaria de mãos quando a próxima de nós fosse reclamada.

Quando chegou o dia, senti que ela odiava minha mãe. Não sabia porquê, não até então.

— Eu as ouvi uma vez. Foi no nosso décimo sexto aniversário. Eu fui ao quarto da minha tia para chamá-la para a celebração. Ela estava fora de sua cadeira. Podia andar, mas é tão velha que é mais fácil para ela na

cadeira. Mas estava de pé e minha mãe estava sentada na beirada da cama. Elas estavam discutindo mais alto do que o habitual e minha tia fez algo que nunca esperei dela. Deu um tapa no rosto da minha mãe e ainda me lembro do som e das palavras exatas dela: *Você viu o que eles fizeram com a sua irmã e colocou seus bebês naqueles blocos? E para quê? Você me deixa doente.*

Há mais que não digo a ele. Como minha tia disse a minha mãe que deveria ter sido ela. Que Libby não teria feito isso. Ela teria escolhido de forma diferente.

Elas discutiram então, minha mãe a proibiu de ir para a festa de aniversário. Trancou-a em seu quarto como se fosse uma criança.

Quando levei para tia Helena um pedaço de bolo de aniversário mais tarde, ela mentiu para mim, dizendo que não se sentia bem o suficiente para ir. Acho que foi a única vez que ela mentiu para mim.

Eu respiro fundo.

— Por favor, deixe-me ligar para ela hoje. — Não estou acima de implorar, não mais. — Você pode ficar no quarto. O que tem medo que diga? Apenas quero falar com ela, dizer que estou bem. Ouvir a voz dela.

O que minha tia pensaria se lhe contasse a verdade? Que estava começando a ter sentimentos por meu mestre Scafoni. Ela iria bater na minha cara também?

Ele entra no estacionamento, dirige-se para as docas. Reconheço o homem que nos cumprimenta. Ele é o mesmo do dia anterior. Sebastian sai e entrega as chaves. Ele abre o porta-malas e tira nossa mala. Quando abre a minha porta, apenas olho para ele.

Eu não posso sair. Não quero. Sinto meus olhos se enchendo de lágrimas novamente porque estou com medo e não quero voltar, está pior agora do que antes.

Ele suspira, diz ao homem para carregar a mala no barco e se agacha. Ele pega uma das minhas mãos em ambas as suas.

— Eu não quero voltar lá. — Digo.

— Nós precisamos, Helena.

Balanço a cabeça.

— Por quê? Você pode decidir. Cabe a você o que acontece comigo.

Não por muito tempo, no entanto. Não por muito tempo. Meu estômago se revolve com o pensamento.

— Ouça-me, Helena.

Balanço a cabeça.

— Ouça. Meu encontro em Verona foi uma boa notícia. Estou tentando... — Ele para abruptamente, inspira e muda de assunto. — Você

precisa confiar em mim agora. O que disse ontem, não foram palavras vazias.

Eu paro.

— Eu não tenho intenção de passar você para meus irmãos. — Diz ele.

— O quê? Como? Como pode impedi-los?

Ele se endireita, então tenho que olhar para ele e apertar os olhos contra o sol atrás dele.

— Eu não posso dizer. Apenas deixe-me lidar com isso do meu jeito e confie em mim. Ninguém a tocará. Você estará segura.

— Como posso estar segura nessa ilha? Com eles?

Sua testa está enrugada. Ele se abaixa, solta o cinto de segurança e me tira do carro.

— Dê-me alguns dias e conversaremos novamente. Você pode fazer isso?

— Eu não tenho escolha, Sebastian.



Ninguém está por perto quando voltamos. Além da agitação da comida sendo preparada na cozinha e dos jardineiros trabalhando lá fora, é tranquilo. Sebastian precisa fazer ligações e desaparece em seu escritório. Depois de passar uma hora no meu quarto, decido sair, dar uma volta.

A luz minguante empresta um pano de fundo reconfortante para minha caminhada. Não há uma única nuvem no céu está noite.

Passo pela piscina, o filtro zumbindo silenciosamente e passo para a grama, voltando-me para a pequena fazenda. É longe o suficiente da casa que o cheiro não chega.

Uma dúzia de galinhas vagueiam livres e metade desse número de cordeiros. Eu me pergunto se eles os matam. Acho que sim. Por que mais manter cordeiros? Frangos para ovos talvez, mas não todos eles.

Faço carinho nos dois cordeiros que pastam ao lado da cerca enquanto passo e ando em direção à horta, passando pelas fileiras de verduras. Quando vejo a mancha de morango no canto mais distante, me inclino para pegar um punhado maduro e coloco na boca um após o outro. Eles são menores do que os que compramos no supermercado, mais suaves também e cem vezes mais doce.

Quando me satisfaço, limpo minhas mãos e me viro para voltar para casa. Mas paro.

Há um caminho não percorrido entre as árvores aqui e isso leva ao lado leste da ilha. Posso pegar o longo caminho de volta para casa.

Antes que possa me convencer, começo a caminhar para longe da casa na direção em que não devo ir. Um dos lugares proibidos para mim. Estou curiosa porque é proibido.

É uma caminhada mais longa do que percebo, mas isso é parcialmente o caminho que tomo. É coberto de mato, se já foi mantido baixo para começar e se torna mais do que uma caminhada. Sandálias de dedo não são os calçados certos, descubro.

A folhagem parece mudar aqui também. Torna-se mais selvagem, mais áspera. Os longos galhos dos arbustos baixos arranham minhas pernas enquanto ando e gostaria de ter levado um suéter. Está esfriando muito desde o pôr do sol.

Apenas quando penso que devo voltar as árvores dão lugar a uma clareira. Paro na beirada do grande círculo de grama semelhante a feno e olho para ele, o mausoléu da família Scafoni.

Um vento gelado sopra minha saia para cima e rouba meu fôlego enquanto fico de pé, o edifício de pedra cinza mais antigo que qualquer outro na ilha, grande, imponente e final.

Eu dou um passo para a clareira e é como se tivesse saído de um mundo para outro. É o sentimento mais estranho e assustador. Abraço meus braços, esfrego-os, dizendo a mim mesma para continuar. Claro, é

assustador. Está cheio de cadáveres, cinzas ou poeira. Mas a palavra chave é, está morto.

Esses Scafoni não podem me machucar.

Eu me forço a caminhar em direção às duas escadas largas que levam às grandes portas de ferro. Eles são mais como portões de jardim do que portas.

Quando estou mais perto, percebo que esculpido na pedra sobre a porta é o corpo de um anjo andrógino, uma das asas cortadas pelo tempo e a outra grande. Ele ou ela se ajoelha, mãos no chão, dedos curvados, mas suaves, cabeça baixa, dando a impressão de alguém que está quebrado ou sofrendo. Aquele que aceitou o que aconteceu.

Mas então, quando me aproximo, posso ver que por baixo do grosso fio de cabelo de pedra, o rosto do anjo é visível e um olho me olha diretamente. É um *Observador*, que guarda os restos dos Scafoni, não é passivo, mas feroz.

E ela sabe que não pertenço aqui.

Isso quase me faz parar. Quase.

Mas endireito minha coluna e estendo a mão para roçar as pontas dos meus dedos contra o ferro arenoso do portão. Está um pouco aberto, não muito fechado e empurro.

É tão quieto aqui, que o rangido soa cem vezes mais alto do que é. E se pensasse que estava frio lá fora, é duplamente mais ali dentro. Uma

lanterna pendurada brilha uma luz vermelha sobre o espaço, iluminando a sala apenas o suficiente para me deixar ver. Uma brisa sopra e algo faz cócegas nos meus dedos, me fazendo suspirar e pular até perceber que é apenas uma folha morta arrancada de seu local de descanso pelo vento.

Ao meu redor, nomes de Scafoni estão esculpidos em pedra, datados abaixo deles, nascimento e morte. Castiçais de ferro como longos dedos, projetam-se ao lado de cada nome. Alguns têm tocos de velas, alguns estão cheios de sujeira. Eu li alguns dos nomes, os mais antigos. Centenas de anos.

Quando me deparo com Anabelle, paro. Alcanço e toco a gravura.

A sua é uma das sepulturas esquecidas. E ao lado dela está seu filho, Giuseppe. Seu sobrenome está listado como *Scafoni-Willow*.

Estou surpresa com isso. Surpresa que eles não baniriam o nome deste lugar de descanso final da família Scafoni, porque podem não querer lembrar de nós na morte.

Embora a parte Willow do nome pareça ter sido vandalizada, como se alguém pegasse uma pedra irregular e a arranhasse cem vezes, mas ainda está lá. Ainda entre os Scafoni mortos, pendurada como uma sombra sobre neles, mesmo na morte.

Estendo a mão para tocá-la, traçar as letras do meu nome.

Acredito na história que Sebastian me contou sobre Anabelle? Ele poderia ter mentido. O que o impede de mentir? Nos pintando da pior maneira possível?

Afasto a mão, cruzo para as pedras mais novas. E encontro o marcador de Joshua Scafoni. O pai de Sebastian. O homem que escolheu minha tia Libby para ser sua *Mulher Willow*. Além disso, espero encontrar sua mãe e a vejo, mas há um nome entre eles. Timothy Scafoni.

Confusa, leio a data. A criança viveu três dias, faço as contas. Faço isso novamente. Não pode ser.

— Você não deveria estar aqui.

A voz me faz pular e giro ao redor, segurando meu coração. Eles soam muito parecidos, Gregory e Sebastian. Você quase confundiria um com o outro. Não eu, no entanto. A voz de Gregory carrega uma pitada de malícia nela. É apenas uma dica, mas eu distingo.

— Você não pertence aqui, *Mulher Willow*.

Engulo. Dou um passo para trás, mas já estou encostada na parede do túmulo de pedra e os castiçais de ferro estão cavando nas minhas costas. Ele dá um passo em minha direção, olha para além de mim, chega perto o suficiente para me tocar. Mas não o faz.

— Eu me perdi.

Eu não posso me mover quando ele se vira para mim, quando está tão perto que posso sentir o calor do seu corpo e tudo que vejo são seus olhos e o jeito como me observaram naquela noite.

— Eu não acredito nisso. — Diz ele, sua voz calma. Quase gentil. Não é bem assim. Está faltando algo para ser gentil.

Eu me pergunto por que ele está vestindo um terno e me lembro como antes que ele me tirasse do poste, tirou o terno e o envolveu em meus ombros. Uma pequena gentileza.

Encontro seus olhos, mas não posso lê-lo.

— Estou saindo. — Digo.

— Você fez as contas? — Ele pergunta, pegando uma vela e tirando um isqueiro do bolso para acendê-la.

Minhas pernas parecem finalmente capazes de funcionar novamente. Eu dou um passo para longe e vejo-o pingar cera no toco de uma vela no suporte do marcador de seu pai, em seguida, empurra a vela para dentro dela, unindo as duas.

Ele se vira para mim.

— Você fez?

— Sim.

— Sebastian não é o primogênito.

— Gêmeos.

Gregory acena com a cabeça.

— Timothy foi o primeiro. Apenas sobreviveu dias, no entanto. — Ele olha para o marcador da mãe de Sebastian. — Ela se matou também, dois anos depois.

— O que você quer dizer?

— Sebastian não contou?

Balanço a cabeça.

— Sua mãe se suicidou. Aqui.

Olho para o marcador, leio a data de sua morte, o mês e o dia. É o dia em que seus filhos nasceram, apenas dois anos depois. Ela se matou no aniversário de Sebastian.

Gregory se aproxima de mim e novamente, estou fixa no lugar. Presa.

— Ainda não tem medo de mim?

Balanço a cabeça rapidamente. Muito rápido.

— O que você acha que ele fará quando souber que você estava aqui?

— Você dirá a ele?

— Eu não sei. — Ele move o olhar sobre mim. Estou vestindo uma camiseta para cobrir as marcas nas minhas costas e uma saia. Seus olhos

se fixam nas minhas coxas por um minuto, depois um pouco mais alto. Quando ele retorna seu olhar para o meu, inclina a cabeça para o lado. — Ele ficará louco. Irritado o suficiente para usar o poste para o que é destinado.

Eu engulo. Gregory de repente sorri e toda a sua expressão muda. É assustador. E calculado.

— O fato dele tecnicamente não ser o primogênito significa que não é realmente o chefe da família. Esse papel vai para o filho que terá.

— O que você quer dizer?

— Eu poderia querer minha própria *Mulher Willow*. Parece divertido.

— Você é doente, sabe disso? Pervertido.

— Talvez. Provavelmente. — Acrescenta ele, como se concordasse depois de pensar um momento. — Ainda assim. — Ele estende a mão para tocar meu rosto e afasto a mão dele. — Eu gostei de vê-la gozar.

Eu engulo, sinto uma piscina de suor debaixo dos meus braços.

— Talvez você goste de doentes e pervertidos. Quer dizer, parece gostar do meu irmão.

— Diga a ele se é o que você quer. Ele não fará o que diz.

— Não? Quão bem você acha que conhece meu irmão? — Ele faz uma pausa para efeito. — Está disposta a arriscar?

Observo seus olhos, tento ler o que ele está pensando.

— Eu direi o quê. Manterei seu segredo. Desta forma, você e eu, podemos ter o nosso próprio. — Ele coloca os dedos no meu queixo e por um minuto, me pergunto se ele está medindo as pontas dos dedos contra os hematomas desbotados. — Apenas entre nós.

Ele está fodendo comigo. Eu me afasto, forço minhas pernas a se moverem. Chego à porta antes de me virar.

— Eu prefiro que você diga a ele. — Eu digo. — Prefiro levar uma surra do que manter um segredo com você.

Está escuro quando corro de volta para casa. Eu não paro uma vez, nem mesmo quando perco um dos meus chinelos. Vou direto para o andar de cima, para o meu quarto, batendo a porta atrás de mim.

Estou em pânico, nem percebo Lucinda, não até me prender dentro com ela. Ela está reclinada na minha cama, seus pés cruzados nos tornozelos, seus sapatos sujos no meu edredom.

Ela está segurando um envelope rasgado, lendo a folha de papel. Acho que reconheço a caligrafia, mas ela se move muito rápido para eu ter certeza e se senta.

— Que porra você está fazendo aqui? — Pergunto.

Ela desliza as pernas para fora da cama, fica de pé e olha para mim. Olha para baixo também, para meu pé descalço, para os arranhões ao longo das minhas pernas e a sujeira em meus pés.

— Espero que você não tenha rastreado a sujeira na casa. — Ela caminha até a janela e a abre para olhar para fora.

— O que você quer? — Pergunto.

Ela se vira para mim, coloca o que quer que esteja lendo na cômoda e me dá um sorriso.

— Teve uma boa viagem? Um pequeno refúgio romântico?

— Sim, realmente. Foi refrescante estar longe de você.

— Bem, não temos sorte de ter você de volta.

— O que você está fazendo aqui?

Lucinda encolhe os ombros, abre uma das gavetas e vasculha-a. Ela pega uma calcinha, uma pequena e a segura na longa unha vermelha.

— Ele gosta de você nisso? Gosta de você se prostituir?

Eu vou até ela, pego a calcinha e coloco na gaveta antes de fechá-la.

— Você não tem o direito de estar aqui. Saia.

— É a minha casa. Posso estar em qualquer lugar que quiser. — Ela vai até o armário, acende a luz, mas fica na porta para olhar, depois olha para mim. — Libby se prostituiu também. Joshua adorou.

Eu não quero ouvir isso. Por mais que queira saber sobre o tempo da minha tia Libby aqui, não quero ouvir isso dela.

— Sabe, Sebastian deve compartilhar você. — Diz ela, voltando para o quarto e sentando-se na chaise como se fosse seu quarto. — Joshua compartilhou Libby. Ela pegou todos os três de uma vez. Um em sua boca, um na bunda e o outro em sua boceta suja. — Seu lábio se curva e a palavra soa mais vulgar em seus lábios do que é.

— Ela não teve escolha. — Eu digo.

Ela sorri com um sorriso frio e cruel.

— Ela gozou como uma prostituta. Ela gritava alto, mais alto que você. Ou você não goza? Meu filho não a faz gozar?

— Ele não é seu filho.

Ela parece surpresa, sei disso.

— Ele contou? Fascinante.

— O que é fascinante sobre isso?

— Já que ele a está alimentando aos poucos, estou surpresa que tenha escolhido esse pequeno detalhe. Embora Sebastian sempre tenha sido inteligente. Muito inteligente. Suponho que você gostaria que ele visse minha irmã fraca, sua mãe, se enforcando.

Ouço ódio em suas palavras, o tom de sua voz e é direcionado para sua irmã morta.

— O que você tem? Ela perdeu um filho.

— Oh? Como você sabe disso?

Eu não respondo, não imediatamente.

— Sebastian contou.

— Mesmo? Ele não conta isso para ninguém. Nem mesmo para sua *Mulher Willow*. Mesmo que ele esteja afetado. Você é uma prostituta sorrateira.

Eu não respondo.

— Meu marido também ficou encantado. Verdade seja dita, ele amava sua prostituta Willow. Ela era mais mansa do que você, mais obediente. Embora talvez isso tenha a ver com o meu rigoroso regime de disciplina. Manteve-a na linha.

— Você bateu nela.

— Disciplinei. Há uma diferença.

— Chame do que você quiser.

— Eu vi aquela garota com a boca cheia do pau do meu marido, mais do que sem. — Ela está olhando para longe como se estivesse relembrando, como se fosse uma lembrança afetuosa. — Ele me fazia prepará-la para ele. Fazia-me raspar sua boceta do jeito que ele gostava. Lavá-la. Fazia-me vê-lo fodê-la. Mas em troca, eu a disciplinava como queria.

— Por que você está me contando isso?

Ela encolhe os ombros.

— Tédio.

— Você ficou com ciúmes da minha tia? É por isso que você nos odeia?

Ela me observa, calculando sua crueldade e medindo a destruição de suas palavras.

— Talvez. Talvez estivesse com ciúmes de sua afeição por ela. A ternura que ele mostrou, depois de suas sessões comigo. Mas não com ciúmes dele preferir transar com ela do que comigo. Não preciso de um homem. Nunca precisei.

— Mas você mora com três deles e pelo que vejo, Sebastian governa.

Qualquer sugestão de sorriso desaparece. Ela se levanta, vem em minha direção e fica a centímetros de mim.

— Você sabia que ele não precisava fazer isso? Não precisava escolher uma *Mulher Willow*?

Eu flexiono a mandíbula e seguro seu olhar. Ela é uma mentirosa. Eu sei disso.

— Ele escolheu isso. Pode pará-lo a qualquer momento, ele tem esse direito. No entanto, escolheu não parar. Escolheu mantê-la aqui sob seu polegar. Escolheu continuar a tradição de passar você de um irmão para outro. Ele escolheu isso para você.

— Eu não acredito em você. — Não é verdade. Não é. Ele não teve escolha. E se não fizesse isso, Ethan teria sua vez.

— Eu não me importo com o que você acredita. A verdade ainda é a verdade. E tudo se resume a uma coisa, dinheiro. Ele libera você de sua obrigação e perde seu lugar como chefe da família Scafoni. Ele perde tudo. Um mundo triste no qual vivemos, não é, quando o dinheiro vale mais do que uma vida humana?

Ela coloca sua longa unha sob o queixo e levanta um pouco. Estamos olho no olho.

— Eu não acredito em você.

— Acredite no que você quiser, *Mulher Willow*. Estou realmente aqui para lhe dar uma carta que chegou antes. — Ela gesticula para a cômoda onde deixou cair o que estava lendo quando entrei. — Chegou aqui dois dias depois de sua chegada. Sebastian deve ter esquecido de entregá-la.

Eu vejo a vitória em seus olhos e penso em nossa pontuação, Sebastian e eu. Eu acho que Lucinda ganhará esta. Sei disso antes mesmo de ver o que há dentro da carta.

Eu me afasto dela, pego a carta e o envelope. Está endereçada a mim e reconheço a caligrafia. É da minha irmã, Amy. Verifico o carimbo e ela está certo. Chegou quando ela disse. Meu coração dispara. Sei que é uma má notícia. Sei disso antes de pegar para lê-la.

— Felizmente, encontrei em sua lata de lixo e peguei. Pensei que você deveria tê-la.

Abro a folha, vejo as poucas linhas do bilhete de Amy. Vejo o recorte do jornal cair no chão.

— Há um barco esperando por você, Remy irá levá-la ao aeroporto. O voo sai em duas horas. Você tem uma chance de sair daqui *Mulher Willow*. Não estrague tudo e não deixe ninguém vê-la. — Ela cava no bolso e um momento depois, coloca um passaporte, eu assumo que seja o meu, na mesa perto da porta.

— Por que você me ajudaria?

— Eu não estou ajudando você. Estou me ajudando.

Ela então sai e suas palavras gotejam lentamente enquanto leio o bilhete de Amy. E quando me inclino para pegar o recorte, uma lágrima mancha a tinta.

20

Sebastian

— Você precisa vigiar sua garota. — Gregory diz, quando se senta em frente a mim no meu escritório. — Ela entrará em apuros.

— Vi as marcas que você deixou em seu pulso.

— Ela machuca facilmente. Qual é a vitamina que falta se você se machuca facilmente? Talvez seja porque ela não come carne.

— Não seja um idiota, Greg.

Ele coça a nuca.

— Eu quero um pedaço, Sebastian.

— Não.

— Por que não? Não será a primeira vez que compartilhamos uma garota. Porra, você praticamente a ofereceu na outra noite.

— Eu disse não. — Movo minhas mãos no colo, sinto-as em punho. Não consigo ler o que ele está pensando. Meu irmão mais novo é bom demais a mascarar seus pensamentos. Eu sei que para crescer como ele, tem que saber, mas não é como nós somos, ele e eu.

— O que mudou? — Ele pergunta.

— Vou mantê-la, Gregory. Isso foi o que mudou.

Ele me observa por um longo tempo, depois acena com a cabeça. Levanta-se sem uma palavra sobre o que acabei de dizer e sai do meu escritório. Vejo-o ir e sei que não será tão fácil. E de jeito nenhum, não com ele.

Levanto-me e subo a escada para o quarto de Lucinda. Eu bato. Um momento depois, a ouço dizer para entrar. Eu faço.

Ela está sentada em sua mesa, de costas para ela. Fecho a porta atrás de mim e entro, me sento no sofá em frente a ela e olho em volta do quarto. Ela tem o segundo maior, perdendo apenas para o meu. Eu a tirei dele assim que assumi o controle da família. Lucinda e eu temos uma história longa e feia.

— Sebastian. — Diz ela, levantando-se e derramando dois uísques da garrafa no canto de sua mesa. Ela me entrega um. — Você nunca me visita aqui.

— Eu quero falar em particular.

— Não consigo imaginar o que acontece. — Ela se acomoda em seu assento e toma um longo gole de sua bebida.

— Eu sei, Lucinda.

Ela inclina a cabeça para o lado e aquele sorriso, aquele sorriso vitorioso, quero limpá-lo de seu rosto.

— O que você sabe, Sebastian? — Ela pergunta, erguendo as sobrancelhas desenhadas para o alto.

— Eu sei sobre Ethan.

Por um milésimo de segundo, há um lampejo de pânico no rosto dela, apenas por uma fração mínima de tempo. E se não a conhecesse tão bem, teria perdido.

— Eu não quero machucá-lo.

— Tarde para isso, não é? — Ela interrompe.

— É por isso que estou aqui para falar com você. — Ignoro o golpe dela, empurro.

— Eu não sei do que você está falando.

— Você me fará dizer? — Pergunto.

Ela olha de volta para mim, seu rosto de pedra. Bebe, limpa a garganta e fica em silêncio.

— Bem. Eu direi. Não sei quem é o pai dele e não me importo, mas ele não tem uma gota de sangue Scafoni.

A pedra vira gelo.

— Ele não tem direito a nenhuma herança Scafoni. Nada disso. Nem um centavo. — Continuo. Quero que isso seja cristalino.

Seu rosto está vermelho quando ela finalmente fala.

— E depois do que você fez, isso irá matá-lo quando descobrir que não é seu irmão.

Eu me afasto do contato visual, porque ela está certa. Engulo o que está no meu copo, levanto e caminho até onde ela está sentada para encher novamente. Não olho para ela quando digo essa próxima parte.

— É por isso que estou aqui. Você é mãe dele e pode não querer isso para seu filho.

Eu tomo meu tempo retornando ao meu lugar no sofá e quando me sento de volta, vejo que ela está pensando. Calculando. Não tenho certeza se colocará o bem-estar de Ethan acima do dela.

— Isso é sobre a garota. A prostituta Willow com o sangue do porco na barra. Você quebrou as regras, Sebastian. Deveria escolher uma virgem.

Ela está certa. Eu tenho um trunfo sobre ela, ela tem um sobre mim e podemos destruir tudo um para o outro. Na verdade, a única pessoa que

permaneceria de pé se o fizéssemos, seria Gregory. E sinto um peso no meu peito quando me lembro de seus olhos de apenas alguns minutos atrás. A maneira como ele concordou tão facilmente. A maneira como saiu do meu escritório, aceitando apenas.

Ele está ganhando empo. Deixará as coisas acontecerem, porque sabe como isso acabará. E de um jeito ou de outro, ele terá a *Mulher Willow*, porque mesmo que eu consiga difundir a situação de Ethan/Lucinda, Gregory tem o direito dele.

— Eu considero Ethan meu irmão, você sabe disso. — Digo.

— Desde quando? Desde o *acidente*? — Ela coloca a última palavra em aspas com os dedos.

— Você nunca incentivou um relacionamento entre nós, não desde o primeiro dia.

— Oh boo-hoo[8].— Ela se levanta, vira-se para encher o copo. — Você precisa de terapia, Sebastian? Vá dizer a alguém, como sua mãe foi horrível com você.

— Você não é minha mãe. Nunca foi.

— Deixe de ser criança.

[8] O termo é imitação do som de alguém chorando ou soluçando . Muitas vezes é visto escrito, como nos balões de fala dos desenhos animados . Com menos frequência, uma pessoa pode dizer em voz alta de maneira afetada para transmitir tristeza ou decepção. Pode ser usado sarcasticamente.

— Eu fiz. Cresci rápido debaixo da sua bengala.

— Sempre foi um garoto imundo. Você precisava da bengala. — Ela faz uma pausa, aperta os dentes, levanta o queixo e inspira profundamente.

— Não me empurre, Lucinda.

— O que você está oferecendo?

— Ethan não terá Helena, ele não a tocará. Você o tira da ilha por alguns meses, leva-o para algum lugar que ele gosta de ir, diga o que precisa dizer para ele mudar de idéia sobre a *Mulher Willow*. Quando ele entender, vocês serão bem-vindos de volta e ele nunca saberá a verdade sobre sua paternidade e você manterá seu lugar aqui, seu status. Sua permissão. — Pergunto se este último não é tudo o que importa para ela.

Ela sorri.

— E quanto a Gregory? Você já pensou sobre o que ele quer? O que fará quando Ethan estiver fora de cena? Acha que ele não vai contestar o fato de que ela não é virgem? Que você não é tecnicamente o primogênito e que quebrou as regras? Ele vai deserdá-lo antes que possa professar seu amor a essa prostituta.

— Que porra você sabe sobre amor? — O rouco na minha voz me surpreende.

— Acertei um nervo, não é? Você é tão fácil. Tão fácil quanto sua prostituta.

— Sobre o que você está falando, Lucinda?

Ela ignora minha pergunta, vai até a janela e empurra a cortina para o lado com um longo dedo ossudo, um canto da boca curvando-se para cima. Então se vira para mim.

— Desta vez. — Ela diz. — Farei o trato com você. Tiro Ethan da ilha, longe desse lugar. Mas ele a terá uma vez, um momento. Você pode até mesmo ditar qual buraco ele fode.

Estou de pé, as mãos em punhos ao meu lado. Vou até ela e ela recua, mas aquele olhar em seus olhos, aquele que grita vitória zomba de mim e não consigo aguentar. Não a suporto. Fecho minha mão ao redor de sua garganta e a empurro contra a parede.

— Ele não coloca um único dedo nela. Nenhum.

Ela sorri, mesmo quando seus olhos ficam avermelhados e inchados com minha mão apertando seu pescoço magro.

— Seu ódio a deixa feia, Lucinda. Deixar velha. Uma cadela velha e ciumenta.

Ela está com as mãos no meu antebraço agora, está tentando me arrastar. Está lutando para respirar. Dou mais um aperto antes de liberá-la, observando-a cuspir e tossir.

— Você tem vinte e quatro horas para decidir, antes que eu diga a Ethan que ele é um bastardo.

— Você é como seu pai. Apaixonou-se por essa prostituta como ele fez com a dele. Deixa sua *Mulher Willow* ficar entre sua família, assim como ele fez e sorrirei quando eles esculpirem o nome na sua pedra, bem ao lado dele e de seu irmão morto.

— Você é uma velha patética. — Eu digo, saindo.

— Não se atreva a se afastar de mim!

Eu fecho a porta atrás de mim, suas palavras me arranhando, me perseguindo. Lucinda é uma força a ser reconhecida. Isso não acabou e eu sei disso. Não acabou por um longo tiro.

Eu vou para o quarto de Helena, bato uma vez. É mais uma batida com o meu punho.

— Helena. Você está aí?

Nada. Eu abro a porta, mas o quarto está vazio. Eu tento o banheiro, batendo novamente, mas também está vazio. Usando a porta de ligação, vou para meu quarto, talvez ela tenha ido até lá. Mas não está aqui também.

— Helena?

Eu ouço o motor do barco e corro para janela, vejo Helena correndo em direção a ele, observando sua prancha. Veja as duas figuras no barco.

— Helena!

Eu me viro e corro para porta, mas vejo a carta descartada no chão. Inclino para pegar a nota familiar de sua irmã com o obituário de sua tia dentro. Lucinda fez isso. Lucinda deu para ela.

Esmago na minha mão e estou prestes a me levantar quando Lucinda reaparece na porta.

— Eu disse para não se afastar de mim. — Ela me olha, enquanto fico de pé e ouço o clique antes de ver a arma que ela levanta na mão. Com um objetivo.

— Que porra você pensa que está fazendo?

Eu vejo a raiva em seu rosto e corro em direção a ela, quase a alcançando antes que ela puxe o gatilho.

Quase.

Um flash de luz e uma dor ardente me atordoam. Tropeço uma vez, duas vezes, mas de alguma forma, tenho o pulso dela e quando caio, ela cai também e a arma atira novamente e meu ombro queima.

Eu caio em cima dela, mas um minuto depois ela me empurra. Observo-a levantar-se, olhar para mim e quando chego a tocar o meu ombro, um líquido quente cobre a minha mão.

— Lucinda. — Eu começo, tentando me levantar através da dor, mas algo me atinge na parte de trás da minha cabeça. Parece que alguém bateu um tijolo contra ela.

Eu pisco, tento forçar meus olhos a ficarem abertos, mas caio para trás e tudo o que sinto é dor, tudo que vejo é preto, tudo o que ouço é o som dos passos de Lucinda correndo para fora do quarto e fico com meus pensamentos e eles estão se agitando, circulando, explodindo até que desaparecem.

Desbotando.

Logo se foram.

21

Helena

Minha tia Helena morreu na noite em que eu saí. Ela morreu enquanto ainda estava naquele avião.

Ela estava morta quando pedi para ele me deixar ligar novamente, sabia disso e não disse uma maldita palavra.

Nenhuma.

Eu não me incomodei em arrumar alguma coisa, nada aqui é meu. Coloquei um jeans e peguei um suéter, calcei um par de sapatos e peguei meu passaporte. Saí pela porta e quando ouvi as discussões vindo do quarto de Lucinda, corri. Desci a escada, saí pela porta da frente e do lado de fora, a noite calma ao meu redor, os sons quietos de grilos e ondas suaves, como as outras noites. Como se nada do lado de fora tivesse mudado. Como se tudo fosse exatamente o mesmo.

Hoje à noite, as luzes que guiam o caminho até as docas estão desligadas. Acho que Lucinda cuidou disso. Claro que ela fez. Ela me quer fora desta ilha. Paro por um momento, hesito. Por quê? Por que ela me ajudaria?

Não, não está me ajudando. Está se ajudando. Tenho que dar crédito a ela. Ela vem batendo de frente comigo desde o primeiro dia. Tem sido horrível, mas honesta, me odeia, mas não joga comigo. Não é como Sebastian.

Ela viu o quão próximo Sebastian estava de mim? É isso que é? Sou uma ameaça para ela? Como? Por quê?

Na minha pressa, tropeço em uma pedra levantada um pouco mais alta que as outras e caio, raspando meus joelhos. Olho para minha mão e para o anel que tia Helena me deu.

Tia Helena está morta.

Ela morreu há semanas e Sebastian sabia disso todo esse tempo.

Cristo. Sou uma idiota. Todo esse tempo no carro, derramando minhas entranhas sobre ela, contando sobre aquela noite, esse segredo que mantive até das minhas irmãs, eu disse a ele.

E quando me disse para confiar nele, eu fiz.

Ela disse que encontrou a carta em sua lata de lixo. Ele nunca iria me dizer? Ou apenas evitar ter que responder toda vez que pedia para ele

me deixar fazer uma ligação? Talvez tramou algo com meus pais para que mantivessem isso em segredo também.

E se ele mentiu sobre isso. Sobre o que mais está mentindo?

Eu não sabia sobre o irmão gêmeo dele. Nunca soube que Sebastian não era tecnicamente primogênito, que o lugar dele não é feito em pedra.

Ele me contou sobre Lucinda ser sua madrasta e senti pena dele. Senti pena dele por sua mãe ter morrido. E se tivesse me dito que ela morreu em seu aniversário, teria conseguido ainda mais simpatia de mim.

O que mais ele não disse? Sobre o que mais estava mentindo?

É verdade o que ela disse? Que ele não precisava fazer isso? Que poderia parar a qualquer momento?

E tudo se resume a uma coisa, dinheiro. Ele libera você de sua obrigação e perde seu lugar como chefe da família Scafoni. Ele perde tudo. Um mundo triste em que vivemos, não é, quando o dinheiro vale mais do que uma vida humana?

Eu me levanto, estremeço com a dor, as pequenas pedras cortam meus joelhos. O motor do barco inicia quando dou meu próximo passo e limpo meu rosto. Não estou chorando por ele. Não estou. Minha tia está morta, essas lágrimas são para ela.

Subo os degraus até o cais e vou até o barco parado, Remy está no volante. Ele não vem me ajudar e subo por mim mesma, mas é bastante fácil.

Assim que estou a bordo, antes de me sentar e nos afastamos da ilha, olho para trás uma vez, olho para a casa grande e bonita com todas suas luzes. Com todas suas mentiras. Todos os mentirosos dentro dela.

Abraço meu suéter para mim mesma e me movo para entrar no espaço fechado do barco, não espero que haja alguém no barco além de mim e Remy, mas alguém está dentro da cabine. Ele levanta quando entro. Ele é alto e grande, mas está usando um moletom e não consigo ver seu rosto.

Algo me diz para virar, para sair do barco, mas estamos longe demais. Quando tento correr, uma mão poderosa se fecha ao redor do meu braço, me machucando e me apertando.

Abro minha boca para gritar, mas ele esmaga um pano frio e úmido sobre meu rosto e nesse momento, Remy se vira. Mas não é Remy. É Ethan. Ethan com um sorriso malicioso, me vendo lutar, chutar e arranhar. E percebo meu erro tarde demais.

O rosto de Ethan é a última coisa que vejo quando o clorofórmio faz seu trabalho e me sinto fraca, sinto meu corpo cair contra o peito poderoso do homem atrás de mim, sinto-o diminuir um pouco enquanto meus braços caem para os lados.

Bato no convés duro do barco, sinto o motor vibrar quando uma bota me empurra rudemente para o lado. O homem sai do espaço fechado e ouço o som abafado da conversa, sinto o cheiro da fumaça de um cigarro

quando perco a consciência e aceleramos para qualquer destino que Lucinda tenha planejado para mim.

Eu sabia que ela não estava fazendo isso para me ajudar.

Mas sua intenção nunca foi me deixar ir.

Foi apenas para me tirar de Sebastian.

Obrigada por ler Taken!
Espero que você tenha amado
Sebastian e Helena.
Sua história continua no segundo e
último livro do Dark Legacy Duet,

TORN